

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

**PPGH**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA

**Educação Patrimonial:** projetos de ensino por meio de bens patrimoniais  
do Município de São Lourenço do Sul (RS)

**CARLA REJANE BARZ REDMER SCHNEID**

**RIO GRANDE  
2014**

**CARLA REJANE BARZ REDMER SCHNEID**

**Educação Patrimonial:** projetos de ensino por meio de bens patrimoniais do  
Município de São Lourenço do Sul (RS)

Trabalho apresentado como requisito parcial/final para aprovação na prova de Defesa do Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da professor (a) Dr(a). CARMEM G. BURGERT SCHIAVON.

**RIO GRANDE  
2014**

## **BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmem G. Burgert Schiavon – FURG  
(Orientadora)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Hilda Jaqueline de Fraga – UNIPAMPA  
(Avaliadora)

Prof. Dr. Carmo Thum – FURG  
(Avaliador)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana K. Senna – FURG  
(Suplente)

*“O importante é que nós não esqueçamos nossas raízes”.*

(Leticia – aluna do 8º ano, 2014)

## **DEDICATÓRIA**

Aos que me fizeram compreender o  
verdadeiro valor do estudo  
e do conhecimento: MEUS PAIS.  
Minha eterna gratidão e carinho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre ilumina os meus caminhos, minhas escolhas e que mais uma vez foi o grande suporte nesta caminhada.

Ao meu querido filho Lucas, que soube compreender com carinho as minhas ausências e que me faz entender todos os dias o que significa o amor do “tamanho do espaço sideral”.

Ao meu esposo José, pelo apoio incondicional nas minhas escolhas. Obrigado pela paciência, pelo carinho e pelo amor em todos os momentos.

Aos meus pais, pelo carinho em todos os momentos.

Às pessoas que “seguraram as pontas” em casa, nas minhas ausências, e que muitas vezes escutaram as minhas angústias, obrigada pelo apoio: Taís, Darli, mãe...

À minha querida orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmem B. Schiavon, pessoa “mais que especial”, pelo direcionamento da pesquisa e da escrita do texto, cuja competência gerou o sentimento de segurança nos momentos mais difíceis. Além disso, um agradecimento especial pelas oportunidades que proporcionou durante estes dois anos de convívio.

Aos meus colegas de trabalho da Escola Martinho Lutero, que me apoiaram com palavras de incentivo durante este processo, principalmente aqueles com quem consegui compreender a real importância do processo educativo desenvolvido a partir da realidade e da cultura do aluno.

Agradeço de maneira especial a equipe diretiva da Escola Martinho Lutero pela confiança em mim depositada, pelo incentivo e pelo apoio nos momentos em que tive que me ausentar das atividades.

As colegas Leni, Cris, Liliam, Iléia, Leonice, Danúbia pela troca de ideias e de conhecimento a respeito de vivências em sala de aula e pelas sugestões dadas para a realização do trabalho.

À colega Sílvia, por aceitar, em meio as suas diversas atividades, a missão de fazer o design do material didático que é produto desta pesquisa.

Ao colega Roni, pelo apoio nas informações geográficas e pelo suporte técnico.

Aos alunos que foram fundamentais no processo de pesquisa para este trabalho, em especial os meus queridos alunos com quem pude dividir muitas das minhas inquietações deste processo.

Aos colegas da Escola Marina Vargas por possibilitarem a realização da pesquisa com seus alunos.

Aos professores e aos colegas do Mestrado Profissional em História, principalmente a Beatriz, a Dinorah, a Luana e a Sabrina pela troca de conhecimentos, de experiências e de angústias, superadas com palavras de incentivo.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Hilda Jaqueline de Fraga, à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Senna e ao Prof. Dr. Daniel Prado pela contribuição para escrita da Dissertação na ocasião da qualificação e pela disponibilidade para a participação da banca.

Agradeço também ao Prof. Dr. Carmo Thum por fazer parte da banca de defesa final e, em especial, pela convivência e pela oportunidade de desenvolver diversas atividades junto com o grupo Educamemória, fato que tem contribuído significativamente para a construção de experiências pedagógicas bastante produtivas, principalmente em ações que são inspiração para a pesquisa desenvolvida.

Enfim, agradeço imensamente a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram ao longo deste processo de construção do conhecimento no qual os mais simples gestos se tornam muito valiosos.

## RESUMO

O ensino de História, na atualidade, passa por um período de transformação em suas metodologias de ensino, tendo em vista o novo olhar para o seu principal objetivo, que é, fundamentalmente, o de compreender as relações humanas, a vida. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo central a busca de estratégias de ensino que possam auxiliar no ensino da História local, a partir dos princípios da Educação Patrimonial, que tem como estratégia de ação, a identificação e a interação com os bens culturais. Esta temática desperta o interesse, principalmente, pela observação de práticas pedagógicas durante alguns anos nas salas de aula, onde se percebe a necessidade de alternativas e possibilidades que tornem o ensino de História mais dinâmico para os alunos. Dessa forma, a Educação Patrimonial surge como alternativa para a superação destas carências didáticas e pedagógicas e, com esta metodologia, pretende-se trabalhar com alguns bens culturais identificados por meio da pesquisa com alunos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de São Lourenço do Sul, servindo estes como documentos e fontes para (re) significar a construção do conhecimento histórico no município. Desse modo, a presente Dissertação encontra-se estruturada em três capítulos; o primeiro capítulo consiste na abordagem dos pressupostos da Educação Patrimonial e sua utilização para o ensino da História local, amparada nos bens patrimoniais destes locais; no segundo capítulo, descreve-se o processo da coleta de dados e informações que levaram à identificação dos bens patrimoniais do Município de São Lourenço do Sul. No último capítulo, de posse de bens patrimoniais coletados, eles serão classificados como materiais ou imateriais, bem como as suas descrições históricas e a sua importância cultural. Assim, a partir destes capítulos, observa-se que os bens culturais identificados passam a ser fontes para o ensino de História das cidades, permitindo a ampliação do espaço restrito apenas à sala de aula, tornando o aprendizado mais dinâmico, reflexivo e despertando o sentimento de pertencimento. Além disso, como produto desta pesquisa, apresenta-se uma proposta de cartilha (voltada principalmente para as séries iniciais do ensino fundamental) elaborada com base na pesquisa dos bens culturais do município, sendo estes os pontos de partida para o ensino da História local.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial. História Local. Ensino de História. Bens Culturais. Memória. São Lourenço do Sul (RS).

## ABSTRACT

The teaching of history nowadays goes through a period of transformation in its teaching methods, considering the new way to look for your main objective, which is basically to understand human relationships, the life. Therefore, this study is mainly aimed the search for teaching strategies that could assist in the teaching of the local history, from the principles of the Heritage Education, that has as action strategy, the identification and interaction with cultural goods. This thematic awakens the interest, mainly by observing pedagogical practices for a few years in the classroom, where one realizes the need for alternatives and possibilities to make the most dynamic history teaching for students. Thereby, the Heritage Education arises as an alternative to overcome these didactic and pedagogical needs and, with this methodology, we intend to work with some cultural goods identified through research with elementary school students of the city of São Lourenço do Sul, serving these as documents and sources to (re) define the construction of historical knowledge in town. Thus, the present dissertation was structured in three chapters; the first chapter consists in the approach of the assumptions of the Heritage Education and its use for the teaching of local history, based on the heritage assets of these places; the second chapter describes the process of data collection and information that has led to the identification of heritage assets of São Lourenço do Sul. In the last chapter, in ownership of the collected heritage assets, they will be classified as material or immaterial, as well as its historical descriptions and their cultural importance. Thus, from these chapters, it is observed that the identified cultural objects become sources for teaching history of cities, allowing the expansion of the restricted space only to the classroom, by making the learning more dynamic, reflective and awakening the feeling of belonging. In addition, as a product of this research, it is presented a primer proposal (mainly focused on the early grades of elementary school) designed based on the research of cultural property from the city, being these the starting points for the teaching of local history.

**Keywords:** Heritage Education. Local History. Teaching History. Cultural Property. Memory. São Lourenço do Sul (RS).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Esquema sugerido para Educação Patrimonial .....	33
Figura 2 - Mapa de situação de São Lourenço do Sul, RS. ....	44
Figura 3 - Mapa do Município de São Lourenço do Sul – zona rural e urbana .....	53
Figura 4 - Vista aérea da E. M. E. F. Martinho Lutero – Santa Augusta - 2º distrito - zona rural.....	54
Figura 5 - E. M. E. F. Marina Vargas .....	57
Figura 6 - Organograma dos Bens Tangíveis .....	72
Figura 7 - Organograma dos Bens Intangíveis .....	73
Figura 7- Igreja Nossa Senhora da Conceição, localizada no Boqueirão .....	76
Figura 8 - Ruínas da Casa de José Antônio de Oliveira Guimarães- às margens do Arroio São Lourenço.....	77
Figura 9 - Fazenda do Sobrado .....	79
Figura 10 - Monumento em homenagem aos 50 anos de colonização .....	82
Figura 11 - Monumento ao Semeador .....	83
Figura 12 - Centro de Saúde da Vila São João da Reserva .....	85
Figura 13 - Praça Dedê Serpa (praça central) .....	87
Figura 14 - Prédio da Biblioteca Pública Municipal .....	88
Figura 15 - Fundação da Comunidade de Bom Jesus e Pomerânia.....	90
Figura 16 - Johannes Hartmeister e sua esposa Theodora .....	90
Figura 17 - Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) - atuais instalações em São Leopoldo – RS .....	92
Figura 18 - Instalações da Comunidade Evangélica Luterana São João/Bom Jesus em 2008.....	92
Figura 19 - Peças em exposição no museu.....	93
Figura 20 - Galpão Crioulo.....	96
Figura 21 - Desfile da Semana Farroupilha .....	100
Figura 22 - Reponte .....	102
Figura 23 - Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Sonnenchein .....	106
Figura 24 - Grupo de danças Sternglanz .....	108
Figura 25 - Modo artesanal de produzir balaios e cestos – Quilombo do Torrão – Faxinal – 2º distrito.....	114

Figura 26 - A Estrela Pomerana – Santa Augusta - 2º distrito .....	115
Figura 27 - “O fazer” pão colonial caseiro .....	118
Figura 28 - Modo de fazer Schmier de melancia .....	118
Figura 29 - Modo de fazer cuca colonial .....	119
Figura 30 - O trabalho na Agricultura .....	120
Figura 31 - Processo de produção do tabaco .....	121
Figura 32 - Pedra guardiã – na localidade de Sesmaria - 4º distrito .....	122
Figura 33 - Cachoeira Salto Bonito – localidade de Sesmaria – 4º distrito .....	123
Figura 34 - A praia: bem natural, ponto de encontro e ponto de lazer .....	123

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico dos lugares .....	62
Gráfico 2 - Gráfico das festas ou celebrações .....	62
Gráfico 3 - Gráfico das formas de expressão .....	63
Gráfico 4 - Gráfico dos saberes .....	63

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- PCN:** Parâmetros Curriculares Nacionais
- IPHAN:** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- GEDUC:** Gerência de Educação patrimonial e Projetos
- MEC:** Ministério da Educação e Cultura
- PDE:** Plano de Desenvolvimento da Educação
- IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- CTG:** Centro de Tradições Gaúchas
- IECLB:** Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil
- IELB:** Igreja Evangélica Luterana do Brasil
- COOPESCA:** Cooperativa de Pesca
- ICECI:** Instituto Cultural e Educacional Casa da Imigração
- FSB:** Fundação Simon Bolívar
- ACA:** Associação dos Cultos Afros

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I – HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	<b>19</b>
1.1 RELAÇÕES ENTRE ENSINO DE HISTÓRIA, HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL .....	19
1.2 ESTABELECENDO RELAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE CULTURA, IDENTIDADE, MEMÓRIA E PÉRTENCIMENTO .....	21
1.3 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E SUAS POSSIBILIDADES.....	27
1.4 HISTÓRIA LOCAL E RECURSOS DIDÁTICOS: O CASO DE SÃO LOURENÇO DO SUL .....	34
1.5 ALGUMAS INSPIRAÇÕES .....	38
<b>CAPÍTULO II – O DESENVOLVIMENTO PRÁTICO DO PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL</b> .....	<b>43</b>
2.1 A ORIGEM HISTÓRICA DOS BENS CULTURAIS DE SÃO LOURENÇO DO SUL.....	43
2.2 ASPECTOS RELACIONADOS AO PATRIMÔNIO CULTURAL LOURENCIANO .....	48
2.3 CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS E DOS ALUNOS ENVOLVIDOS .....	52
2.3.1 A Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero .....	53
2.3.2 A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. <sup>a</sup> Marina Vargas .....	56
2.3.3 Características dos alunos envolvidos na pesquisa .....	57
2.4 O processo de identificação de bens culturais: a pesquisa .....	59
2.4.1 O registro dos bens culturais: o diagnóstico .....	60
<b>CAPÍTULO III – OS BENS CULTURAIS IDENTIFICADOS NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL</b> .....	<b>70</b>
3.1 OS BENS PATRIMONIAIS IDENTIFICADOS: TANGÍVEIS E INTANGÍVEIS .....	70
3.2 A EFETIVAÇÃO DO MATERIAL PEDAGÓGICO: A VALORIZAÇÃO DOS BENS CULTURAIS LOCAIS .....	75
3.2.1 Os locais históricos.....	75
3.2.2 O desenvolvimento de São Lourenço.....	85
3.2.3 Outros locais históricos de destaque .....	87

3.2.4 Os museus.....	88
3.2.5 Os espaços de lazer .....	94
3.2.6 As festas e celebrações .....	96
3.2.7 As formas de expressão .....	105
3.2.8 Os saberes .....	113
3.2.9 O patrimônio natural .....	122
3.3 Considerações importantes .....	124
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>134</b>
<b>MATERIAL DIDÁTICO.....</b>	<b>141</b>

## INTRODUÇÃO

Há alguns anos, o ensino de História apresentava-se marcado por uma trajetória amparada numa visão simplista, na qual se estudavam os grandes feitos dos “heróis”, dos “grandes homens”, resultando-se num processo de ensino limitado, no qual o espaço de aprendizagem, de criticidade e de identificação dos processos históricos, por parte dos alunos, tornava-se muito restrito, numa visão ultrapassada de que a História serve apenas para decorar nomes de datas.

Por outro lado, com as experiências práticas em sala de aula, ao longo de alguns anos, como professora da rede municipal de ensino de São Lourenço do Sul (RS), pode-se perceber que a “antipatia” que os alunos tinham com relação à disciplina curricular pode ser superada com metodologias de ensino em que o conhecimento histórico é construído junto aos alunos, numa perspectiva mais dinâmica, relacionando-se o contexto histórico mais geral ao cotidiano e à sua realidade.

Nesse sentido, ao se pensar com o aluno a construção do conhecimento histórico a partir de fatos que para ele são mais familiares, quebra-se a resistência ou a visão de que a História só serve para relembrar fatos do passado, “coisas” que não servem para o presente.

Esta perspectiva, de um modo pessoal, vem sendo construída a partir das próprias experiências de aprendizado, ou melhor, do “não-aprendizado” de História ao longo do ensino fundamental e médio, vivência esta compartilhada também com diversos colegas que relatam a mesma situação, na qual os processos históricos não faziam o menor sentido, por ser uma História compartimentada, em que não se estabeleciam relações entre estes processos, muito menos com a realidade em que se vivia. Infelizmente, nos dias atuais, estes métodos ainda permanecem entre alguns profissionais da área, mas, com as fortes discussões em torno de um ensino de História mais interessante e, por consequência, o surgimento de estratégias metodológicas diferenciadas, espera-se uma mudança neste panorama.

Além disso, outras experiências positivas com relação ao processo de ensino-aprendizagem fizeram perceber que novas ações relacionadas à busca de atenção e de interesse dos alunos para o entendimento das relações humanas são possíveis e necessárias. Dessa maneira, destacam-se as vivências de ações pedagógicas diferenciadas que propiciam ao aluno a percepção de si mesmo e do seu entorno, para que, a partir daí, ele possa construir o conhecimento.

Estas ações citadas são desenvolvidas há alguns anos em uma escola da zona rural do município, cuja metodologia está amparada na valorização da cultura local através de registros da memória da população do entorno da escola. Neste processo diferenciado, pode ser percebido, ao longo de seis anos, uma mudança de pensamentos e de sentimentos com relação à história e à cultura dessa comunidade, que antes deste processo não era vista como importante pelos indivíduos pertencentes a esta realidade.

Nesse sentido, percebe-se a importância da compreensão da história local, amparada principalmente na percepção de seus bens culturais, como passo inicial para a construção do conhecimento histórico e da realidade atual num contexto mais amplo. Esta realidade serve como justificativa para a necessidade de ampliação de ações pedagógicas que envolvam o patrimônio do município.

Com base nestas constatações, pensou-se na formulação de uma proposta que pudesse ser desenvolvida na rede de ensino, no município de São Lourenço do Sul, amparada num processo de interação entre a comunidade e seus bens culturais. Nessa perspectiva, o uso da metodologia da Educação Patrimonial passa a ser essencial no processo, tendo em vista que perpassa pelos processos de percepção, identificação, representação e valorização do Patrimônio Cultural, sendo este o ponto de partida, a fonte histórica para o ensino de História, favorecendo o aprendizado nas mais diversas áreas; inclusive, da História, por meio da educação do “olhar”, o olhar a si mesmo para compreender o outro.

Ao mesmo tempo em que a Educação Patrimonial e suas possibilidades são assuntos novos para a rede de ensino do município de São Lourenço do Sul, pretende-se divulgar amplamente esta metodologia de trabalho entre os professores da rede de ensino, através de um material didático (sobre a história de São Lourenço do Sul), elaborado a partir da metodologia da Educação Patrimonial, para que possa ser

utilizado na rede básica de ensino local. Após a identificação dos bens culturais do município, a partir de um diagnóstico com alunos da rede básica de ensino, busca-se a motivação e a valorização da identidade e da cultura local, despertando o interesse no conhecimento e na preservação do Patrimônio Cultural lourenciano. Dessa maneira, estarão se criando subsídios pedagógicos para a educação básica na rede municipal de ensino, demonstrando a importância que a Educação Patrimonial vem desenvolvendo como alternativa para um ensino de História mais dinâmico e representativo.

Devido a esta aproximação com a Educação Patrimonial, desenvolveu-se um trabalho de pesquisa com alunos e profissionais da rede municipal de ensino, o qual resulta em um livro didático proposto para o ensino da história do município, previsto no plano de estudos para o 4º ano do ensino fundamental. Assim, neste trabalho, destaca-se que o processo desenvolvido (até se chegar a este produto final) está dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo consiste na abordagem dos pressupostos da Educação Patrimonial e sua utilização para o ensino da História local, amparada nos bens patrimoniais destes locais. Para tanto, apresenta-se uma reflexão entre os conceitos de cultura, memória, identidade(s) e pertencimento, essenciais para a efetivação da proposta que pretende utilizar os bens culturais como documentos e fontes para o ensino e a pesquisa. Além disso, citam-se alguns aspectos de uma experiência pedagógica desenvolvida com base na identificação de aspectos culturais da comunidade do entorno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero, como alternativa para o estudo da cultura local, servindo como justificativa para novas possibilidades para a prática pedagógica, principalmente, no que diz respeito ao ensino de História.

No segundo capítulo, descreve-se o processo da coleta de dados e informações que levaram à identificação dos bens patrimoniais do Município de São Lourenço do Sul. Desse modo, indica-se a descrição das fontes de pesquisa utilizadas; neste caso, as Escolas e as suas respectivas clientela. Além disso, relata-se o panorama de ações referentes ao tema Patrimônio e bens patrimoniais no município.

No último capítulo desta Dissertação, de posse de bens patrimoniais coletados, eles serão classificados como materiais ou imateriais, e suas descrições históricas ou sua importância cultural para a comunidade irão oportunizar a constituição do material didático proposto, que se encontra em anexo.

# **CAPÍTULO I – HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

## **1.1 RELAÇÕES ENTRE ENSINO DE HISTÓRIA, HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

As motivações, as dúvidas e as inquietações que inspiram este trabalho, certamente, são comuns nos vários âmbitos educacionais de todo o Brasil. Dentro deste contexto, a proposta do trabalho insere-se na perspectiva da crise no ensino de História e da carência de materiais pedagógicos e propostas que valorizem a história local dentro dos conteúdos programados nas Escolas para as séries iniciais deste ciclo.

Grande parte das discussões a respeito de “soluções” para um ensino de História mais interessante, ou até mesmo o ensino em geral, giram em torno de propostas que despertem o interesse dos alunos, que façam algum sentido para sua vida. Dessa maneira, tenta-se olhar um projeto como exemplo de estudo da cultura local como princípio norteador à compreensão do mundo, da comunidade, do próprio sujeito e do seu papel no mundo.

Nesse sentido, CAINELLE (2010), ao se referir aos temas, referentes à disciplina de História, ensinados para as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, afirma que “o ensino de história precisa se relacionar com os sujeitos que aprendem começando pela tarefa de ensinar aos alunos a sua história e o seu papel enquanto sujeitos históricos” (p. 19).

Em períodos anteriores a este, o conhecimento histórico era valorizado apenas a partir da visão política da História, no momento em que tudo era explicado a partir dos acontecimentos políticos. Os “grandes homens”, protagonistas da história, lideravam os territórios delimitados por um poder, transformando a escrita da história com base em grandes feitos e em grandes personagens. Depois disso, tem-se uma valorização da história econômica, a qual priorizava a formação econômica das sociedades.

Com o surgimento de críticas a partir dos próprios historiadores a estas modalidades de interpretação histórica, estas cedem espaço para a ampliação do olhar para as ações humanas no tempo. Então, os modos compartilhados de pensar, agir e sentir passaram a ser considerados objetos da História.

O processo de mudança mais significativa no ensino de História dá-se a partir da Lei 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, evidenciando uma nova forma de pensar a aprendizagem, na qual os alunos possam se utilizar das informações para a transformação de sua própria personalidade, atuando de maneira efetiva na sociedade. As obras didáticas elaboradas para as séries iniciais a partir de então, segundo CAINELLI (2010), passaram a tratar de conceitos de espaço, tempo e sociedade, em que os conteúdos propostos estão constituídos a partir da história do cotidiano da criança (no seu tempo e no seu espaço) integrados a um contexto mais amplo dos contextos históricos.

Nesse contexto, inicia-se o aprendizado histórico a partir da realidade mais próxima do aluno, a sua comunidade, o seu município, o seu estado até chegar a seu aspecto mais amplo de história geral.

Assim, pode-se afirmar de antemão, que a carência de materiais pedagógicos que auxiliem o professor a trabalhar a história do município se torna um obstáculo no ensino da história local, fato comum em grande parte dos municípios do país. A história, neste sentido, muitas vezes ainda está amparada no Positivismo, nos grandes heróis, nas pessoas ilustres e nos acontecimentos ditos marcantes da cidade.

Além dos aspectos relacionados ao conteúdo de História ensinado nos anos iniciais, CAINELLI (2010) afirma ainda que o livro didático tem uma grande importância na seleção de conteúdos para o ensino de História, nos quais professores se apóiam constantemente em busca de sustentação para as práticas na sala de aula.

Levando-se em conta a importância dada ao livro didático pelos professores, principalmente das séries iniciais, pensou-se na possibilidade de criação de um material didático que possa ser útil aos profissionais desta área, para a compreensão da história local, no caso do município de São Lourenço do Sul-RS; material este elaborado a partir das metodologias que proporcionam um aprendizado mais dinâmico e, conseqüentemente, neste caso, um saber relativo à Educação Patrimonial.

Assim, para se trabalhar a História a partir da experiência de vida do aluno faz-se necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e das lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. Em

outras palavras, é preciso dar voz às histórias desses sujeitos, que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados.

Neste sentido, produzir ações de pesquisa e ensino relacionadas à cultura em que uma comunidade escolar está inserida torna-se uma atividade primordial para que a educação faça sentido para estes sujeitos, tendo em vista que, ao encontrar na História os referenciais culturais da comunidade estudada e dos sujeitos envolvidos, propõe-se uma metodologia capaz de apontar saberes e princípios de pertencimento histórico.

Dentro deste contexto, a história local tem sido apontada como necessária para o ensino, por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – e, principalmente, por situar os problemas significativos da história do presente.

A compreensão da história local e da sua relação com os temas mais amplos da história oportuniza ao educando a experiência de se sentir parte da história. Nesse sentido, a Educação Patrimonial reforça esta possibilidade na medida em que sua metodologia tem como ponto de partida e centro o patrimônio cultural com todas as suas manifestações (GRUNBERG, 2007), ou seja, este patrimônio está centrado no pluralismo cultural, podendo ser trabalhado em qualquer grupo social, nas mais diversas culturas. Segundo BITTENCOURT (2011),

[...] a educação não pretende apenas evocar os fatos históricos “notáveis”, de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer para a rememoração daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais, regionais e de caráter nacional. (p. 278).

Nesse sentido, a Educação Patrimonial proporciona a ligação do presente com o passado por meio da identificação e valorização do patrimônio, que pode ser algo muito próximo do aluno, que também faz parte da “sua” história.

## **1.2 ESTABELECENDO RELAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE CULTURA, IDENTIDADE, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO**

Partindo-se do princípio de que a Educação Patrimonial torna-se uma ferramenta metodológica importante para a aprendizagem histórica, utilizando-se como fonte de estudo o patrimônio cultural de determinada comunidade, neste caso, do próprio município, é necessário que se estabeleçam algumas relações conceituais entre cultura, identidade e pertencimento, atividades essenciais para o

desenvolvimento desta prática.

Entre as diversas definições de cultura, CANDAU (2011) afirma que ela é o “compartilhamento de práticas, crenças, lembranças produzidas em uma determinada sociedade” (p.11). Ou, ainda, de acordo com Hall, os seres humanos possuem sistemas de significados que são utilizados para codificar, organizar ou regular sua conduta em relação aos outros, dando sentido às nossas ações. O autor afirma também que os sistemas ou código de significado:

[...] nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomadas em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação [...] (HALL, 1997, p. 1).

Os produtos que se formam ou surgem a partir de uma cultura são bens culturais, pelos quais se pode compreender e identificar a cultura de um povo, em determinado lugar e momento histórico. Esses bens culturais podem ser materiais (objetos concretos) ou imateriais (que não se materializam no tempo). Como afirma PELEGRINI (2009, p. 22), “são um ‘legado vivo’ que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, reunindo referenciais identitários, memórias e histórias, essenciais para a formação do cidadão”.

Nesse sentido, a memória passa a ter também um papel significativo, pois, ao mesmo tempo em que proporciona a coesão entre os indivíduos com a mesma tradição e história, também evidencia as diferenças culturais que podem favorecer a aceitação da diversidade como um valor essencial para o convívio em sociedade (op. cit., p. 24).

Nessa relação entre a Educação Patrimonial e a História Local, a memória passa a ser a base da identidade (BITTENCOURT, 2011, p. 168), sendo através dela que se chega à história local. De acordo com NORA (1993, p.15), a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento.

Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem também os “lugares de memória”, lugares de amplo significado, pois representam algum sentido material, simbólico ou funcional para determinados indivíduos. Esses lugares de memória podem ser representados por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas que necessariamente se constituem como bens culturais para a comunidade. Os lugares de memória, para NORA (1993), são lugares em todos

os sentidos do termo; vão do objeto material e concreto, ao mais abstrato, simbólico e funcional; simultaneamente, em graus diversos, esses aspectos devem coexistir sempre. Nesse sentido, o autor afirma que:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar (pp. 21-22).

São, portanto, locais materiais e imateriais onde se cristalizaram as memórias de uma sociedade, de uma nação; locais onde grupos ou povos se identificam ou se reconhecem, possibilitando existir um sentimento de formação da identidade e do pertencimento.

Ao se tratar da memória, torna-se necessário também trabalhar a noção de identidade. Esta depende da memória para se constituir, visto que a busca da identidade individual ou coletiva identifica o indivíduo e a sua sociedade, haja vista que os saberes e as práticas de determinado grupo social são reproduzidos mediante recordações do passado.

A historiadora PESAVENTO (2005) apresentou o conceito de *identidades* enquanto representação social como um campo de pesquisa na historiografia, conforme se destaca abaixo:

[...] a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro (p. 89).

Para CASTELLS (1999), o conceito de *identidades* estrutura-se como o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais interrelacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (p. 22).

Observa-se, então, que existe uma relação clara e direta entre a identidade do indivíduo com a cultura e a consequente valorização deste modo de viver, despertando um sentimento de pertencimento. Este diz respeito à apropriação dos bens culturais pela comunidade, com a finalidade de “retomar emoções, costumes, modos de viver e formas de entender o mundo que se entrelaçam às reminiscências

do tempo pretérito e corroboram para a construção das identidades coletivas no presente” (PELEGRINI, 2009, p. 35).

Ao se compreender este mecanismo, pode-se desenvolver um ensino de História que tenha como objetivo primeiro a busca desta identidade do aluno, do seu pertencimento através da identificação de sua cultura, para que a partir daí se faça esta conexão com a História propriamente dita, prevista como conteúdos programáticos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para que ele mesmo possa se compreender como sujeito da história.

Tornando-se este o ponto de partida, merecem destaque, também, as temáticas determinadas pela historiografia, para serem utilizadas no estudo da cultura de um determinado grupo. De acordo com BARROS (2008), a História Cultural abre esta possibilidade, pois:

[...] as concepções que se acoplam mais habitualmente à de “cultura” para constituir o universo de abrangência da História Cultural são as de “linguagem” (ou comunicação), “representações”, e de “práticas” (práticas culturais realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as “práticas discursivas” como as “práticas não-discursivas” (p. 59).

Essa nova forma de interpretar os fatos busca fugir da História historicizante, uma história que era mais fechada e não mantinha diálogo com as demais Ciências Humanas. Abriu-se assim o campo para a problematização do social, como também para com as pessoas comuns, seus modos de viver, sentir e pensar a sua cultura. Nesse sentido, Barros afirma que “toda vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual ou um artesão” (BARROS, 2005, p. 3).

Para a Nova História Cultural, as práticas culturais envolvem todo o espaço da experiência vivida e a cultura permite ao indivíduo pensar essa experiência, ou seja, criar formulações de vivência. Todo simbolismo é fator de identidade, e toda a cultura é cultura de um grupo: “história é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e cultural” (PROST, 1998, p. 135).

De acordo com as noções complementares de “práticas” e “representações” elaboradas por CHARTIER (2006), a cultura (ou as diversas formações culturais) poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre estes dois polos. Assim, “tanto os objetos culturais seriam produzidos 'entre práticas e representações', como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre

estes dois polos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos 'modos de fazer' e aos 'modos de ver'" (BARROS, 2005, p. 5).

Desse modo, surge um interesse no estudo dos sujeitos produtores e receptores de cultura e, nesta perspectiva, os objetos culturais passam a ser produzidos nesse meio assim como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulam entre esses dois polos correspondendo aos "modos de fazer" e aos "modos de ver". Assim, abrem-se as possibilidades para o estudo dos usos e costumes e dos modos de viver em sociedade.

Da mesma forma que houve esta mudança no campo historiográfico, pode-se dizer que ela se estende também aos modos de ensinar História, ou pelo menos possibilitam a sua discussão, sabendo-se que nem sempre estes novos modos de ensino são postos em prática de imediato, sendo que, na maioria das vezes, ocorre certa resistência às mudanças por parte dos profissionais da área.

De qualquer forma, a mudança somente é possível na medida em que se abrem possibilidades para um processo de ensino aprendizagem mais dinâmico, que se aproxima da realidade do aluno e faz algum sentido para a sua vida, despertando nele um interesse maior.

De acordo com a historiadora Margarida Dias de Oliveira, é necessário que se supere a visão de que a História, como disciplina, representa o resgate de todo o passado e de todas as sociedades, herança das concepções positivista e metódica preponderantes na escrita da História no século XIX e que permaneceu na história escolar em grande parte do século XX, como se constata a seguir:

A necessidade de superação dessa visão é coerente, tanto com um consenso entre os profissionais de História sobre a natureza dos estudos históricos quanto com concepções de educação que entendem o aluno como sujeito do seu conhecimento e que, portanto, têm por finalidade básica a construção de posturas investigativas por parte dos estudantes (OLIVEIRA, 2010, p. 9).

Dessa maneira, percebe-se a necessidade de uma integração do aluno com o seu meio, onde ele possa se tornar um participante ativo na construção dos conhecimentos históricos, para que estes façam algum sentido na sua vida.

Da mesma forma, para Almeida e Gil, a disciplina de História, para cumprir seu papel, necessita ter como foco a construção de possibilidades educativas que reflitam sobre a história do aluno, de coletivos próximos e distantes. Assim, em sintonia com outras disciplinas do currículo escolar, coloca o aluno diante de situações em que ele tenha que tomar decisões, argumentar, construir sequências de ideias, contextualizar

fatos, localizar eventos no tempo e no espaço, defender posições, perceber para além do evidente, desconfiar de verdades e determinismos, compreender processos históricos, pois tudo isso favorece o desenvolvimento das competências necessárias para a atuação do aluno em sociedade. Ao ter esta percepção, o aluno constrói a sua identidade. Além disso, as autoras também afirmam que:

o tema identidade é fundamental para o trabalho com o aluno, porque além de fornecer algumas respostas provisórias à pergunta “quem sou”, também dá pistas sobre “o que sou capaz de ser/fazer”, “quais as minhas competências” e “como posso organizar projetos de vida, o meu futuro” (ALMEIDA; GIL, 2012, p. 39).

Portanto, no momento em que o aluno tem a possibilidade de se perceber como sujeito histórico a partir da realidade que o cerca, ele estará construindo a sua identidade. Isso se torna possível graças ao trabalho com a História local aliada à metodologia da Educação Patrimonial, proporcionando um novo olhar para o ensino de História.

Dessa forma, o ensino da História local apresenta-se como ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar as relações sociais que se estabelecem entre educador, educando, sociedade e o meio em que vivem e atuam. Assim, a história local traz uma nova perspectiva para o ensino da História, valorizando a historicidade das pessoas comuns. Ao trazer à tona acontecimentos, personagens e lugares comuns ao estudante, possibilita a sua aproximação com a disciplina e faz com que se perceba uma relação dialética entre passado e presente.

Com a proposta de ressignificação do olhar do educando, através da sua problematização a fim de que este perceba o seu entorno como construído historicamente e que, portanto, como agente histórico, suas escolhas constituem uma construção histórica. De acordo com Barros, “o ensino aprendizagem da história local configura-se como um espaço-tempo de reflexão acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades desses sujeitos e de seus grupos de pertença” (BARROS, 2013, p. 303).

Dessa forma, a História local ganha significado e importância no ensino fundamental, exatamente pela possibilidade de construir no sujeito o pensamento sobre a história individual e da coletividade, apresentando as relações sociais que ali se estabelecem com a realidade mais próxima.

Assim, ao ter como princípios metodológicos a própria Educação Patrimonial, o ensino voltado para o local deve levar em conta a utilização do patrimônio cultural

como fonte de ensino/aprendizagem. Dessa forma, o sentido de patrimônio deve estar ligado à herança cultural, de algo que teve significado para alguém e motivou a transmissão deste significado para outro, num ímpeto de preservação e valorização. Dessa forma, contribui também para a problematização das identidades brasileiras, fortalecendo o sentimento de pertencimento do aluno com o seu entorno. Em relação ao ambiente, ajuda a pensar que as condições de existência das populações estão imbricadas no que ocorre na natureza e no ambiente.

### 1.3 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E SUAS POSSIBILIDADES

Com a ampliação do conceito de patrimônio nas pesquisas contemporâneas, ele deixa de ser restrito ao passado relegado às exposições monumentais e passa a ser definido como o “espaço simbólico onde representações em disputa são determinadas e validadas pelos diversos agentes” (CASTRIOTA, 2009, p. 11). Por isso, reconhecido não apenas como patrimônio histórico, mas sim como patrimônio cultural, englobando os bens culturais históricos, ecológicos, artísticos e científicos. De acordo com o artigo 216 da Constituição de 1988,

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, os objetos, os documentos, as edificações e os demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Ministério da Cultura, Brasília, 2000).

Ao se reconhecer também o patrimônio imaterial, este passou a ter espaço e garantia de preservação com o “Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial” do IPHAN, em 2000. Assim, a ampliação da noção de patrimônio possibilita que o patrimônio cultural passe a ser o ponto de partida para ações educativas, surgindo assim a Educação Patrimonial. Esse decreto definiu os bens culturais intangíveis, de natureza imaterial, e estabeleceu seu registro, assim como o dos bens materiais. A partir de então, tornou-se possível ao Estado brasileiro alcançar maior sintonia com as questões que envolvem a diversidade da cultura e o que diz respeito ao patrimônio cultural. O patrimônio passou a ser visto como um lugar de memória social, permitindo

a inclusão de bens relacionados a outros setores sociais, que não os dominantes.

Os mecanismos de patrimonialização criados a partir de então no Brasil englobam não apenas bens materiais, “de pedra e cal”, mas também os imateriais. Segundo PELEGRINI (2009), os artigos 215 e 216 da Constituição de 1988 prescreviam a defesa do patrimônio cultural brasileiro, sendo que “esse patrimônio constituía os bens materiais e imateriais que se referiam à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (p. 28). Esta interpretação impulsionou a criação de um novo instrumento de preservação no país: o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, implementado pelo Decreto nº 3.551/2000. A partir de então, os bens imateriais passaram a ser registrados no Livro de Registro dos Saberes, livro das Formas de Expressão, livro das Celebrações e o livro dos Lugares.

Nesse sentido, a simples preservação e conservação do patrimônio não garantem a compreensão de seus significados, a valorização e a apropriação como algo que faça parte da memória da sociedade. É necessário que ao lado da preservação se instaure um processo de comunicação/apropriação. Esta comunicação confere sentido ao patrimônio na medida em que ele é utilizado, por exemplo, como objeto de ensino. Para HARTOG (2006),

O patrimônio é constituído de testemunhos, grandes ou pequenos. Como em relação a todo testemunho, nossa responsabilidade é de saber reconhecê-los em sua autenticidade, mas, além disso, nossa responsabilidade se encontra engajada em relação às gerações futuras (p. 269).

Este patrimônio pode ser materializado nas mais diversas formas de manifestação humana, tornando-se construções ou produções que trazem uma carga de sentimentos, de memórias tristes e alegres, de tempos vividos e experiências importantes para quem viveu o momento e como acúmulo para os que recebem essa herança. PELEGRINI (2009) afirma que “a valorização das tradições orais, saberes e ofícios mais caros aos membros da comunidade onde as pessoas vivem favorecerão a conservação das memórias e histórias locais” (p. 7).

Em outras palavras, a Educação Patrimonial busca desvendar essas relações, torná-las acessíveis às crianças, jovens e adultos por meio de uma revalorização da cultura, do saber e do fazer humanos. Em outras palavras, o uso da sua metodologia permite uma releitura do patrimônio, extrair dele a essência humanizante e potencializar seu significado individual e coletivo.

Partindo da premissa de que é a partir do local que o aluno começa a construir

sua identidade e a se tornar membro ativo da sociedade civil, fazendo prevalecer seu direito de acesso aos bens culturais – sendo eles materiais ou imateriais –, a Educação Patrimonial possibilita o estudo e a compreensão da história do local justamente a partir dos patrimônios culturais de determinada comunidade. De acordo com FRAGA (2013),

[...] ao proporcionar uma “alfabetização cultural” em que os objetos considerados como documentos são a matéria-prima para o ensino e a aprendizagem da História, a Educação Patrimonial possibilita uma mediação educativa em que os vestígios do passado são “dissecados” e “decifrados” em sua historicidade (p. 109).

Dessa maneira, os elementos que fazem parte do patrimônio cultural servem como fontes instigantes para a compreensão das ações humanas no tempo e no espaço.

A temática referente ao patrimônio cultural adquiriu expressiva importância nas últimas décadas. De um discurso patrimonial, que se referia aos monumentos como fatos do passado, se transitou para a concepção de patrimônio como bens culturais, referente às identidades e às memórias coletivas. Dessa maneira, múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomia, expressões de arte, documentos, sítios arqueológicos, entre outros, passaram a ser reconhecidos e valorizados por comunidades e organismos governamentais nas esferas local, estadual, nacional e global. Nesse sentido, entende-se como patrimônio cultural o conjunto de bens culturais com valor simbólico de identificação individual ou coletiva.

Nesse sentido, POSSAMAI (2010) propõe que o patrimônio seja problematizado como “um construto social, forjado nas relações sociais, e que guarda um sentido na sua configuração, estando aberto à elaboração de novos significados” (p. 8); submetido às críticas de diferentes etnias, classes ou grupos, transformando-se assim em documento da época e da sociedade que o criou.

Ainda de acordo com o mesmo autor (op. cit., p. 8), “as ações educativas voltadas ao patrimônio colocam-se como construções abertas, como processo de elaboração e leituras sobre a cidade, sua memória e seu patrimônio”. Os bens culturais, como fontes primárias de observação, representadas através do patrimônio das cidades, fornecem uma amplitude de informações passíveis de interpretação histórica, viabilizando a sua utilização como ensino de história, principalmente da história local.

Neste contexto de mudanças conceituais com relação ao patrimônio, surge

também a necessidade de reconhecimento e salvaguarda destes bens culturais representativos. Entre elas, destaca-se a Educação Patrimonial, na qual o uso do patrimônio como fonte permite “um exercício de (re)significação cultural e da construção de outros olhares sobre o patrimônio de uma determinada comunidade” (SCHIAVON; SANTOS, 2013, p. 86), ampliando as reflexões sobre os registros oficiais de um espaço.

De acordo com GIL (2013), “o conceito de que preservar o patrimônio é educação já aparecia nas proposições de Mário de Andrade no período de criação do IPHAN”, mas que as ações educativas, por sua vez, não acompanharam as práticas de preservação do patrimônio ao longo dos tempos.

Em seu histórico, de acordo com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o termo Educação Patrimonial foi utilizado no Brasil, pela primeira vez, em 1983, no 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, realizado no Museu Imperial de Petrópolis (RJ). Em 1996, foi lançado o Guia Básico de Educação Patrimonial, das autoras Maria de Lourdes Pereira Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiros Monteiro. Este guia se tornou o principal material de apoio para ações educativas realizadas pelo IPHAN durante a década passada e elucida as “quatro etapas progressivas de apreensão concreta de objetos e fenômenos culturais”, sendo as de observação, do registro, da exploração e da apropriação dos bens culturais, sugeridos pelas autoras neste material e que são utilizados até hoje para a educação patrimonial.

Em 2004, foi criada a Gerência de Educação Patrimonial e Projetos (GEDUC), que seria a primeira instância da área central do IPHAN voltada para a educação patrimonial. A partir daí são incentivados vários projetos e eventos que ampliam o campo de estudos e ações pedagógicas para todo o país.

Já, em 2011, o IPHAN, em parceria com o MEC (Ministério da Educação e Cultura) decide pela incorporação da Educação Patrimonial no Programa Mais Educação, desenvolvido no macrocampo “Cultura e Artes”. Segundo a política patrimonial do IPHAN, a atividade da Educação Patrimonial no Programa Mais Educação possibilita “estimular um novo olhar para a escola e o território no qual está inserida a partir da ideia de torná-los espaços educativos. Os patrimônios culturais que estão na escola e em seu entorno certamente podem ajudar nessa transformação” (IPHAN, 2014, p. 35).

Dessa forma, percebe-se a importância da inserção da Educação Patrimonial

nos diversos espaços de ensino e aprendizagem, alicerçados na possibilidade de um novo foco para o ensino de história. De acordo com o site do IPHAN,

[...] as políticas educativas foram se afastando de ações centradas em acervos museológicos e restritas a construções isoladas para a compreensão dos espaços territoriais como documento vivo, passível de leitura e interpretação por meio de múltiplas estratégias educacionais. Seus efeitos se potencializam quando conseguem interligar os espaços tradicionais de aprendizagem a equipamentos públicos, como centros comunitários e bibliotecas públicas, praças e parques, teatros e cinemas. Tornam-se também mais efetivas quando integradas às demais dimensões da vida das pessoas e articuladas a práticas cotidianas e marcos de referências identitárias ou culturais de seus usuários (IPHAN, 2014, p. 24).

PELEGRINI (2009), afirma que a Educação Patrimonial constitui uma prática educativa e social que visa à organização de estudos e atividades pedagógicas inter e transdisciplinares. Dessa maneira, ela foi admitida como uma estratégia fundamental para a transmissão de valores atribuídos aos bens culturais. Sobre a inserção desta temática no ensino fundamental, médio e profissionalizante, destaca que:

Constituem mananciais agregadores capazes de envolver educadores, estudantes e demais cidadãos na descoberta e proteção dos bens culturais e naturais que os cercam. A valorização das tradições orais, saberes e ofícios mais caros aos membros da comunidade onde essas pessoas vivem favorecerão a conservação das memórias e histórias locais (op. cit., p. 17).

Diante disso, a Educação Patrimonial passa a ser uma metodologia de ensino também para a História local, pois reúne elementos que podem suscitar reflexões nos estudantes sobre sua comunidade, sua cultura, seu modo de viver. Além disso, GRUNBERG (2000) afirma que a educação patrimonial pode:

[...] proporcionar à criança um maior contato com a criação cultural, que é um fazer contínuo da sociedade na qual a criança tem um espaço próprio, ao mesmo tempo em que lhe possibilita adquirir os instrumentos para recriar, transformar, usar e desfrutar o Patrimônio Cultural da sua região, do seu país e do mundo inteiro, preservá-lo, enriquecê-lo para participar das mudanças da cultura de hoje e do amanhã (p. 164).

Ao se utilizar da produção cultural, enfocando diretamente a cultura local e a sua problematização, esta metodologia permite o estudo dos valores e das tradições, abordando a cultura numa perspectiva dinâmica e interativa.

Os bens culturais de uma comunidade reúnem referenciais identitários, memórias e histórias (PELEGRINI, 2009, p. 23) que são essenciais à formação do cidadão. A autora afirma, ainda, que nem tudo o que é antigo constitui um bem patrimonial, mas somente aqueles dotados dos sentidos de pertença e identidade, de

modo a constituir um valor cultural mais amplo.

Além disso, os bens culturais são também chamados de bens patrimoniais e devem possibilitar, segundo GRUNBERG (2000, p. 160), uma experiência concreta de evocação do passado; caso contrário, sua guarda e preservação perderiam o sentido. Desse modo, a autora afirma que:

Os bens culturais são o ponto de partida do qual se originam um sem-número de informações, conhecimentos e enfoques. Eles servem como fonte primária de observação aberta à exploração. Neles se condensa um amplo leque de manifestações e relações humanas, tanto existidas como existentes. A proposta de utilizá-los como recursos educacionais, aplicando uma metodologia específica de trabalho, chamamos de Educação Patrimonial (op. cit., p. 164).

Os passos metodológicos da Educação Patrimonial, de acordo com HORTA (1996), GRUNBERG (2000) e PELEGRINI (2009), estão amparados nas experiências empíricas e apontam quatro etapas essenciais do ensino aprendizagem nesse campo, que consistem na observação, no registro, na pesquisa e na apropriação do bem material analisado.

Na primeira etapa, a “observação” consiste na busca da identificação dos objetos, dos saberes ou rituais próprios da localidade onde se desenvolve a metodologia, assim como a caracterização de suas respectivas funções e significados.

Na etapa do “registro”, busca-se enumerar os bens reconhecidos pela comunidade, “a observação e a análise do valor patrimonial dos bens por intermédio de desenhos, descrições verbais ou escritas, definições de gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas arquitetônicas” (PELEGRINI, 2009, p. 38).

Num terceiro momento, torna-se necessário o exame do patrimônio levantado, ou seja, “do desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação de evidências e significados” (op. cit., p. 38) é necessário que se faça uma análise do significado desses bens materiais para a comunidade através de pesquisas relacionadas a eles.

A última etapa constitui-se na apropriação dos bens culturais que “implica o envolvimento afetivo dos estudantes ou da população com os bens culturais, a participação criativa e a valorização do patrimônio local” (op. cit., p.38). Da mesma forma, para GRUNBERG (2000), esta última significa

[...] a culminância da apropriação da experiência vivenciada, é neste momento que se faz a interpretação e a comunicação de todo fato percebido e registrado. É nesta etapa que se manifesta a capacidade criativa e se retoma o conhecimento adquirido com um julgamento de valor (p. 168).

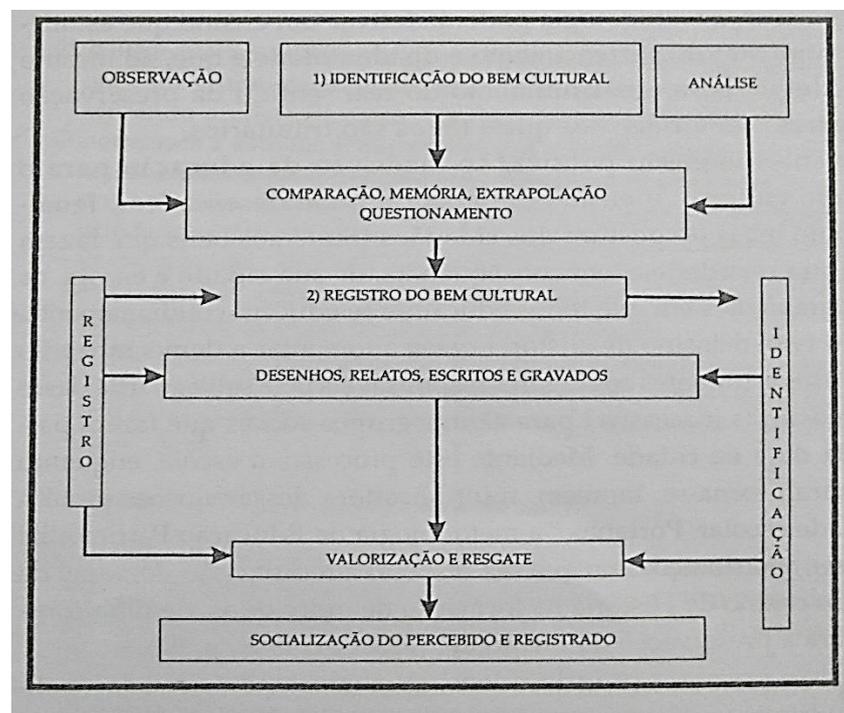
Assim, conforme a autora, a apropriação dos bens culturais constitui o retorno ou a devolução do conhecimento constituído ao longo do processo da Educação Patrimonial em que pode ser expresso no espaço educativo através de diversas atividades. De acordo com PELEGRINI (2009),

O contato dos estudantes com a cultura material e os bens imateriais, paisagísticos e ambientais de suas comunidades promoverá maior interesse pela história de nosso país e o respeito pela diversidade de nosso patrimônio, contribuindo para aguçar a “consciência da salvaguarda” (p. 18).

A metodologia da Educação Patrimonial só terá sentido na medida em que contemple estas etapas de modo a estabelecer, entre os envolvidos, o sentimento de pertencimento e de identidade, mostrando o real sentido da preservação da memória.

De acordo com FRAGA (2010), os professores, ao se utilizarem da metodologia da Educação Patrimonial, devem estar articulados com cada um dos pressupostos e conceitos que a envolvem. Além disso, a autora exemplifica o desencadeamento das atividades baseadas no esquema, a seguir:

**Figura 1- Esquema sugerido para Educação Patrimonial**



Fonte: retirado do livro “Leituras da Cidade”, 2010, p. 227.

Segundo FRAGA (2010), em cada uma das etapas do “como fazer”,

[...] o aluno é levado a desenvolver competências importantes, não somente no nível do conhecimento, como também no de cidadania, tais como a observação, a análise, a comparação, os questionamentos que fazem parte da etapa de identificação do bem cultural, a interpretação, a sistematização e o registro das ideias, as informações e relações contidas no bem cultural no tempo presente [...] (p. 227).

Ao tomar as experiências culturais vividas pelos próprios alunos como documentos a serem explorados, isso permite que sejam feitas reflexões acerca da sociedade em que vivem e o modo pelo qual ela foi constituída.

Nessa direção, observa-se que os aspectos metodológicos da Educação Patrimonial despertam o interesse dos alunos, pois lhes possibilitam a compreensão de si mesmos, do local onde vivem e da maneira como vivem. Em meio à diversidade cultural dos povos e às distintas identidades, os alunos poderão construir um conhecimento acerca de sua cultura e identidade como singular, compreendendo o processo histórico que seu grupo vivenciou ao longo dos tempos. Como produtores culturais permanentes, percebendo e identificando-se com esta característica, serão agentes históricos e sociais conscientes.

#### **1.4 HISTÓRIA LOCAL E RECURSOS DIDÁTICOS: O CASO DE SÃO LOURENÇO DO SUL**

A ausência de materiais pedagógicos atualizados sobre a história do Município e adequados à faixa etária dos alunos do ensino básico, somados à carência de conhecimentos sobre a história local, por parte dos estudantes das séries finais do ensino fundamental, fazem parte da realidade do Município de São Lourenço do Sul (RS).

A maior parte dos alunos conclui o ensino fundamental com pouco de conhecimento sobre a história local e os pontos históricos do lugar onde vivem, pois o Plano de Estudos de História no Estado do Rio Grande do Sul contempla o estudo do Município, ou do Estado, apenas no quarto e quinto ano do ensino fundamental, sendo que no currículo das séries finais estes conteúdos não são retomados. Dessa forma, fica claro que os alunos só conhecem a história do “seu lugar” com uma tenra idade, quando não possuem ainda uma maturidade suficiente para que possam levar este conhecimento ao longo de suas vidas.

Outro fator agravante desta situação é a ausência de materiais didáticos que possam ser utilizados pelos professores para o ensino da história do município, fato que ocorre na grande maioria dos municípios; inclusive, em São Lourenço do Sul. No município destaca-se um grande número de produções de caráter acadêmico. Trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses de diversas áreas, inclusive da História, livros escritos por médicos, advogados que pretendem contar a história de São Lourenço do Sul. Têm-se, ainda, inúmeros outros materiais confeccionados para atividades festivas, comemorativas ou turísticas que apresentam aspectos históricos e culturais da cidade.

Ao mesmo tempo em que se tem este material, sabe-se que muitas vezes ele não é utilizado pelos professores da rede básica de ensino, justamente por não atender à linguagem e à faixa etária em que se estuda a história do município, pois ele não foi desenvolvido com objetivos pedagógicos.

Entretanto, referindo-se aos recursos didáticos que sejam referência para o ensino da história do município existe somente o que foi editado em 2003, o qual apresenta aspectos históricos e geográficos de São Lourenço do Sul. Trata-se de um livro didático para o ensino fundamental elaborado por duas professoras da rede municipal de ensino com formação em Pedagogia e Artes. Este material ainda é utilizado em algumas Escolas, mas diversas informações já estão desatualizadas e os livros impressos já têm mais de 10 anos de uso, fator que origina um mau estado de conservação dos mesmos.

Além disso, sabe-se que todos os recursos históricos existentes podem servir de fonte primária para a pesquisa e o planejamento de atividades pedagógicas em sala de aula, fazendo a transposição didática necessária para a adequação às características dos alunos. Contudo, na prática, raramente isto é feito pelos professores da rede básica de ensino devido a diversos fatores que não são relevantes neste trabalho.

Esta ausência ou carência de material didático “pronto” para ser utilizado em sala de aula necessita ser superada para que isto não seja um obstáculo ao ensino da história do local.

Para exemplificar esta situação, são comuns depoimentos como o da professora do 4º ano de uma Escola de ensino fundamental, conforme atesta a citação abaixo:

[...] me deparei com a seguinte realidade: não há material didático/pedagógico atualizado para trabalhar História e Geografia. No 4º ano, o estudo nessas disciplinas enfoca o município, e existe pouquíssimo material publicado para ser utilizado no planejamento e preparação de aulas. E o que está disponível na internet não contempla o conteúdo necessário para ministrar esta disciplina. Em conversas com professores que atuam nesta área, percebemos o quão importante seria que profissionais desta área pudessem publicar estudos referentes ao município, de forma a contemplar o ensino de história e geografia do 4º ano do ensino fundamental (Cristiane Neunfeld, professora da rede básica de ensino de São Lourenço do Sul).

A partir da análise deste depoimento, percebe-se, justamente, o que vem sendo exposto neste texto, ou seja, a dificuldade de se obter materiais pedagógicos, no município, que tratem da história local e cujo conteúdo está previsto no plano de estudos do 4º ano do ensino fundamental na rede de ensino citada.

Associado a estes problemas no ensino da história local, neste caso, do município de São Lourenço do Sul, é importante destacar também o desconhecimento, por parte dos profissionais ligados à educação do município, inclusive da Secretaria de Educação, das possibilidades pedagógicas proporcionadas pela Educação Patrimonial<sup>1</sup>. As ações pedagógicas que fazem referência ou são amparadas no patrimônio são trabalhadas como identificação do passado, sem o conhecimento dos passos metodológicos e conceituais imprescindíveis para o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, com o propósito de superar um pouco desta ausência de materiais pedagógicos, que subsidiem o ensino da História local, aponta-se como alternativa uma proposta de se fazer isto a partir dos bens culturais representativos para os próprios alunos que frequentam a rede básica de ensino. Através do patrimônio apontado pelos estudantes, foi que se almejou a estruturação de um material didático/pedagógico, no formato de uma cartilha, na qual serão descritos aspectos históricos e culturais da comunidade lourenciana. A princípio, este material teria como objetivo amenizar as carências já citadas quanto ao ensino de história local previsto no plano de estudos das séries iniciais do ensino fundamental. Apesar disso, acredita-se que o material possa ser utilizado pelos outros anos do ensino fundamental como subsídio à compreensão da história do seu local, do lugar onde vivem, haja vista que os jovens, muitas vezes, não conhecem a história do seu local de origem.

Para esta pesquisa, tem-se o cuidado de utilizar, como elementos de análise,

---

<sup>1</sup> Este assunto será retomado no segundo capítulo.

entrevistas coletadas tanto em escola de zona urbana, quanto de zona rural, justamente para que se possam perceber os elementos constitutivos das culturas nestes diferentes espaços.

A justificativa de escolha de duas escolas municipais (uma rural e outra urbana) ocorre por algumas particularidades que as mesmas apresentam. A escola da zona urbana, apontada para o desenvolvimento do trabalho, é referência na cidade, por ser um educandário localizado numa zona central, de fácil acesso e que por este motivo é frequentado por alunos dos mais diversos bairros, entendendo-se que essa circunstância proporciona o apontamento de uma maior diversidade de bens culturais representativos para os grupos que dela fazem parte. Nesse sentido, a fase da identificação do bem cultural, a primeira etapa da metodologia proposta, teria uma maior riqueza, levando-se em conta a vivência diversa dos alunos entrevistados.

Por outro lado, os motivos para a escolha da escola da zona rural contrariam os motivos da escolha da primeira, justamente por se tratar de uma clientela mais hegemônica, em que os alunos possuem traços culturais semelhantes<sup>2</sup>. Além disso, o diferencial também está no desenvolvimento de um projeto<sup>3</sup>, que busca a valorização e o reconhecimento da cultura local, desenvolvido há alguns anos na escola. A execução das ações deste projeto, já há alguns anos, poderá proporcionar uma visão diferenciada e reafirmar a importância das justificativas já apontadas quanto à importância da preservação e salvaguarda dos aspectos culturais de um grupo.

Neste sentido, os bens culturais inventariados através da pesquisa com os alunos destas duas escolas distintas serão a base para o seu conhecimento e a demonstração da relevância de sua salvaguarda, pois, além dos referenciais simbólicos já “consagrados” pela população, existe o patrimônio do povo que está ancorado nos hábitos e costumes que nem sempre estão representados: o modo de contar as histórias, a maneira de fazer sua comida, as brincadeiras, as palavras, enfim, as formas criativas de se ler e reler o mundo ao redor e que compõem o rico acervo cultural de uma comunidade.

Esta diversidade, a que uma cidade está sujeita, forma identidades fecundas, que se constroem no fazer cotidiano e ocupam os espaços dispersos de um lugar que quer se conhecer e reconhecer.

A identidade passa pelo sentimento de pertencimento do sujeito ao lugar onde

---

<sup>2</sup> As características culturais dos alunos da escola serão abordadas a seguir.

<sup>3</sup> O projeto citado será abordado no item a seguir.

vive ou pelas escolhas que fez ao longo de sua história. Assim, a cidade nunca terá uma única identidade cultural, mas constituirá um espaço de construção permanente de todas as suas identidades.

## 1.5 ALGUMAS INSPIRAÇÕES

Muitas das características que direcionam as ações deste trabalho estão ancoradas a uma experiência prática que vem sendo desenvolvida em uma escola rural do município de São Lourenço do Sul.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero tem entre as suas propostas pedagógicas o desenvolvimento de um projeto no qual os alunos são estimulados a compreender aspectos da sua própria cultura a partir da história de seus antepassados, amparados principalmente na sua cultura, nos seus costumes, no seu modo de viver. Cabe ressaltar que os alunos desta escola serão parte integrante na coleta de dados para a pesquisa e o inventário dos bens patrimoniais.

Para tanto, a Escola estruturou o “*Projeto Pomervida*”<sup>4</sup>, que é desenvolvido a partir da pesquisa, do registro e dos relatos e informações dos sujeitos que compõem a comunidade do entorno da escola. Cabe salientar que estas pesquisas, registros e relatos são feitos pelos próprios alunos, sob a orientação dos professores<sup>5</sup> das diversas áreas de ensino, tratando-se de um projeto interdisciplinar, constituído por atividades desenvolvidas em várias disciplinas que compõem a grade curricular.

Nota-se que estas atividades práticas de pesquisa, feitas pelos próprios alunos no *Projeto Pomervida*, sobre aspectos da sua cultura, possuem uma estreita relação com a metodologia a que se propõe a Educação Patrimonial. Dessa forma, acredita-se que seja oportuno descrever algumas dessas atividades desenvolvidas de modo que permitam a observação e a análise do processo que permeia o projeto, a fim de que se possa compreender que este tipo de ação prática é coerente com a realidade escolar, apresentando elementos ligados ao patrimônio.

Com o objetivo de uma proposta inovadora e diferenciada de ensino, a Escola

---

<sup>4</sup> O nome do projeto faz referência ao fato da escola estar inserida em meio a uma comunidade constituída em sua maioria por descendentes de imigrantes pomeranos e, conseqüentemente, 98% dos alunos que a frequentam têm esta origem étnica, na qual permanece o maior laço identitário desta comunidade que é a preservação da sua língua oral originária, o pomerano.

<sup>5</sup> A efetivação do Projeto conta com a orientação e a colaboração dos pesquisadores do Núcleo Educamemória, ligado ao Projeto de Extensão “Cultura Rural em Diálogo” da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Martinho Lutero elaborou o seu Projeto Político Pedagógico amparado na apropriação da história e da cultura local, na valorização do trabalho rural e no respeito às demais culturas, ou seja, no respeito à diversidade.

O Projeto Político Pedagógico da escola tem sua metodologia baseada na linha sócio-construtivista,

valorizando a cultura popular, incentivando constantemente a pesquisa. O conhecimento deverá ser criado a partir de respostas aos desafios constantes da realidade do educando, em situações problematizadoras que possibilitem o crescimento mútuo do professor e aluno numa prática transformadora e dialógica, gerando um processo de avaliação que consista na reflexão mútua e permanente da prática educativa, onde o aluno seja capaz de aplicar os conhecimentos adquiridos na escola em situações de vida. (Projeto Político Pedagógico, 2013).

Além disso, destaca-se que a escola está inserida no meio rural, onde as famílias exercem atividades essencialmente agrícolas. Na sua grande maioria são pequenos agricultores que cultivam, principalmente, o fumo.

A escola desenvolve pesquisas e ações pedagógicas que envolvem os alunos, pais, professores e a comunidade do entorno da Escola, visando à preservação da memória e da história correspondente à etnia pomerana, que é formadora da maior parte da população desta região, uma vez que foi constatado que existia um silenciamento<sup>6</sup> sobre os seus aspectos culturais. Percebeu-se, assim, a necessidade de um trabalho contínuo para o reconhecimento e a valorização da cultura local, formada principalmente por descendentes de imigrantes germânicos (pomeranos), de modo que esta não fosse relegada ao esquecimento.

Com base no desenvolvimento deste projeto, já foram realizados diversos trabalhos de pesquisa envolvendo os alunos, suas famílias e a comunidade em geral, sob a coordenação e a orientação dos professores que compõem o quadro docente da Escola. A partir deste momento, a coordenação pedagógica, juntamente com os professores, começou a perceber que o registro histórico, ao mesmo tempo em que trata do passado, estimula os alunos ao autoconhecimento do seu modo de vida e do seu espaço.

Ao encontrar na história os referenciais culturais da comunidade estudada e dos sujeitos envolvidos, a Escola propôs uma ação metodológica capaz de apontar saberes e princípios de pertencimento.

---

<sup>6</sup> Sobre o assunto, ver: THUM, Carmo. *Educação, História e Memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes*. Tese de Doutorado, UNISINOS: São Leopoldo, 2009.

O projeto é desenvolvido com os alunos do Pré ao 9º Ano. Desde o ano de 2008, tem, entre suas atividades, pesquisa de campo, desenvolvimento de peças teatrais, mostras fotográficas, visitas, festas temáticas, entre outras atividades, abrangendo toda a comunidade escolar e local, propondo a discussão da vida do campo: o modo de viver, produzir e partilhar.

Outro fator importante neste processo é a promoção de eventos para dar visibilidade ao trabalho desenvolvido e a publicação dos seus registros, disponibilizando o acesso ao público em geral, motivando a participação dos atores envolvidos para novos desafios.

Ao mesmo tempo, a escola incentiva também a formação continuada do corpo docente e a participação em eventos externos, para divulgação, ampliação e enriquecimento da proposta.

Desse modo, pode-se compreender a real importância da pesquisa na escola e a necessidade da ação de registro da cultura. Além disso, ficou claro que muitas ações e projetos desenvolvidos na escola que, à primeira vista pareciam muito simples, têm um conteúdo muito profundo e se tornam muito significativos no contexto pedagógico que visa reconhecer a importância da cultura para a formação da cidadania de seus alunos.

Além destas características positivas do projeto, tem-se observado também uma mudança de comportamento entre os alunos. São percebidas manifestações de orgulho, de reconhecimento e a consciência da necessidade de salvaguarda de vários aspectos culturais vividos por eles na comunidade, fato que não ocorria na fase inicial de execução do projeto. Ao despertar este sentimento de valorização do que faz parte da sua história de vida e de seus antepassados, nota-se, também, um maior entendimento do significado de diversidade, ou seja, ao se autorreconhecer culturalmente, despertando o sentimento de conhecimento da importância das outras culturas, diferentes da sua. A cultura “do outro” passa a ser entendida como “diferente”, mas que merece o mesmo respeito que a sua própria cultura.

Diversos fatores que envolvem (e envolveram) a manutenção e a transmissão da cultura rural daquela comunidade ao longo de várias gerações até os dias atuais ainda necessitam ser explorados e percebidos pelos sujeitos que fazem parte desta história, de modo que ela não se perca, ou fique relegada ao esquecimento. Pode-se dizer, então, que a Escola citada, ao trabalhar partindo do princípio do conhecimento

daquilo que faz parte da realidade de seus alunos, está oportunizando um espaço para que estes sujeitos possam se compreender historicamente no seu lugar e no mundo.

Mesmo sem o aporte teórico necessário ao desenvolvimento da proposta metodológica da Educação Patrimonial, podem ser identificadas características de sua metodologia nas atividades desenvolvidas pela escola citada.

As ações concretas do Projeto, desenvolvido há mais de seis anos na Escola, demonstram a importância do trabalho com base no patrimônio cultural local. Ao mesmo tempo, o Projeto serve como justificativa para a necessidade de ampliação de ações pedagógicas que envolvam o patrimônio do município. Nesse sentido, buscase a criação destas possibilidades a começar pelo que se propõe neste trabalho, ou seja, utilizar a Educação Patrimonial com os alunos da rede municipal de ensino a fim de identificar bens culturais a partir de suas próprias percepções e, então, estruturar materiais pedagógicos que possam orientar alunos e professores neste tipo de ação e no conhecimento da história do próprio município.

Da mesma forma, poderiam ser descritas diversas situações e experiências desenvolvidas durante a realização do *Pomervida*, as quais confirmam a necessidade da efetivação de pesquisas visando à produção do conhecimento local e à elaboração de práticas pedagógicas que incorporem uma abordagem de inclusão dos protagonistas da história que efetivamente fazem parte dos espaços estudados, ou seja, os professores, os alunos e a comunidade local em geral. Além disso, torna-se primordial que as ações de ensino de História contemplem a retomada dos estudos da história local e regional, do que está mais próximo do educando, para que a partir daí ele consiga fazer as conexões adequadas ao processo histórico mais geral.

Da mesma forma, atenta-se também para a ausência de produções didáticas para a história local. De acordo com BARBOSA (2006),

A análise da produção teórica, bem como do material didático de história e, em especial de história local, existentes nos municípios ou sobre eles, indicou uma situação de escassez e inadequação dos mesmos. O ensino de história local se apresenta na forma de *matéria* dirigida à memória e às vezes, à imaginação, não levando em consideração qualquer outra atividade intelectual do aluno e do próprio professor, apresentando-se de maneira fragmentada, decorativa, repetitiva, memorativa, enaltecadora de personalidades e vultos históricos, na qual os fatos são apresentados como axiomas, dogmaticamente (p. 64)

Sabe-se que a produção de materiais didáticos no campo da História para o

ensino fundamental é complexa e exige dos seus proponentes estudos profundos da história dos grupos de convívio nos diferentes níveis da vida coletiva (sociais, econômicos, políticos, culturais, artísticos, religiosos) e nas suas relações com outros grupos e com a sociedade nacional. Isso exige, também, conhecimentos específicos acerca da faixa etária e das condições sociais e culturais dos alunos, além de novos materiais (relatos orais, imagens, objetos, danças, músicas, narrativas etc.), que devem se transformar em instrumentos de construção.

Dessa maneira, acredita-se que a sugestão e os exemplos de práticas já desenvolvidas possibilitem a criação de um material didático para o estudo da história local de uma maneira simplificada e que atenda aos parâmetros exigidos para o bom êxito do ensino. Em outras palavras, acredita-se que o levantamento e a sistematização de informações históricas locais (dos grupos de convívio), nos diferentes níveis da vida coletiva (sociais, econômicos, políticos, culturais, artísticos, religiosos) possam contribuir, sobremaneira, para o enriquecimento das atividades escolares desenvolvidas no ensino de História do Ensino Fundamental, no Município de São Lourenço do Sul.

Ao estabelecer estas conexões entre a necessidade da “aproximação” do aluno com a disciplina de História, tendo como ponto de partida a história local, e a tentativa de superar a carência do conhecimento do “seu lugar”, de sua origem, busca-se ancorar tal pressuposto em alternativas e metodologias capazes de despertar o interesse dos alunos. Nesse sentido, aponta-se a Educação Patrimonial. Assim, para o desenvolvimento da proposta deste trabalho, torna-se necessário, então, apontar os bens patrimoniais, materiais e imateriais, representativos na história de São Lourenço do Sul, tarefa a ser desenvolvida nos próximos capítulos.

## **CAPÍTULO II – O DESENVOLVIMENTO PRÁTICO DO PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL**

### **2.1 A ORIGEM HISTÓRICA DOS BENS CULTURAIS DE SÃO LOURENÇO DO SUL**

A leitura histórica feita nos mais diversos espaços de uma cidade torna-se possível a partir do modo como é percebida. Nela podem ser observadas as mais diversas ações humanas que podem propiciar a interpretação e a compreensão de memórias, patrimônios, histórias. Nesse contexto,

[...] A cidade, seus equipamentos, seus habitantes e a relação estabelecida entre eles podem ser inseridos numa lógica de representações de indivíduos e grupos que nem sempre são percebidos no cotidiano, mas carregam sentidos para os que nela habitam [...] (MEDEIROS; WITT; POSSAMAI, 2014, p. 150)

Neste sentido, a partir da metodologia da Educação Patrimonial, pretende-se observar a cidade de São Lourenço do Sul através das fontes de estudo desta metodologia, ou seja, através dos bens patrimoniais existentes nos espaços urbanos e rurais, identificados por indivíduos que convivem em espaços que permitem as mais diversas representações culturais.

No entanto, para a melhor compreensão dos processos em que estes bens estão inseridos, torna-se necessário refletir acerca dos aspectos históricos de formação dos mesmos. Por isso, será feita uma breve descrição histórica do município. Além disso, serão destacadas as características das escolas e dos alunos envolvidos na coleta de dados para a pesquisa, bem como as relações entre estes sujeitos e os bens culturais, materiais ou imateriais, que foram apontados como relevantes no contexto.

O município de São Lourenço do Sul está localizado no sul do Rio Grande do Sul, às margens da Lagoa dos Patos. A sua emancipação ocorreu no dia 26 de abril de 1884. Antes disto, o território fazia parte da vila do Rio Grande, até 1830, passando, então, a pertencer à vila de Pelotas (até 1884).

**Figura 2 - Mapa de situação de São Lourenço do Sul, RS.**



**Fonte:** disponível em: [http://pt.wikipédia.org/wiki/ficheiro:RioGrandedoSul\\_Municip\\_saolourenco\\_dosul.svg](http://pt.wikipédia.org/wiki/ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_saolourenco_dosul.svg)> Acesso 08 set. 2014.

De acordo com MALTZAHN (2011), o início do povoamento dessa região remonta ao final do século XVIII e início do século XIX, e está vinculado às sesmarias e às estâncias, as quais se situavam na faixa de terras planas e costeiras da costa da Lagoa dos Patos. Estabeleceram-se, predominantemente, luso-brasileiros que se dedicavam à criação e exploração de gado através das charqueadas (MALTZAHN, 2011, p. 92).

Quase um século mais tarde, surgem as pequenas propriedades de exploração agrícola diversificada na Serra dos Tapes, que permaneceu praticamente sem ser explorada/utilizada até o estabelecimento dos primeiros imigrantes alemães e pomeranos, em 1858. Segundo BOSENBECKER (2011),

[...] a região de São Lourenço foi composta, na sua configuração anterior à construção da colônia, a partir de sesmarias doadas a portugueses ou luso-brasileiros, assentados na margem da Laguna dos Patos, entre o Arroio Grande (hoje município de Turuçu) e o Rio Camaquã, disseminando as estâncias no pé da Serra dos Tapes. (p. 23).

Desse modo, constata-se que o povoamento do local se deve, principalmente, à atividade pecuária que, ao se expandir, promovia o surgimento de núcleos populacionais, como é o caso da Vila do Boqueirão, a qual deu origem ao município.

Na data em que São Lourenço se torna município, a sede ainda era a Vila do Boqueirão. Mais tarde, ocorre a transferência administrativa municipal para a Vila de São Lourenço. Conforme BOSENBECKER (2011), ela foi construída a partir do loteamento de terrenos de Oliveira Guimarães<sup>7</sup> e o porto era um dos principais negócios que o estancieiro alimentava para prosseguir com sua proposta de alterar o local mais “urbanizado” da região, do Boqueirão para a Vila de São Lourenço (p. 25).

No que se refere ao contexto da imigração e formação da colônia de São Lourenço, percebem-se algumas peculiaridades distintas de colonizações ocorridas em outras regiões. Além de o território possuir uma região de planícies próximas à Laguna dos Patos, ocupada por grandes estancieiros, tem-se ainda a região da Serra dos Tapes, que até meados do século XIX, ainda não havia sido ocupada. De acordo com BOSENBECKER (op. cit.), São Lourenço possuía uma colônia encravada na Serra dos Tapes, literalmente rodeada por estâncias e fazendeiros, criando uma condição que, de certa forma, é ímpar na configuração gaúcha, tendo em vista que, na maior parte das vezes, as colônias permanecem afastadas ou isoladas da zona pecuarista (p. 26).

Com relação à formação étnica do município, percebe-se até aqui a participação majoritária de portugueses ou luso-brasileiros e imigrantes germânicos (alemães e pomeranos) na composição étnica lourenciana. Ao mesmo tempo, é importante destacar que, além destes, se encontram referenciais que apontam a participação de grupos indígenas, africanos, espanhóis e italianos nessa composição.

De acordo com IEPSEN (2008, p. 28) e LUCKOW (2010, p. 72), na colônia de São Lourenço, houve a presença indígena na região da Serra dos Tapes. O próprio nome da região seria originário da expressiva presença de índios da tribo Tapes, um ramo Guarani, de origem amazônica, e das tribos Minuano e Charrua, construtores de aterros (cerritos). Segundo LIMA (2006), existem evidências guaranis e cerríticas em uma área de possível contato com os colonizadores, em meio à mata de refúgio e vegetação rasteira do litoral, na área da serra próxima às nascentes do Arroio Bom Jesus (p. 55).

Além disso, quando se formam os primeiros núcleos populacionais fora dos limites das fazendas, tem-se a instalação de elementos de origem espanhola, em outra região da Serra dos Tapes, em Campos Quevedos. Segundo COSTA (1984, p.

---

<sup>7</sup> Família proprietária da Estância São Lourenço, que contribuiu significativamente para a história e o povoamento local.

43), eram oriundos de São Paulo e estabeleceram-se com pequenas propriedades na região.

Já, na freguesia do Boqueirão, um dos mais importantes aldeamentos de São Lourenço, fixaram-se os primeiros imigrantes de origem italiana (IEPSEN, 2008, p. 27).

A região serrana, por sua vez, passa a ter uma maior ocupação a partir da chegada dos imigrantes alemães e pomeranos, a partir de 1858. Os grupos de imigrantes foram genericamente identificados pela designação de “colonos alemães”, mas reuniam elementos prussianos, pomeranos e de regiões do extremo sul da Alemanha. De acordo com BOSENBECKER (2011),

[...] em geral, o termo “alemão” se refere aos alemães étnicos que emigraram da região da Alemanha e também da Áustria, França, Hungria, Polônia, Romênia, Suíça, da antiga Iugoslávia e de outras partes da Europa, formando um conjunto extremamente diverso e que alimenta condições complexas nas relações internas e externas (p. 8).

Estas complexidades de relações identificam-se na contemporaneidade, emergindo nas reivindicações da identidade pomerana, identificadas por THUM (2009) como “pomeraneidade reinterpretada”, sendo que o mesmo afirma que existiu uma “supremacia ideológica do germanismo que promoveu a negação da cultura pomerana” (p. 20). Por esta razão, muitas vezes os “colonos imigrantes” são generalizados como sendo todos “alemães”, sendo que hoje esta diferença começa a ser apontada em estudos e pesquisas. Pode-se afirmar que, apesar da generalização histórica, culturalmente, estas diferenças sempre estiveram presentes no cotidiano das famílias, a começar pela diferença na língua falada pelos imigrantes.

O histórico do início da colonização do município se dá a partir da disposição de uma de área de terras devolutas<sup>8</sup>, na Serra dos Tapes, quando o renano Jacob Rheingantz firma contrato com o Governo Imperial, comprando “8 léguas de terras devolutas à razão de ½ real por braça quadrada<sup>9</sup>, com a obrigação de medidas dentro de 5 anos e povoá-las com colonos agricultores: alemães, suíços ou belgas. O seu número não devia ser inferior a 1440 almas” (RHEINGANTZ, 1907, p. 8). Neste empreendimento, segundo IEPSEN (2008), “Rheingantz formou uma sociedade com

---

<sup>8</sup> Terras devolutas são aquelas que pertencem ao Estado e que, teoricamente, se encontram desocupadas, sem qualquer uso público.

<sup>9</sup> Equivalente a 14.336 hectares.

o fazendeiro José Antônio Oliveira Guimarães, luso-brasileiro que vivia na margem esquerda do Rio São Lourenço” (p. 32).

Por fazer parte de uma família de grandes proprietários de fazendas, Oliveira Guimarães já havia doado, em 1850, um oitavo de légua para que fosse construída uma vila na região litorânea de São Lourenço. Sete anos mais tarde, torna-se sócio de Rheingantz, firmando um acordo válido pelo prazo de cinco anos. Em janeiro de 1858, chega a primeira leva de imigrantes, num total de 88 pessoas (op. cit., p. 33).

Os imigrantes chegaram à colônia de São Lourenço e se instalaram dentro da Serra dos Tapes e, de acordo com BOSENBECKER (2011), “formando uma ilha cercada por estâncias”. A partir daí,

[...] a estrutura local sofreu alterações, tanto no comércio quanto a agricultura crescem rapidamente, em poucos anos, a região transforma-se significativamente. Se de um lado estavam os estancieiros, criadores de gado, escravistas e detentores de grandes propriedades de terra; de outro, estavam os imigrantes, os chamados *colonos*, pequenos proprietários dedicados à agricultura, com base no trabalho familiar (p. 6).

A colônia fornecia gêneros alimentícios para as duas maiores cidades da região, Pelotas e Rio Grande, entre outras. Os produtos eram levados da zona colonial até o pequeno porto no arroio São Lourenço, localizado na região estancieira. Neste porto, eram levados em pequenas embarcações, as quais cruzavam a Laguna dos Patos até o seu destino.

Deste modo, o desenvolvimento da região ocorre a partir da produção agrícola da colônia e da importância do porto fluvial para o escoamento desta produção, fazendo com que se estabelecessem casas comerciais próximas ao porto. As casas comerciais atuavam com a exportação e a navegação, muitas contando com armazéns, trapiches e iates próprios. Nestas casas, eram encontrados diversos artigos de vestuário, materiais de construção e depósitos de produtos coloniais.

No início do século XX, sobretudo nos anos 1920 e 1930, crescem as atividades ligadas à produção de arroz e da pesca. Segundo LUCKOW (2010), “a produção arrozeira leva a se estabelecer no porto casas comerciais para a compra e venda do produto e criam-se engenhos de beneficiamento”. (p. 83).

Quanto à pesca, primeiramente, o pescado era vendido fresco na vila pelos pescadores e suas famílias. A primeira indústria de conservas que processava e enlatava o pescado foi fundada em 1928 e outras até o ano de 1930.

A atividade pesqueira é praticada até a atualidade, desenvolvida por

pescadores que habitam a mesma região de sua origem, nas zonas denominadas de Barra, Saco da Barrinha, às margens da Laguna dos Patos, e na foz do Arroio São Lourenço em sua margem esquerda. Sendo que seus produtos, em sua grande maioria, são adquiridos por uma indústria de pescados também localizada na região, que os revende para as diversas regiões do país.

O porto de São Lourenço perde a sua importância econômica a partir da década de 1950, com uma política governamental de incentivo ao transporte rodoviário, tendo em vista que os caminhões passam a escoar a produção agrícola.

Aos poucos, a navegação lacustre lourenciana sofre o declínio e a cidade perde importância no contexto regional. A partir deste momento, a área urbana vem se mantendo graças ao pequeno comércio e serviços e, mais recentemente, ao turismo, em função das praias da Laguna e da valorização de alguns aspectos culturais locais, ligados principalmente aos imigrantes.

Com relação à zona colonial, que constitui grande parte da área rural do município, pode-se afirmar que permaneceu, ao longo dos anos, com suas características iniciais, ou seja, com pequenas propriedades voltadas para a agricultura com mão de obra familiar. Posteriormente, a mudança deu-se no que se refere à variedade dos produtos cultivados, caracterizando-se inicialmente pela policultura com a produção de gêneros como batata, milho, feijão e outros e a criação de alguns animais; produtos utilizados para o comércio e para a subsistência. Nas últimas décadas, muitas famílias abandonam a variação de gêneros produzidos na propriedade, dando lugar à monocultura do fumo (tabaco). Pode-se afirmar que a produção de fumo no município, atualmente, é responsável por grande parte das atividades econômicas do município.

## **2.2 ASPECTOS RELACIONADOS AO PATRIMÔNIO CULTURAL LOURENCIANO**

Apontadas algumas características históricas do município, torna-se importante também ressaltar aspectos relacionados à guarda e à preservação do patrimônio cultural de São Lourenço do Sul.

À primeira vista, com base em informações coletadas em alguns setores da Prefeitura Municipal, com relação a um possível inventário patrimonial ou de outras ações para a salvaguarda deste, a Secretaria de Cultura e a Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente informaram que não dispõem de informações sobre

estas ações. Afirmaram que houve pesquisadores que já haviam feito alguns trabalhos na área, mas que não havia sido dada sequência.

Na busca de outras fontes para uma resposta a esta dúvida, encontrou-se a dissertação do Mestrado de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas<sup>10</sup>, trabalho no qual foram encontradas as seguintes informações:

Quanto à questão da preservação em São Lourenço, o seu início mais efetivo foi na década de 1990, com a criação do Arquivo Histórico Municipal e algumas ações como um levantamento preliminar de prédios históricos na área urbana e rural. No final dos anos de 2010, também se tem um projeto de revitalização do porto pela Prefeitura Municipal, que procura reativar o transporte lacustre. Em 2007, é realizado o *Inventário do Patrimônio Arquitetônico Urbano*, 320 que cadastra 491 edificações. Atualmente se encontra estagnado, não tendo sido tomadas ainda medidas efetivas para a oficialização do processo e sua transformação em legislação de proteção (LUCKOW, 2010, p. 89).

A autora afirma, ainda, que o Inventário do Patrimônio Arquitetônico Urbano serve de base para a sua pesquisa, baseada em informações coletadas pelas fichas do levantamento, estruturando-se da seguinte forma:

[...] a paisagem histórico-cultural é abordada inicialmente em uma leitura geral e em seguida através das edificações inventariadas. *A arquitetura* faz a relação entre características arquitetônicas, linguagens e tipologias predominantes no bem. *O estado de preservação e o de conservação* procura identificar as intervenções e a deterioração tanto da paisagem como da arquitetura. A quinta parte se propõe a elaborar uma síntese em cima da ambiência e dos níveis de preservação, para relacionar os antecedentes, a metodologia e as análises e oferecer um estudo completo sobre o inventário como ferramenta para a análise das características da arquitetura (LUCKOW, 2010, p. 3).

Com base nestas informações, observa-se que poucos trabalhos foram efetivados para um possível reconhecimento oficial, pelos órgãos públicos de preservação, do que poderia ser considerado o patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental de São Lourenço do Sul. Além disso, as ações realizadas para um possível reconhecimento, até então, se resumem ao patrimônio material ou edificado, de “pedra e cal” (ABREU; CHAGAS, 2009, p.13), identificado com o patrimônio arquitetônico e edificado, bens tangíveis de “evidência material” (GRUNBERG, 200, p. 161).

---

<sup>10</sup> Sobre o assunto, ver: LUCKOW, Daniele Behling. *Arquitetura urbana e inventário: São Lourenço do Sul*. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. 2010.

É relevante destacar que, durante a realização do presente trabalho, participou de uma reunião entre o Conselho Municipal de Cultura e de profissionais da área da Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas e da Universidade Católica de Pelotas. Nesta reunião, foi anunciada a contratação da arquiteta Daniele Luckow e sua equipe para a continuação dos trabalhos propostos em sua dissertação, com o propósito de preservação e restauração dos prédios registrados no inventário anteriormente realizado.

No que se refere aos bens culturais imateriais, Maria Letícia M. Ferreira (2012) afirma que, a partir dos anos 2000, surgem ações patrimoniais no município de São Lourenço do Sul, através da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio, cujo “discurso político fala de uma valorização das manifestações culturais como instrumento para a afirmação identitária e forma de reativar a economia local” (FERREIRA, 2012, p. 18).

Nestes aspectos, a autora refere-se às políticas públicas de patrimônio e memória em desenvolvimento na cidade, através de comemorações ritualizadas, a pesquisa e o registro de tradições locais, o “Caminho Pomerano”<sup>11</sup> (rota turística pela zona rural). Segundo FERREIRA (2012), “a valorização da dimensão imaterial do patrimônio vem se apresentando como uma forma de positivação da identidade e, ao mesmo tempo, uma expectativa de desenvolvimento de um turismo cultural na região” (p. 18).

Isto ocorre a partir de uma mudança de percepção sobre elementos culturais formadores do município, onde a

patrimonialização de elementos da cultura pomerana, vista até então como cultura de segunda categoria, revestiu-se de simulacros do passado (comemorações da imigração), ‘turistificação’ da cultura (a rota pomerana) e inserção desses elementos tradicionais em uma lógica de mercado (venda de artesanatos, produtos comestíveis, indumentárias) (op. cit., p. 16).

Além disso, essa mudança de concepção histórica e cultural é redimensionada de modo a gerar uma “positivação da identidade, a ruptura do silêncio imposto” ao longo de muitos anos” (FERREIRA, 2012, p. 16).

---

<sup>11</sup> O Caminho Pomerano caracteriza-se por ser uma associação de pequenos empresários e proprietários de sítios rurais, constituindo-se num roteiro turístico-cultural dentro do qual, elementos apontados como tradicionais, são apresentados e compartilhados com os visitantes, através do café colonial, do almoço típico, dos pães, das cucas, linguças, apresentados como produtos de uma tradição local.

Vive-se, assim, um momento de reconciliação com o passado, buscando-se recuperar traços que já se perdiam ao longo dos anos. Dessa maneira, tendo em vista que a proposta do presente trabalho está alicerçada no estudo da história local, ancorada na metodologia da Educação Patrimonial, torna-se necessário ressaltar a importância da identificação dos patrimônios culturais de determinada comunidade, a partir de suas vivências e seus modos de vida, sem que seja algo “criado” para algum interesse econômico ou político.

Compreende-se assim que o processo de valorização e identificação dos bens culturais, tanto materiais como imateriais do município de São Lourenço do Sul, são de grande relevância para o estudo da sua história, sendo que serão identificados a partir das concepções de patrimônio e bens culturais dos próprios alunos da rede de ensino, sendo estes agentes culturais nos seus espaços de vivências.

Nesta direção, torna-se importante salientar o fato de que a grande maioria das escolas municipais incluiu, em suas atividades, a partir deste ano com maior intensidade, o programa federal *Mais Educação*, que integra o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da educação integral (MEC, 2014, p. 7). Entre os macrocampos de abordagens previstos pelo programa, está o de Cultura e Artes no qual se insere a Educação Patrimonial.

Ao mesmo tempo em que se prevê a Educação Patrimonial como uma das perspectivas de ação do *Programa Mais Educação*, nenhuma escola do município de São Lourenço do Sul incluiu esta metodologia na sua proposta de trabalho pedagógico. Esta ausência, talvez se deva a diversos fatores, inclusive ao desconhecimento desta possibilidade metodológica de trabalho por parte dos agentes envolvidos na escolha dos temas mais apropriados. O que existe em algumas escolas, como já foi destacado anteriormente, são iniciativas isoladas de preservação da memória e da cultura local.

Por esta razão, ressalta-se novamente a urgência em chamar a atenção para um trabalho que possa ser compreendido como de importância para a história e a cultura lourencianas. Destaca-se, ainda, a necessidade de valorizar as diversas formas de expressão cultural existentes no espaço urbano ou rural para que a valorização somente de bens culturais já consagrados pela história oficial não continue a ser reforçada.

### 2.3 CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS E DOS ALUNOS ENVOLVIDOS

Com a proposta de identificar bens patrimoniais a partir de uma amostragem com alunos da rede básica de ensino do município, torna-se necessária a descrição destas fontes de pesquisa, ou seja, das escolas e suas respectivas clientela. Para este trabalho, foram escolhidas duas escolas polo<sup>12</sup> da rede do município. Da mesma forma, teve-se o cuidado de levar em conta, nesta escolha, algumas características importantes como a localização, o número de alunos que elas atendem, o histórico, entre outros aspectos. Levou-se em conta, também, a necessidade de se escolher uma escola da zona rural e outra da zona urbana. Os motivos da escolha destas duas escolas serão justificados no decorrer do texto. A princípio, é importante ressaltar que foram selecionadas duas escolas com localizações diferenciadas justamente para se perceber semelhanças e diferenças entre os aspectos apontados como bens culturais em cada espaço: rural e urbano. Além disso, o fato busca proporcionar o apontamento de uma maior diversidade de bens identificados.

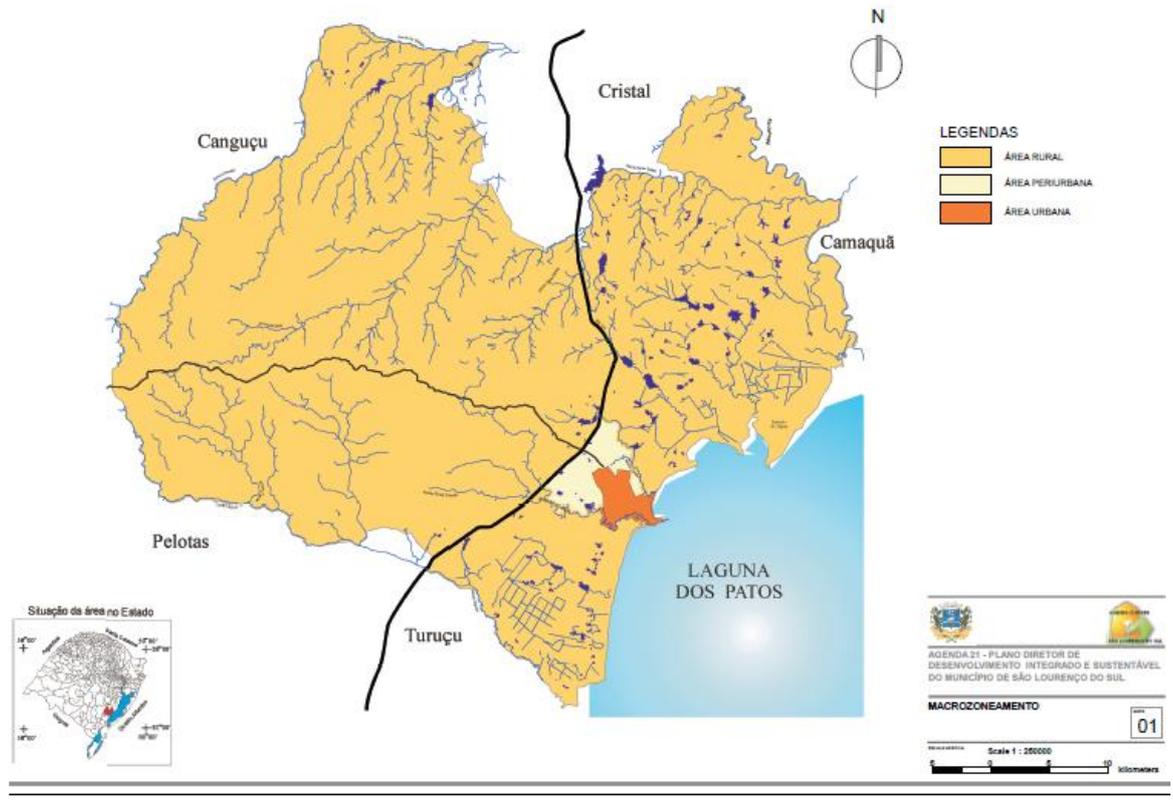
A área total do território<sup>13</sup> do município lourenciano é de 2.036,125 km<sup>2</sup>, sendo distribuídos da seguinte maneira: a área urbana corresponde em torno de 14 km<sup>2</sup> e a área rural possui 2.022 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

---

<sup>12</sup> Escolas polo caracterizam-se por serem escolas com a infraestrutura voltada para atender demandas maiores, absorvendo alunos do pré-escolar ao 9º ano de várias regiões.

<sup>13</sup> Informações obtidas no site do IBGE, <http://www.cidades.ibge.gov.br/>, acesso em 10/09/2014, às 14h e 32min.

**Figura 3 - Mapa do Município de São Lourenço do Sul – zona rural e urbana**



**Fonte:** Agenda 21/ Plano Diretor de São Lourenço do Sul- Disponível em: [www.ag21pddis.cjb.net](http://www.ag21pddis.cjb.net)

Fica evidente que a área rural do município é bastante extensa e com significativo número de habitantes. De acordo com o censo do IBGE, no ano de 2010, a população total do município era de 43.111 habitantes, sendo estes distribuídos em 18.874 habitantes na zona rural e 24.237 residentes na área urbana<sup>14</sup> (IBGE, 2010).

### 2.3.1 A Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero

Trata-se de uma escola polo municipal, da zona rural do município, localizada no 2º distrito, às margens da RS 265, a 50 km da cidade.

<sup>14</sup> Informações obtidas no site do IBGE, <http://www.cidades.ibge.gov.br/>, acesso em 10/09/2014, às 14h e 32min.

**Figura 4 - Vista aérea da E. M. E. F. Martinho Lutero – Santa Augusta - 2º distrito - zona rural**



**Fonte:** Acervo da escola, 2010.

A escola é relativamente nova, inaugurada no início do ano letivo de 2008. Ela é fruto da mobilização da comunidade em busca de uma escola polo, que recebesse os alunos da região, os quais, até então, viajavam grandes distâncias para concluir o ensino fundamental. Em sua formação, recebeu alunos de sete escolas multisseriadas<sup>15</sup>, que foram desativas, reunindo seus alunos na nova escola.

As escolas multisseriadas, localizadas no município de São Lourenço do Sul, que deram origem à Escola Martinho Lutero, têm em seu histórico o fato de serem originárias do ensino ligado às igrejas luteranas, onde os pastores eram os professores. Eram escolas particulares construídas e sustentadas pela própria comunidade. Com o governo de Getúlio Vargas e a Campanha de Nacionalização do Ensino, a partir de 1940, estas escolas foram municipalizadas, surgindo pequenas escolas, nas quais passaram a atuar professores contratados pelo município.

---

<sup>15</sup> Escolas multisseriadas caracterizam-se por ter vários alunos de diferentes idades atendidas por um único professor. Geralmente localizam-se na zona rural.

Com a criação das escolas polo no município, a partir da década de 90, percebeu-se a necessidade da formação de uma escola na região do 2º distrito<sup>16</sup>. Os alunos desta região frequentavam as escolas multisseriadas até a 5ª série. Para concluir o ensino fundamental, deveriam se matricular nas escolas polo mais próximas, sendo estas localizadas no 4º e no 7º distritos, percorrendo uma distância muito grande para terem acesso ao ensino até a 8ª série. Houve uma grande mobilização por parte da comunidade, principalmente dos pais de alunos, para a necessidade da construção de uma escola polo na região. Essa conquista ocorreu no ano de 2008, quando a E. M. E. F. Martinho Lutero foi inaugurada.

Sua formação inicial ocorre a partir da incorporação dos alunos e professores das sete escolas multisseriadas da região<sup>17</sup> que são desativadas. Os alunos que haviam concluído o 5º ano, nas multisseriadas, passam a ser o 6º ano da nova escola polo, sendo que as turmas passam a aumentar gradativamente. A primeira turma concluiu o ensino fundamental (9º ano) em 2011.

Por ter a sua história muito ligada à imigração, o próprio nome Martinho Lutero foi escolhido por votação na comunidade, remetendo ao fato da forte religiosidade luterana presente na comunidade, que é descendente de imigrantes pomeranos e alemães.

No que se refere à infraestrutura, a escola possui um prédio formado por dez salas de aulas, ocupadas da seguinte maneira: cinco salas de aula, sala do pré-escolar com sanitários apropriados, sala de professores, laboratório de informática, biblioteca e cozinha com refeitório. A instalação da cozinha foi improvisada numa sala de aulas, mas já existe o projeto para a segunda etapa de construção.

A partir de 2010, é ofertado o Atendimento Educacional Especializado, na sala de recursos, que possui o material específico, embora ainda não haja também um espaço físico próprio para funcionamento da mesma.

Apesar de uma ampla área ao redor da escola, não há um espaço organizado para a prática de esporte. Além disso, como as salas estão ocupadas com o atendimento às turmas, sente-se a necessidade de um espaço maior para encontros e reuniões.

---

<sup>16</sup> O território do município é dividido em oito distritos.

<sup>17</sup> As escolas multisseriadas E. M. E. F. Marechal Hermes, Oscar Westendorff, Osvado Cruz, Dr. Gustavo Barroso, Marcílio Dias, Guilherme Augusto Alberto Krüger e Santo Antônio.

A referida escola atende atualmente 238 alunos, distribuídos em turmas do pré-escolar ao 9º ano, nos períodos da manhã e da tarde; há 30 professores e 3 funcionárias, que cuidam da merenda escolar e da limpeza da escola.

Cabe ressaltar que nesta escola é desenvolvido o Projeto Pomervida, relatado no capítulo anterior, que tem por objetivos a valorização da cultura local.

### **2.3.2 A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Marina Vargas**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Marina Vargas está localizada no centro urbano de São Lourenço do Sul. Seu histórico é bastante diferenciado, iniciando-se como um Centro Profissionalizante, com cursos no turno da noite. No ano de 1991, no mesmo prédio, começou a funcionar o “Pré Escolar Municipal Pequeno Príncipe.” No ano seguinte, para atender a população lourenciana, foi criada a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Castro Alves (anexo), funcionando de 1ª a 7ª série.

Em 26/05/1992, foi criada a Escola Municipal de 1º Grau Professora Marina Vargas. Em 1994, a escola passou a atender crianças desde o maternal (2 anos) até a 8ª Série.

No ano de 2004, foi construído um prédio próprio para a escola, localizado à Rua Coronel Nonô Centeno, nº 933, na avenida de entrada da cidade, contando na sua estrutura com 16 salas de aulas, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 biblioteca, 1 sala para secretaria, 1 sala para direção, 1 sala para a coordenação pedagógica e orientação educacional, 1 almoxarifado, 1 laboratório de Ciências, 1 laboratório de Matemática, 1 laboratório de informática e 1 auditório que atende a toda comunidade do Município.

Atualmente, no mesmo prédio da escola, está localizado também o Polo de Apoio ao Ensino Superior e Universidade Aberta do Brasil (UAB), no qual são realizados diversos cursos acadêmicos de Graduação e Pós-Graduação das universidades federais.

Por tratar-se de uma escola urbana central e com um amplo espaço físico, a E. M. E. F. Marina Vargas recebe alunos dos diversos bairros da cidade, inclusive das zonas rurais mais próximas.

**Figura 5 - E. M. E. F. Marina Vargas**



**Fonte:** Acervo da autora, 2014.

Atualmente, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Marina Vargas tem em seu quadro funcional com 51 professores, 6 funcionários que atendem a aproximadamente 485 alunos, distribuídos em 10 turmas dos anos finais (6º ano 9º ano do ensino fundamental) e 16 turmas de anos iniciais (pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental), nos turnos da manhã e da tarde.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a referida escola tem como objetivos proporcionar aos educandos condições para que sejam sujeitos de sua própria aprendizagem, oportunizando suas descobertas, através do pensar, do agir e do diálogo, desenvolvendo o senso crítico, modificando o seu comportamento com responsabilidade e disciplina, compreendendo as relações entre sociedade e natureza e intervindo nos problemas e conflitos ambientais.

### **2.3.3 Características dos alunos envolvidos na pesquisa**

Para a coleta de dados, foram escolhidas as turmas de 4º, 8º e 9º anos das escolas citadas. A escolha justifica-se por dois fatores: as turmas de 8º e 9º anos são turmas que estão terminando o ensino fundamental e já possuem certa maturidade. As turmas de 4º ano foram escolhidas justamente pelo fato de serem as turmas que

estudam a história do município neste período. Além disso, nestas turmas dos anos iniciais, é importante destacar o fato de já terem visitado os locais históricos e turísticos com seus professores no momento da coleta de dados.

Além disso, alguns professores da rede municipal também foram entrevistados.

Ao se descrever o histórico de cada uma das escolas, pode-se ter também uma compreensão das características dos alunos com os quais foi feita a pesquisa. Segundo a equipe diretiva da escola Marina Vargas, esta atende alunos que residem em diversos espaços urbanos, ou seja, recebe alunos dos mais diversos bairros da cidade, além de receber alguns alunos da área rural mais próxima da cidade.

A Escola Martinho Lutero, por sua vez, recebe alunos com características culturais muito semelhantes: a grande maioria vem de famílias que vivem economicamente da agricultura, ligadas principalmente ao cultivo do tabaco. Além disso, seus traços culturais remetem à imigração, sendo a grande maioria descendente de famílias pomeranas.

Entre as características mais marcantes da coleta de dados, destaca-se a importância da percepção dos aspectos culturais e patrimoniais do município a partir da visão de seus alunos do ensino fundamental. Por se tratar de escolas com características distintas, percebe-se também a visão diferenciada entre os alunos entrevistados. De uma maneira geral, os alunos da escola Marina Vargas destacaram bens patrimoniais ligados à sua realidade urbana, assim como os alunos da Escola Martinho Lutero identificaram aspectos culturais, em sua grande maioria, ligados ao mundo rural. Assim, estas peculiaridades contribuem para uma maior riqueza do patrimônio cultural que se pretende estruturar no material didático. Nesse sentido, de acordo com FRAGA (2010),

[...] a cidade se torna um espaço educativo quando seus bens culturais e naturais e a pluralidade dos itinerários educativos de sua comunidade de aprendizagem se convertem em possibilidades de educação que visem à valorização e à qualificação de redes de pertencimento e das condições sociais de existência de seus cidadãos (p. 223).

Assim, no próximo item deste trabalho, apresentam-se alguns relatos de bens culturais de São Lourenço do Sul, com justificativas de sua importância para a comunidade – identificadas pelos próprios alunos – sendo que a importância está reafirmada pelo fato de fazerem parte das vivências destes sujeitos históricos em seu cotidiano.

## 2.4 O processo de identificação de bens culturais: a pesquisa

Após eleger as duas escolas citadas por suas características peculiares, partiu-se para o contato direto com os alunos em sala de aula. Para tanto, foi elaborado um pequeno material<sup>18</sup> que resumisse de forma simplificada os conceitos de patrimônio, baseados na Constituição Federal e no material disposto pelo IPHAN para o trabalho com a Educação Patrimonial nas escolas, especificamente preparado para o Programa Mais Educação do MEC.

A coleta de dados foi feita durante as aulas cedidas pelos professores das referidas turmas. Na maior parte dos casos, foram utilizadas duas aulas de 50 minutos para a pesquisa de dados. Os professores que eram responsáveis por estas turmas, também participaram da discussão, inclusive, identificando os bens culturais representativos para eles. Desta maneira, destaca-se a participação dos professores no processo de coleta de dados, mesmo que em número inferior ao de alunos entrevistados.

Para tanto, foi feita uma conversa inicial com os alunos, questionando-os sobre o seu conhecimento a respeito do termo “patrimônio”. A partir dos questionamentos sobre o que era patrimônio para eles, surgiram as mais diversas respostas: “patrimônio é minha casa”, “o carro”, “joias”, entre outras respostas, que envolviam valores materiais ou financeiros. À medida em que se conversava, foi-se direcionando o assunto para a conceituação atual de patrimônio cultural elaborado na Constituição de 1988, já citada no texto.

A partir desta conceituação, os alunos foram respondendo aos questionamentos do material que lhes foi entregue, ainda com muitas dúvidas sobre possíveis respostas do que seria patrimônio cultural para eles. Destaca-se que este procedimento foi feito da mesma forma nas duas escolas.

Mesmo com eventuais dúvidas sobre conceitos ou definições de alguns termos, pode-se dizer que a coleta de dados foi bastante positiva na medida em que serviu para a identificação de diversos bens patrimoniais materiais ou imateriais existentes no município. As respostas das questões respondidas pelos alunos e alguns professores foram elencadas como sendo bens culturais de grande relevância para o

---

<sup>18</sup> O referido material encontra-se nos anexos deste trabalho.

município. Esta listagem dos bens fizeram com que fosse possível que a história e a cultura lourencianas pudessem ser contempladas, em diversos aspectos, por meio dos grupos culturais que fazem parte das comunidades locais, representados pelos alunos, servindo de fontes para a história local.

Da mesma forma, percebeu-se um grande interesse por parte dos alunos ao serem desafiados a uma atividade diferenciada, que os fazia refletir sobre a sua realidade, sobre fatores que fazem parte da sua identidade.

#### **2.4.1 O registro dos bens culturais: o diagnóstico**

A coleta de dados da forma como foi efetuada proporcionou a identificação de uma gama de bens patrimoniais em São Lourenço do Sul, a partir do olhar de seus jovens estudantes.

A partir daí, percebe-se os “olhares” diferenciados de cada grupo para determinado fator cultural, seja ele tangível ou intangível. Nestes relatos, verifica-se a verdadeira identidade de grupo, em que o indivíduo se percebe como parte integrante de um todo culturalmente constituído, de modo que ele possa se identificar com aquelas pessoas. Dessa maneira, pode-se identificar o verdadeiro sentimento de pertencimento, ou seja, o aluno, ao pensar em um patrimônio de sua comunidade, certamente, não apontaria algo que não fosse do seu conhecimento ou que não faça sentido para a sua vida, para a sua história ou para história de sua comunidade.

Nesse sentido, tem-se o processo que POSSAMAI (2010) identifica de “memória como construção social, intimamente relacionada com o *aqui e agora* dos indivíduos e com as relações sociais que se tecem nos grupos, sejam esses a família, os amigos, a escola ou os moradores de rua” (p. 7).

Desse modo, os bens apontados pelos alunos entrevistados são legítimos, na medida em que representam um significado para ele.

Ao mesmo tempo, a partir deste apontamento, é possível “re”contar a história local; a história do município a partir desta identificação dos elementos culturais dos agentes históricos que fazem parte deste local, sendo uma construção do dia a dia, como afirma POSSAMAI (op. cit.):

[...] tudo o que é lembrado tem algum significado especial na vida das pessoas ou dos grupos sociais, principalmente do ponto de vista afetivo. Essa memória afetiva, das emoções, está próxima das pessoas e não é necessário qualquer movimento no sentido da necessidade de sua conservação, pois está cotidianamente sendo construída nas relações interpessoais (p. 7).

Dessa maneira, deixa-se de lado a memória histórica, que muitas vezes é moldada a partir de um esforço de construção de uma inteligibilidade sobre a trajetória ao longo do tempo, dando lugar ao que realmente tem significado na memória e na vida das pessoas.

Isto se torna realidade na medida em que se têm exemplos concretos no processo de identificação dos bens culturais com os jovens lourencianos. Dessa forma, pretende-se, a partir daqui, fazer alguns apontamentos sobre as informações coletadas com os alunos. Primeiramente, serão analisados alguns aspectos importantes que se encontram no depoimento dos alunos da escola urbana, E. M. E. F. Marina Vargas. Após esta discussão, será feita também uma análise dos aspectos identificados pelos alunos da escola rural, E. M. E. F. Martinho Lutero, pois se entende que assim como a localização das escolas é diferenciada, certamente as características culturais também sofrem essa diferenciação nas vivências dos alunos.

Os gráficos a seguir permitem uma visualização dos resultados obtidos na pesquisa, nos quais podem ser identificados alguns aspectos que serão relatados no decorrer do texto:

Gráfico 1 - Gráfico dos lugares

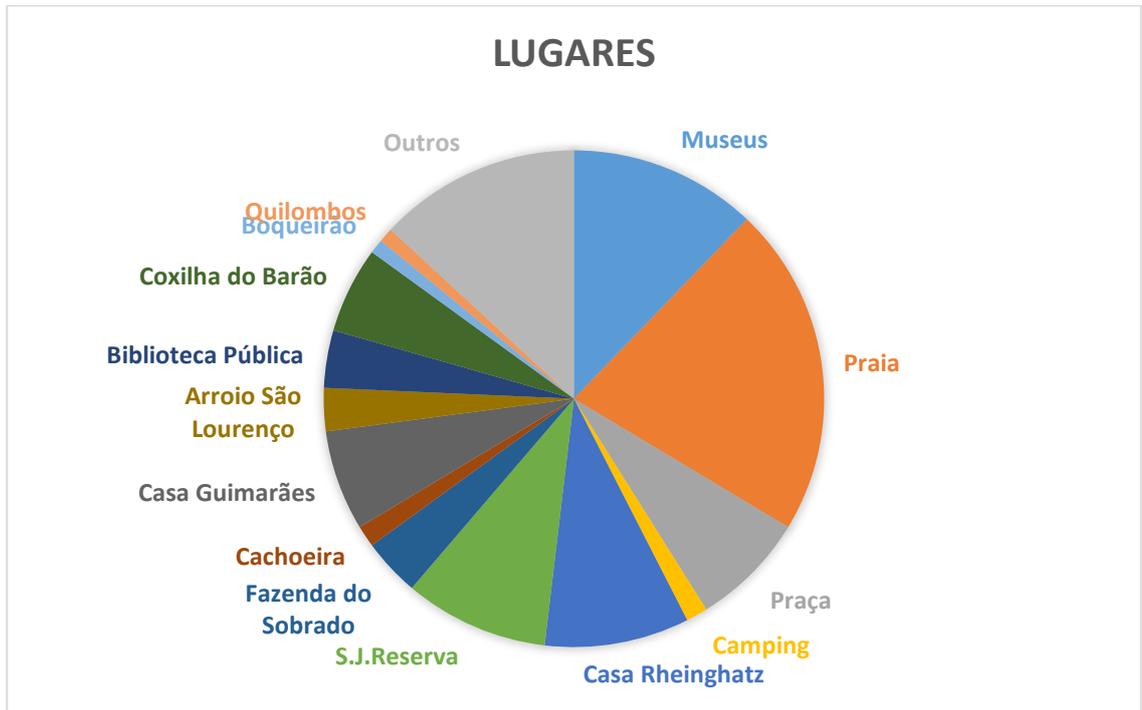


Gráfico 2 - Gráfico das festas ou celebrações

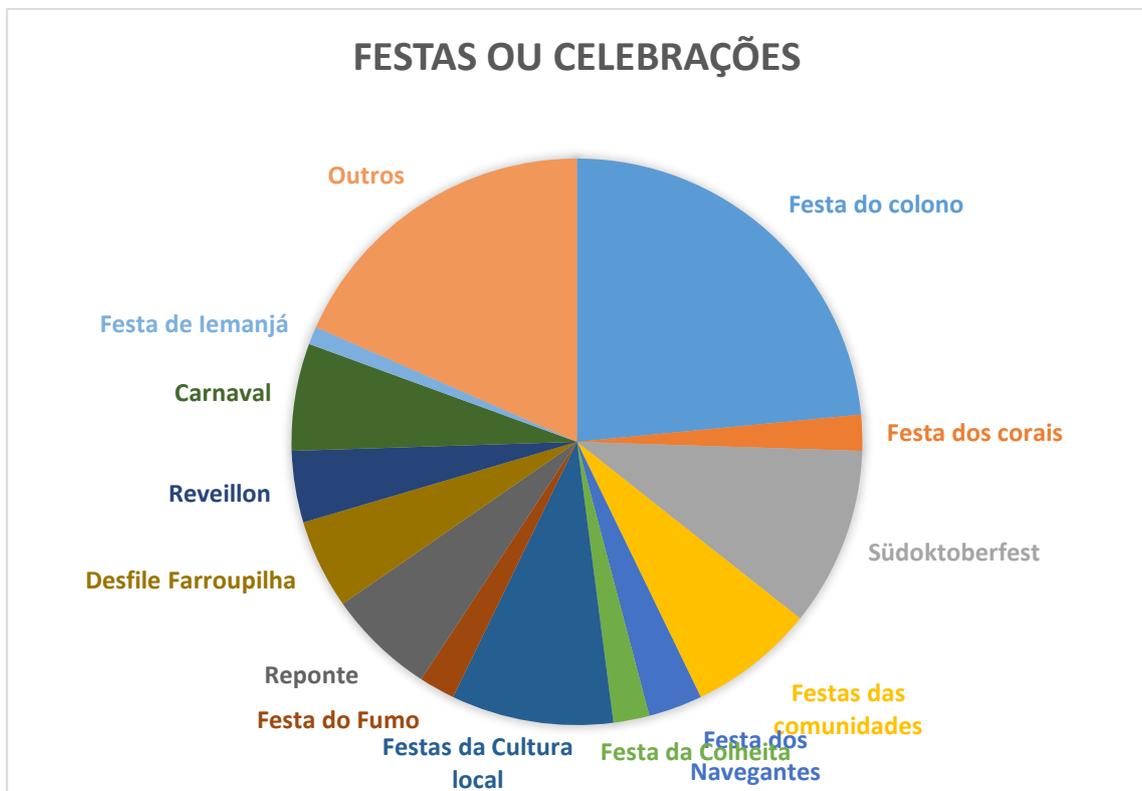


Gráfico 3 - Gráfico das formas de expressão

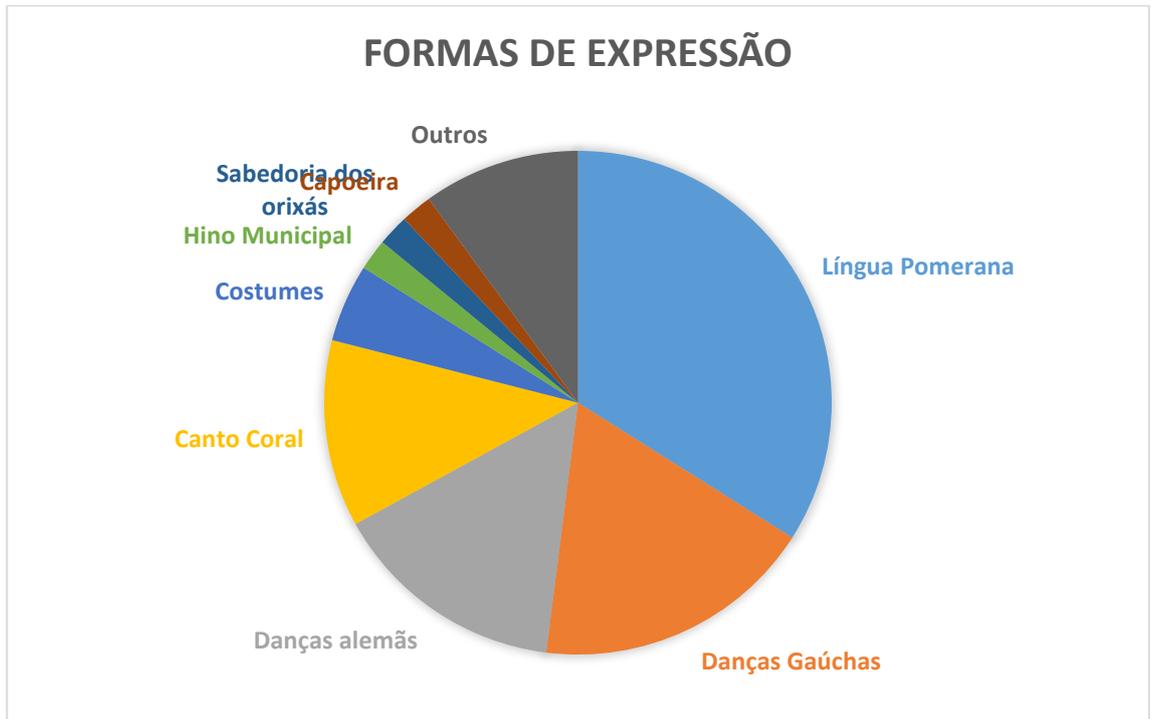
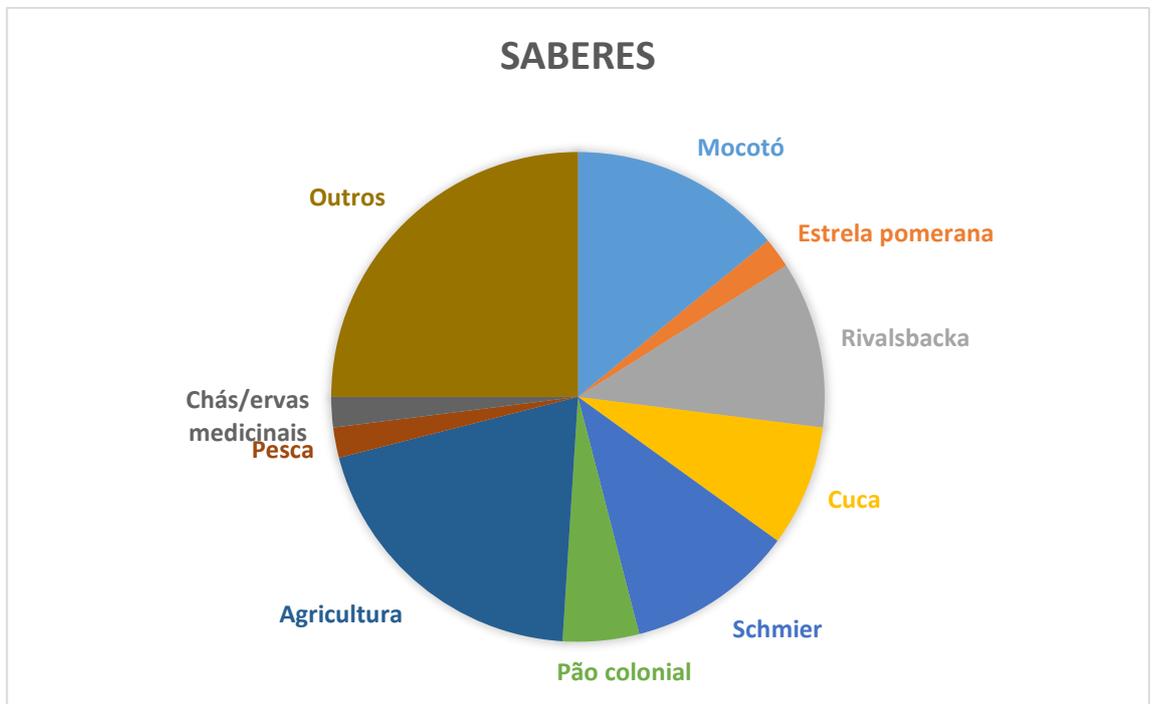


Gráfico 4 - Gráfico dos saberes



A partir da coleta de dados feita com os alunos da escola Marina Vargas, evidenciam-se algumas características importantes. Como exemplo, pode-se indicar o fato da grande maioria dos alunos da escola citar a praia ou a orla da Laguna dos

Patos como espaços com significados especiais para os mesmos, seja por ser “um dos lugares turísticos mais bonitos da cidade” (Sthefanie, 9º ano), seja por ser “o cartão postal da cidade” (Bruna, 9º ano) ou por representar “um lugar bastante frequentado por pessoas da cidade e por turistas, onde se realizam as maiores atrações da cidade” (Milene, 8º ano) ou, ainda, por ser o local onde residem, conforme relata Marina, 8º ano, “onde eu cresci, onde eu passo as férias e me divirto muito”. Nas citações/afirmações dos alunos, observa-se um grande “apego” a esta paisagem natural do município, pela maioria dos cidadãos que aí vivem, inclusive, os da zona rural, pois vários destes alunos também citaram a praia como um lugar importante. Nesse sentido, a praia como patrimônio natural local pode “suscitar as reflexões dos estudantes em relação ao vivido e às relações socioambientais nas quais estão inseridos” (SCHIAVON, 2011, p. 47).

Além da praia, há o apontamento de diversos outros locais, formas de expressão, saberes ou celebrações com os quais os jovens se identificam e que, ao mesmo tempo, têm um significado histórico muito amplo no contexto da formação histórica da cidade de São Lourenço do Sul.

Nesse sentido, é possível evidenciar nos relatos a importância de algumas festas ou celebrações consideradas importantes na caracterização do município pela sua constituição étnica. Neste caso, o aluno Rafael (8º ano) destaca a importância da Festa do Colono e Motorista, realizada no interior do município, “pois ela celebra o colono que produz alimentos para as cidades e o motorista que transporta isso tudo”. Muitos alunos relatam, também, a importância da “língua alemã e pomerana, que ainda é muito falada por seus descendentes no interior e na cidade”, conforme relatam alguns alunos, além de seus aspectos culturais que, conforme Sthefanie, 9º ano, “nos ensinaram muito com a simplicidade dos afazeres e da vida”.

A *Südktoberfest* também é destacada pelos jovens como uma festa importante para o município. Trata-se de uma festa criada para retratar alguns aspectos da cultura alemã, através de danças, comidas e bebidas típicas trazidas pelos imigrantes, mas que também tem sua importância comercial por ser uma forma de atrair turistas para São Lourenço. A festa é organizada pelos participantes do grupo de danças folclóricas alemãs que tem o mesmo nome da festa. Estes grupos de danças também são apontados com características culturais relevantes pelos jovens entrevistados.

Além disso, é importante destacar ainda o fato de que a cultura e as tradições gaúchas também têm relevância na opinião dos alunos da escola urbana, dando

ênfase aos CTGs (Centro de Tradições Gaúchas), internadas e músicas. Nesse sentido, pode-se observar que a maioria que relata estas manifestações, tem alguma ligação próxima com as mesmas, ou seja, grande número faz parte de atividades que remetem à tradição gaúcha. No relato de Francisco (8º ano), o aluno diz que, para ele, a forma de expressão mais importante são os grupos de danças gaúchas, “pois afinal eu participo dele e foi a melhor coisa que me aconteceu”. Além disso, Francisco ainda destaca como um saber importante, o “tocar acordeon” do músico Cristiano Vieira, que ele admira muito “porque é muito bonito esse fazer”.

Um fato marcante nos relatos dos alunos da escola urbana é que a grande maioria, ao serem questionados sobre um “saber” que consideram importante, relatam alguma comida ou receita feita por algum familiar próximo; na maioria dos casos, referindo-se a algum “saber fazer” da avó. Como exemplo, tem-se o modo de fazer “Schmier<sup>19</sup> da minha avó lá de fora, porque é gostosa e ela sabe fazer do jeito que eu gosto” (Marina, 8º ano). Além disso, Juliana (9º ano) também fala da importância deste doce que sua avó faz, dizendo que “hoje tudo é industrializado e, na minha opinião, o trabalho manual tem mais valor”. Há referências também ao modo de fazer a cuca<sup>20</sup> “que a minha vó faz lá no sítio, porque os antigos faziam e além do mais é muito gostoso” (BRUNA, 8º ano).

Nesse sentido, volta a ter destaque a questão que remete aos bens culturais que fazem sentido para o sujeito porque fazem parte do seu cotidiano ou que são reafirmados para outros fins, geralmente comerciais. No relato dos alunos, percebe-se que no referente à culinária, estes retrataram alimentos que estão na sua memória e que remetem a lembranças de momentos especiais em família. Ao mesmo tempo, tem-se o fato de que apenas um aluno relata a importância do “caldo lourenciano” porque é “muito gostoso” (Léo, 8º ano). O caldo lourenciano é um prato elaborado por um grupo de pessoas e é “famoso” por ter características e ingredientes que o diferenciam de outros caldos. O interessante é que este caldo especial é considerado, informalmente, como um bem cultural de São Lourenço em suas propagandas turísticas. O que chama a atenção, neste caso, é que ele não é tão conhecido pela população a ponto de haver este reconhecimento.

Ainda, com relação aos saberes, há o apontamento de um aluno que fala do “filó da vó (costura), pois é um tipo de costura que poucos sabem fazer e essa geração

---

<sup>19</sup> Doce feito de frutas para passar no pão (geleia).

<sup>20</sup> Pão doce com cobertura de açúcar e canela ou frutas. Típico da culinária dos imigrantes alemães.

de adultos não aprendeu” (Rafael, 8º ano). Com base neste relato, constata-se a percepção dos alunos sobre a importância de saberes do passado relacionados aos laços afetivos e familiares.

Ao serem questionados sobre alguns objetos de relevância nas suas vidas, grande parte dos alunos relatou o uso de instrumentos tecnológicos, como o computador, *notebook* ou celulares, além de outros de uso pessoal que fazem parte do seu cotidiano. Em poucos casos, foram obtidos resultados com objetos antigos como, por exemplo, fotos, “uma espora muito antiga que foi passada de geração a geração, ela é bem antiga, eu espero que eu possa passar para meus filhos” (Paula, 9º ano) ou, ainda, a “aliança da minha bisavó, que é guardada lá em casa porque é a aliança amorosa dos meus avós” (Jhordana, 8º ano). Nota-se, nestes depoimentos, a importância dada pelas jovens para a preservação e a salvaguarda dos objetos.

Com relação aos apontamentos feitos pelos alunos da escola rural, Martinho Lutero, pode-se identificar, à primeira vista, informações gerais que remetem às características históricas e culturais da imigração; principalmente, no que se refere à religiosidade, à culinária, à agricultura e às festas que possuem características de rememorar estas tradições. Nesta direção, torna-se importante ressaltar que estas características nos relatos dos alunos se devem, em grande parte, ao desenvolvimento do *Projeto Pomervida*, cujas características já foram relatadas no primeiro capítulo, caracterizando-se por valorizar, através de pesquisas dos alunos na comunidade, referenciais culturais do local em que vivem a fim de se preservar a história e a memória da comunidade do entorno da escola.

Além disso, deve-se levar em conta o fato de que a referida escola atende a uma clientela com características peculiares, caracterizando-se como uma comunidade cujos aspectos a definem como um grupo cultural específico, algo já relatado no texto, e que por esta razão possuem características próprias. Mesmo que, por vezes, sejam envolvidos em um emaranhado de referenciais inter e intraétnicos, aspectos específicos os particularizam e se distinguem, demarcando fronteiras. Os pomeranos, assim como outras etnias, têm suas formas e costumes específicos. Esse modo de vida, esse acumulado histórico tornou-se conhecimento e cultura e sua transmissão é garantida pelas estratégias comunitárias locais.

Passado de geração em geração através das práticas cotidianas, seus membros e descendentes mantêm suas tradições ao longo das gerações. No mundo familiar, no mundo da comunidade, seus membros tornam-se portadores deste

conhecimento específico e são os mediadores entre os costumes tradicionais, as modificações da contemporaneidade e sua manutenção para as futuras gerações.

Uma das características que aparece na grande maioria dos relatos dos alunos refere-se à religiosidade, identificada através da relação de lugares importantes, como igrejas; como objetos de destaque: a Bíblia ou o Catecismo<sup>21</sup>; festas ou celebrações relacionadas com comunidades religiosas ou rituais de passagem como a Confirmação<sup>22</sup>. Esta característica é peculiar à maioria dos grupos étnicos identificados como pomeranos ou alemães, como afirma a antropóloga Joana Bahia (2001), a respeito de estudos sobre populações pomeranas no estado do Espírito Santo, onde o princípio fundamental da educação de jovens está amparado nos Dez Mandamentos cristãos, sendo uma característica comum a estes grupos, inclusive, em São Lourenço do Sul, destacando que a religiosidade é:

[...] ensinamento próximo do que compreendem por educação e da forma como educam as crianças, quanto ao que é certo ou errado no trabalho da roça. O ensino reflete uma prática e uma visão de mundo ligadas aos valores mais caros ao mundo camponês (respeito à autoridade paterna e ao *ethos* do trabalho) e também ao significado da igreja nos valores identitários (BAHIA, 2001, p. 78).

Nota-se que estes valores permanecem bastante enraizados na comunidade, sendo muito comum que os pais dos alunos atribuam uma maior importância ao ensino religioso, principalmente, através do ensino confirmatório, no qual os jovens são “preparados para a vida”, conforme a visão da comunidade.

Como exemplo disso, pode-se observar a importância dada por Carla (8º ano) para a Bíblia, um objeto considerado de grande valor cultural, porque através dela “sabemos da própria religião, e é na Bíblia que podemos encontrar todas as informações necessárias para ter uma vida digna”. Além disso, Miguel (8º ano) afirma que a Igreja é um local importante, porque “lá nós podemos nos reunir e conversar sobre as coisas de Deus, nos encontros de jovens”. Nicolas (8º ano), por sua vez, destaca a importância da Festa da Colheita “realizada nas igrejas e nessa festa a gente pode agradecer a boa colheita que fizemos”. Estes são alguns exemplos das afirmações que aparecem para justificar as suas escolhas, amparadas nas questões

---

<sup>21</sup> Referindo-se ao Catecismo Menor, de Martin Lutero, que ainda é a base dos ensinamentos cristãos das religiões luteranas.

<sup>22</sup> A Confirmação nas igrejas luteranas é equivalente à catequese ou Primeira comunhão das igrejas católicas.

religiosas que permanecem como uma das características muito fortes desta comunidade ao longo das gerações e que se notam nas vivências e no dia a dia.

Com relação ao modo de vida, identifica-se outra característica importante, no relato dos alunos, que também faz parte de “seu mundo”, ou seja, a relação muito próxima à agricultura. Nesse sentido, é retratada, diretamente, na maioria dos relatos, a ligação da família com a produção agrícola; mais especificamente, ao cultivo de fumo. Nesse sentido, o aluno Mateus, do 8º ano, afirma que o “modo de colher o fumo é um saber muito importante, porque é uma produção com muita renda aqui em nossa região”. Este aspecto econômico é destacado por diversos jovens, onde o cultivo do fumo representa a maior renda para a família atualmente. Além do fator econômico, também se destaca o “gosto” pela agricultura: “meus pais são agricultores e é um trabalho pesado e difícil que muitas vezes não é valorizado e que eles têm orgulho de fazer” (Anderson, 8º ano). Esta característica do mundo rural também é destacada no que diz respeito aos objetos considerados importantes. Foram citados pelos jovens, diversos objetos antigos, os quais seus avós usavam na agricultura, principalmente arados, carroças ou instrumentos que deram lugar à modernidade. Destaca-se, também, a importância do trator, hoje essencial para o desenvolvimento da agricultura e que, para estes jovens, talvez represente uma das mais avançadas tecnologias agrárias a que eles têm acesso.

Neste contexto rural, foram destacados também modos de fazer ou saberes importantes, exemplificados com receitas tradicionais da cultura da qual fazem parte. Nesse sentido, destacam-se a cuca, o bolinho de batata (*rivalsback*), o *waffel*, a *schmia* de melancia, conservas<sup>23</sup> e o pão caseiro feito no forno “de rua”. Assim como os alunos da escola Marina Vargas, os alunos da escola Martinho Lutero, que apontaram as receitas típicas como bens culturais, argumentam que a produção das mesmas remete à vida familiar, tendo em vista que são preparadas por suas mães e avós e as receitas são repassadas a várias gerações.

Entre todas estas características relatadas até o momento, não poderia deixar de ter destaque também a importância da língua pomerana para estes jovens, pois, em muitos casos, é a sua língua materna.

---

<sup>23</sup> Conservas são alimentos armazenados em vidros (a vácuo), de modo caseiro, para conservar os alimentos por mais tempo. Podem ser doces ou salgadas, utilizando produtos como pepino, beterraba, cenoura, pêssego, figo, chuchu etc. Este costume ainda se preserva por muitas famílias.

A valorização da língua está tendo prioridade nesta região através dos trabalhos desenvolvidos pela escola, pois, conforme relata a aluna Letícia (8º ano), “ela é importante porque é a língua local que infelizmente estamos perdendo”, referindo-se ao fato de que algumas famílias já não incentivam os filhos a falarem o pomerano. Além disso, a maior dificuldade para sua manutenção como língua viva está no fato de ser apenas uma língua oral, falada, cuja escrita foi perdida desde o século XI. Existem, atualmente, projetos para retomar uma forma escrita da língua pomerana, mas que ainda são motivos de debates entre interessados e pesquisadores, não havendo um consenso sobre a forma mais apropriada.

Além de todas estas características que têm ligação direta com o mundo rural e a comunidade em estudo, pode-se destacar também que, além destes aspectos citados até aqui, outros também foram apontados pelos alunos, possuindo semelhanças com alguns relatos dos alunos da escola Marina Vargas, principalmente no que diz respeito a locais turísticos ou históricos do município e o destaque da praia como importante bem cultural natural.

Pode-se observar que, até aqui, não se utilizou nenhum depoimento de alunos do 4º ano do ensino fundamental, turmas nas quais também foi feito o levantamento de dados nas duas escolas. Isto se deve ao fato de que todos os bens culturais considerados pelos alunos destas turmas estão relacionados a algum ponto histórico do município. Cabe ressaltar que a pesquisa foi feita em ambas as turmas, logo após as visitas das mesmas aos locais considerados históricos para São Lourenço do Sul, entendendo-se que este fato influenciou no relato dos alunos. Mesmo assim, estas informações são relevantes e serão apontadas no próximo capítulo.

Nesse sentido, de acordo com a proposta deste capítulo, pretendeu-se, até aqui, fazer reflexões sobre alguns bens culturais relatados pelos alunos entrevistados, os quais apresentam peculiaridades consideradas importantes dentro do contexto do trabalho, fazendo-se uma relação entre eles e justificando algumas escolhas, destes alunos, no contexto histórico, social e econômico para o município.

Para o próximo capítulo, serão retomados estes temas, além de se trabalhar com o “inventário” dos bens materiais e imateriais, o qual se conseguiu fazer a partir da pesquisa com os alunos; isso para possibilitar o estudo da história local. Desse modo, serão apontados todos os bens relatados pelos alunos a fim de se retomar a sua história.

## **CAPÍTULO III – OS BENS CULTURAIS IDENTIFICADOS NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL**

Conforme a proposta deste trabalho, neste último capítulo, será feita a descrição específica dos bens identificados a partir da coleta com os alunos de São Lourenço do Sul. Dessa forma, o percurso metodológico proposto a partir da Educação Patrimonial perpassa pelas etapas de identificação e coleta de dados em forma de inventário coletivo, por meio da percepção dos alunos, e chega em sua etapa final, momento em que se destacam estes bens culturais, ressaltando sua importância para a comunidade lourenciana e para a constituição da sua história.

Utilizando-se os bens culturais enquanto documentos e fontes para o ensino de História, estará se possibilitando a utilização dos mesmos como recursos para os processos de educação para o patrimônio, preenchendo os “vazios” e os “esquecimentos” de histórias e memórias das diferentes realidades culturais que fazem parte de São Lourenço do Sul.

Nesse sentido, os bens patrimoniais identificados serão relacionados com a história do município de modo que serão a base para (re)contar a sua própria história a partir dos aspectos culturais vistos sob a ótica da própria coletividade que os constitui.

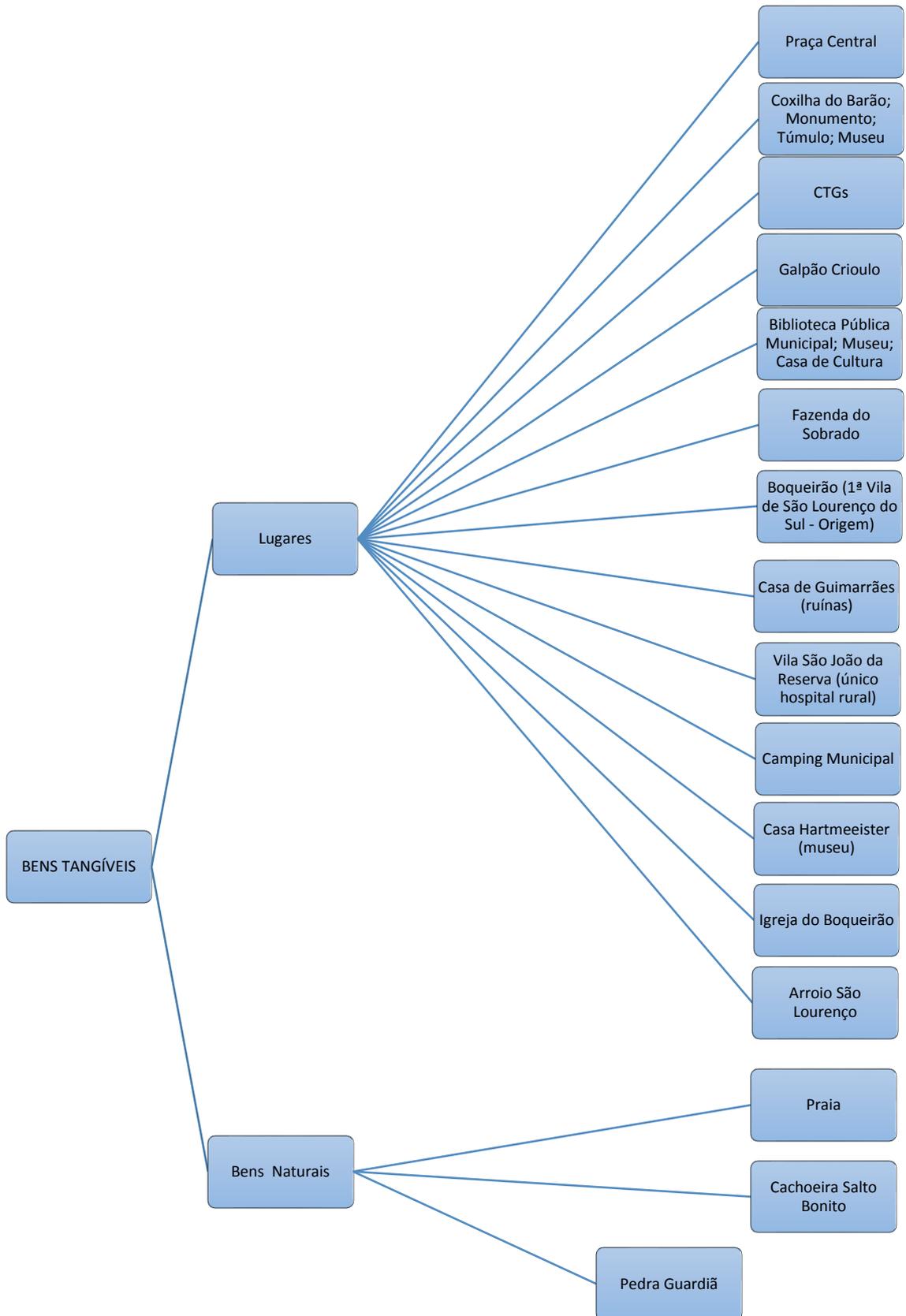
### **3.1 OS BENS PATRIMONIAIS IDENTIFICADOS: TANGÍVEIS E INTANGÍVEIS**

Na pesquisa, conseguiu-se identificar uma grande variedade de bens patrimoniais, sendo eles naturais (que se referem ao meio ambiente), culturais e mistos. De acordo com PELEGRINI (2009), “os bens culturais também se dividem em bens materiais (ou tangíveis) e bens imateriais (ou intangíveis)” (p. 28), na qual os bens tangíveis constituem-se de bens móveis ou imóveis, que apresentam evidências materiais; e os bens intangíveis podem ser ideias, costumes, crenças, tradição oral, danças, rituais, saberes, entre outros.

Além disso, utilizou-se também a identificação dos bens de acordo com os modos nos quais se manifestam, sendo estes os lugares, os objetos, as celebrações, as formas de expressão e os saberes. Durante a citação e a discussão do material coletado na pesquisa, poderá se perceber a ausência da citação de objetos. Isto

ocorre pelo fato dos alunos terem, em sua grande maioria, considerados como objetos importantes os que fazem parte do seu cotidiano, citando assim seu *notebook*, celulares, *skate*, bicicleta, entre outros. Neste caso, estes não serão citados na lista de bens patrimoniais para o município.

Nesta direção, de acordo com a classificação indicada, o patrimônio cultural lourenciano, para fins deste trabalho, apresenta-se dividido da seguinte forma:

**BENS TANGÍVEIS****Figura 6 - Organograma dos Bens Tangíveis**

## BENS INTANGÍVEIS

Celebrações	Formas de Expressão	Saberes
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Festa da Colheita</li> <li>• Festa de São Lourenço</li> <li>• Semana Farroupilha</li> <li>• Carnaval</li> <li>• <i>Reveillon</i> na praia – show pirotécnico</li> <li>• Reponte</li> <li>• Festa dos Navegantes</li> <li>• <i>Südoctoberfest</i></li> <li>• Moto Lagoa</li> <li>• Feira do Livro</li> <li>• Festas em homenagem ao colono – Festa do colono e do motorista</li> <li>• Festas das comunidades religiosas (rural)</li> <li>• Festa de Iemanjá</li> <li>• Festas e celebrações tradicionais ligadas à religiosidade: confirmação e casamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo de danças folclóricas alemãs (<i>Sonnenchein</i> e outros)</li> <li>• Grupos de danças gaúchas – invernadas</li> <li>• O Hino do Município</li> <li>• A língua pomerana e a alemã</li> <li>• O canto-coral</li> <li>• Grupo de Capoeira (Filhos da roda)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A pesca (o saber dos pescadores)</li> <li>• Os modos de fazer produtos coloniais: <i>schmier</i>, pão, compotas, linguça, <i>cuca</i>, <i>sopa</i>, <i>waffel</i>, bolinhos de chuva, bolinho de batata etc.</li> <li>• O “mocotó” da colônia</li> <li>• A agricultura, o modo de colher fumo.</li> <li>• Artesãos lourencianos.</li> <li>• Estrela pomerana (artesanal)</li> <li>• Plantio de ervas e chás medicinais</li> <li>• As “mãe de santo” ou “pai de santo” - a sabedoria dos orixás</li> </ul>

Figura 7 - Organograma dos Bens Intangíveis

Por meio deste inventário, é possível perceber o apontamento de bens já consagrados pela tradição e pela história, como é o caso, por exemplo, da Fazenda do Sobrado, da praia (bem natural), da Biblioteca Pública Municipal e da Coxilha do Barão, local que se destaca pelos seus monumentos e museu. Ao mesmo tempo, aparecem como patrimônio também os processos culturais realizados por pessoas simples, no cotidiano dos moradores da cidade ou na zona rural de São Lourenço do

Sul como, por exemplo, o saber dos pescadores que vivem da pesca à beira da Lagoa dos Patos, a tradição do plantio de ervas e chás medicinais nas comunidades quilombolas ou, ainda, a própria agricultura e os modos de fazer os produtos coloniais como a *schmier*, o pão, as compotas, a linguiça, o bolinho de batata.

Todos estes processos são importantes na medida em que permitem a identidade da população e o sentimento de pertencimento da comunidade onde eles ocorrem, transformando-os, assim, em patrimônio.

Da mesma forma, considera-se importante a necessidade de apontar e reconhecer, como um meio de propagação da história e da cultura lourenciana, o livro editado em 4 volumes, do médico Dr. Edilberto Luiz Hammes. Trata-se de uma enciclopédia escrita pelo autor com mais de 2000 páginas, que tratam dos mais variados temas relacionados com a história do município de São Lourenço do Sul.

Existem, no município, diversos autores, escritores e até mesmo pesquisadores que retratam a história de São Lourenço, de forma fragmentada ou romantizada. Daí a relevância da obra de Hammes, intitulada “São Lourenço do Sul: radiografia de um município”, que nas palavras do professor e historiador Mário Osório Magalhães, trata-se do “ensaio mais completo que se escreveu até hoje sobre qualquer município rio-grandense”. Além disso, Magalhães ainda afirma que:

[...] pode ser até que não tenha paciência para percorrê-los por inteiro. Mesmo assim, haverá de consultá-los por partes, a fim de desfazer alguma dúvida que, em relação ao passado do seu município, venha algum dia, porventura, a lhe ocorrer, porque como disse, todos os temas, de uma forma ou de outra, estão ali, foram ali abordados. No último, mas no último dos casos, haverá simplesmente de contemplar, com a satisfação característica dos proprietários satisfeitos, os quatro livros que enfeitam, em estado de repouso, a estante da sala [...] (MAGALHÃES, 2005, p. 21 apud HAMMES, 2010).

Neste sentido, sabe-se que não se trata de uma obra com as características e o rigor das metodologias às quais as pesquisas históricas e científicas devem estar submetidas, mas, como o próprio historiador disse, trata-se de um material de pesquisa sobre a história de São Lourenço do Sul, que ainda não existia. Desta forma, tem-se a humildade de reconhecer a importância do trabalho do médico escritor que tenta preservar, a seu modo, a história do seu município, como o respeito à sua dedicação durante 12 anos de pesquisa. Como afirma o próprio autor,

Não sou escritor, nem historiador. Sou apenas um lourenciano preocupado com a possível perda do elo entre o passado e o presente. Se não fosse escrita logo esta obra, muitas passagens da nossa história poderiam ser esquecidas ou ignoradas pelas futuras gerações. Este trabalho, portanto, é apenas uma consequência disso. Uma contribuição minha ao povo de minha terra (HAMMES, 2010, p. 7).

Dessa forma, compreende-se que sua obra deve integrar a listagem de bens culturais do município, porque retrata muito da sua história e propriamente a sua cultura.

### **3.2 A EFETIVAÇÃO DO MATERIAL PEDAGÓGICO: A VALORIZAÇÃO DOS BENS CULTURAIS LOCAIS**

É importante salientar que, devido à proposta de efetivação de um material didático<sup>24</sup> a partir da presente proposta, os bens patrimoniais serão apresentados numa ordem cronológica de acontecimentos, tornando a proposta didaticamente mais adequada e compreensível à faixa etária a que se propõe (séries iniciais).

#### **3.2.1 Os locais históricos**

Neste item, serão retratados os pontos históricos que fazem parte da formação de São Lourenço do Sul.

##### **3.2.1.1 A formação histórica de São Lourenço do Sul**

Antes do povoamento da região por portugueses, luso-brasileiros, africanos ou imigrantes, houve a presença de grupos indígenas na região da Serra dos Tapes, que mais tarde foi colonizada pelos imigrantes germânicos. Essas tribos eram de origem Guarani, Minuano e Charrua (BOSENBECKER, 2011; IEPSSEN, 2008).

---

<sup>24</sup> O material didático proposto será feito a partir da coleta de dados evidenciada neste terceiro capítulo e será disposto na forma de uma cartilha, de modo que possa servir aos professores e alunos de São Lourenço do Sul para estudarem a história do município e como meio de proporcionar um maior interesse pelos aspectos culturais do local e a importância da sua salvaguarda. A cartilha está colocada, em anexo, a esta Dissertação.

### 3.2.1.2 A Vila do Boqueirão (o primeiro povoado)

A região de São Lourenço foi composta, inicialmente, a partir de sesmarias doadas a portugueses ou luso-brasileiros, assentados na margem da Laguna dos Patos, entre o Arroio Grande (atual município de Turuçu) e o Rio Camaquã. Estas terras eram utilizadas como campos nativos e formação de estâncias pastoris, dedicando-se à pecuária, à produção de seus próprios alimentos e à criação de pequenos animais para uso doméstico. Nestas estâncias, viviam os proprietários, seus escravos, peões, agregados, pequenos lavradores e outros grupos que não tinham propriedades próprias e mantinham uma complexa relação com os estancieiros (BOSENBECKER, 2011).

Neste contexto, surge o povoado do Boqueirão, que é a base do futuro município. Por volta do ano de 1850, havia, na região do Boqueirão, um número aproximado de 500 habitantes.

**Figura 8- Igreja Nossa Senhora da Conceição, localizada no Boqueirão**



Fonte: Acervo da autora, 2014.

### 3.2.1.3 A vila de São Lourenço

Nessa mesma época, surge a primeira iniciativa de se estabelecer um povoado

próximo ao Arroio São Lourenço; por isso, o estancieiro José Antônio de Oliveira Guimarães doa uma parte de suas terras que ficavam à margem do Arroio para serem loteadas e povoadas. A doação de parte de suas terras origina a Vila de São Lourenço. O pequeno porto no Arroio São Lourenço era um dos principais negócios que o estancieiro alimentava para prosseguir com sua proposta de alterar o local mais “urbanizado” da região, do Boqueirão para a Vila São Lourenço<sup>25</sup> (BOSENBECKER, 2011).

São Lourenço foi elevada à categoria de município somente em 1884. Nesta data, a sede do município ainda era a Vila do Boqueirão, sendo denominado de Conceição do Boqueirão. Somente mais tarde é que ocorre a transferência administrativa municipal para a Vila de São Lourenço.

A Vila do Boqueirão, além de sua importância histórica para o município de São Lourenço, tem sua importância também para a história do Rio Grande do Sul, tendo em vista que foi palco de alguns confrontos da Revolução Farroupilha. Durante a revolução, o chefe da polícia, Inácio José de Oliveira Guimarães, oferece apoio logístico aos farrapos, abastecendo-os de cativos, cavalos e gado (LUCKOW, 2010).

**Figura 9 - Ruínas da Casa de José Antônio de Oliveira Guimarães- às margens do Arroio São Lourenço**

---

<sup>25</sup> Este panorama pode ser percebido no croqui que se encontra em anexo neste trabalho, elaborado pela pesquisadora Patrícia Bosenbecker (2011), para a sua dissertação de mestrado.



**Fonte:** acervo da autora, 2014.

Além da importância histórica da sesmaria de propriedade de Oliveira Guimarães, que deu origem à cidade de São Lourenço do Sul, existia uma outra estância, na outra margem do Arroio, de propriedade da família de Antônio Francisco dos Santos Abreu, denominada de Fazenda São Lourenço. Mais tarde, a Fazenda São Lourenço era conhecida como Solar dos Abreu, fazendo referência ao sobrenome da família proprietária, sendo hoje conhecida como Fazenda do Sobrado. De acordo com LUCKOW (2010), o nome Fazenda do Sobrado se deve à construção do prédio que se caracteriza como um tipo de edificação pouco comum na época para a residência dos estancieiros, que eram normalmente organizadas em um único pavimento. Além de seu valor histórico, hoje também é utilizada como ponto turístico do município.

**Figura 10 - Fazenda do Sobrado**



**Fonte:** acervo da autora, 2014.

A Estância São Lourenço (ou hoje chamada de Fazenda do Sobrado) também teve papel importante na história do Rio Grande do Sul, na medida em que serviu de local de reuniões de Bento Gonçalves e seus comandados durante a Revolução Farroupilha (1835-1845). A casa pertenceu à família de Anna Joaquina Gonçalves da Silva, irmã de Bento Gonçalves (HAMMES, 2010).

#### **3.2.1.4 A Coxilha do Barão**

No inventário patrimonial, os alunos apontam também como um local significativo para a história do município, a Coxilha do Barão, localizada na zona rural do município, local denominado de Picada Moinhos. Neste local, em sua atual configuração, encontram-se monumentos em homenagem à imigração: um museu estabelecido na antiga casa de Jacob Reinghantz (dono do empreendimento que trouxe os imigrantes ao município); a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, onde também se encontram os restos mortais do colonizador; A Igreja Católica Santa Cecília e o seu respectivo salão de festas e um parque em que se realizam as

principais festas em homenagem ao colono/imigrante, junto ao salão da comunidade religiosa evangélica já citada.

A história da Coxilha do Barão inicia-se com a sociedade do alemão Jacob Rheingantz e José Antônio de Oliveira Guimarães, que compram do Governo Imperial uma área de terras devolutas que seriam destinadas para a instalação e a exploração dos colonos imigrantes, que Rheingantz traria da região da atual Alemanha. As pessoas trazidas por ele recebem lotes de terras para o cultivo na região da Serra dos Tapes, que, até então, não havia sido povoada. A primeira leva de imigrantes chega no ano de 1858, num total de 88 pessoas (IEPSEN, 2008).

Estes imigrantes fixaram-se na região de serra, coberta por florestas e se dedicaram à agricultura familiar em pequenas propriedades e com uma produção diversificada. Os colonos tiveram que pagar, dentro dos prazos impostos pelos colonizadores, as terras em que se instalavam.

Para melhor administrar a colônia, Jacob Rheingantz instala-se na Picada Moinhos e constrói a sua casa na “Roça”, a mesma que hoje abriga o Museu da Imigração<sup>26</sup>.

Até a algum tempo, a figura de Jacob Rheingantz era destacada na história oficial como um grande herói pela iniciativa e pela liderança no empreendimento da colonização europeia em São Lourenço do Sul.

Hoje sabe-se e se reconhece a importância deste sujeito por esta iniciativa, adquirindo as terras que seriam vendidas aos imigrantes europeus, formando a colônia.

Apesar disso, há registros históricos e pesquisas que indicam que Rheingantz não era tão “benéfico” assim<sup>27</sup>.

Há indícios de que havia exploração por parte dele com os colonos, principalmente em relação aos altos preços que cobrava pelo pagamento das terras e dos produtos que os colonos tinham que comprar, além de deixar a cargo das comunidades a responsabilidade financeira de construir escolas e manter a sua segurança. Essa insatisfação causou conflitos entre Rheingantz e os imigrantes, tendo

---

<sup>26</sup> Maiores informações sobre este Museu serão abordadas no decorrer do texto.

<sup>27</sup> Para saber mais sobre o assunto ver: IEPSEN, Eduardo. **Jacob Rheingantz e a colônia de São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história**. Dissertação (Mestrado em História). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008. 280 pgs.

havido uma revolta dos colonos no ano de 1867, quando estes invadiram a casa do colonizador, na Coxilha do Barão, destruindo objetos e mobiliário.

Os sucessores de Jacob, no empreendimento e na administração da colônia de São Lourenço, após a sua morte, em 1877, foram os seguintes (nesta ordem): o filho Carlos Guilherme Rheingantz, o seu genro, o Barão de Steinberg, o filho Luiz Valentin Bernardo Rheingantz e, por último, o outro filho, Oscar Philippe Rheingantz. Depois disso, as colônias foram vendidas para João Baptista Scholl, em 1898 (HAMMES, 2010, p. 458. vol.1).

É importante destacar o fato de que o filho do fundador da colônia de São Lourenço, Carlos Guilherme Rheingantz, é o fundador da famosa fábrica têxtil Rheingantz, de Rio Grande. Por se dedicar à indústria rio-grandina, logo passou a administração da colônia de São Lourenço para o seu cunhado, o Barão de Steinberg.

Ao contrário do que se pensa, o nome do local, Coxilha do Barão, se deve justamente a uma homenagem ao barão que administrou a colônia, casado com a filha de Jacob Rheingantz e não por causa do seu fundador.

Outro ponto de destaque da Coxilha do Barão são os seus monumentos.

O monumento em homenagem a Jacob Rheingantz foi construído em 1908, por um comitê de líderes da comunidade que se mobilizou para arrecadar dinheiro para a sua construção (HAMMES, 2010). Além de homenagear Jacob, também eram comemorados os 50 anos da colonização de São Lourenço.

**Figura 11 - Monumento em homenagem aos 50 anos de colonização**



**Fonte:** acervo da autora, 2014.

No mesmo parque, existe também um outro monumento, em homenagem ao centenário da fundação da colônia, erguido em 1958. Ele homenageia o colono, representado pela escultura do “semeador”.

**Figura 12 - Monumento ao Semeador**



**Fonte:** acervo da autora, 2014.

Além disso, tem-se ainda o templo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), onde foi construída uma galeria subterrânea para a visitação do ataúde de Jacob Rheingantz, inaugurada em 1988 (HAMMES, 2010).

No parque da Coxilha do Barão, que reúne todos estes espaços aqui citados, acontece até hoje a tradicional Festa do Colono e do Motorista no mês de julho, em homenagem ao decreto de 1934, quando o governo do estado instituiu o “Dia do Colono”, comemorado no dia 25 de julho (HAMMES, 2010). O ponto forte da festa é a escolha da rainha da colônia e do motorista, que é feita a partir de representantes de cada distrito do município.

### **3.2.1.5 A vila de São João da Reserva**

A vila de São João da Reserva tem sua importância histórica na medida em que

está entre os três primeiros distritos criados no município, além da vila de São Lourenço e da Vila do Boqueirão.

Também está intimamente ligada à história da imigração e da formação da colônia, pois, no momento em que Jacob Rheingantz trouxe os colonizadores, era necessário levar os colonos aos seus locais definitivos na localidade. Porém, como estes locais ainda não haviam sido explorados anteriormente, Rheingantz é obrigado a construir lugares para acomodação temporária dos imigrantes, até que eles chegassem a seu local de destino e construíssem suas casas. Era uma espécie de barracão coletivo que servia de alojamento, construído numa localidade que passou a se chamar “Reserva da Colônia de São Lourenço”, onde hoje existe a vila de São João da Reserva. Depois de servir de alojamento, no mesmo local foi construída uma casa comercial, de propriedade de Rheingantz, onde os colonos poderiam adquirir os produtos de sua necessidade (BOSENBECKER, 2011; IEPSEN, 2008; HAMMES, 2010).

Atualmente, o ponto de destaque de São João da Reserva é o seu Centro de Saúde, um hospital que se localiza nesta vila. Este hospital foi inaugurado em novembro de 1929, passando por ampliações em 1940 e 1964, tendo sido considerado o maior e melhor hospital rural da América Latina por volta dos anos de 1960 e 1970 (HAMMES, 2014, p. 414). O hospital continua em funcionamento até hoje.

**Figura 13 - Centro de Saúde da Vila São João da Reserva**



Fonte: Acervo da autora, 2014.

### **3.2.2 O desenvolvimento de São Lourenço**

#### **3.2.2.1 A importância do Arroio São Lourenço**

Como os colonos passam a cultivar e a produzir uma grande diversidade de produtos agrícolas, como batata, milho, feijão, animais e derivados (ovos e leite), estes produtos passaram a ser comercializados nas vilas e até para outros municípios. Os produtos eram transportados através da estrada, inicialmente por carroças, até a área do porto de São Lourenço, às margens do Arroio (LUCKOW, 2010).

Nessa mesma região do porto, surgem as Casas Comerciais que compravam os produtos dos colonos e os revendiam na vila ou para outros municípios, como Rio Grande e Pelotas, por exemplo.

Graças ao desenvolvimento da região portuária, a sede do município deixa de ser o Boqueirão e passa a ser em São Lourenço, em 1890 (BOSENBECKER, 2011).

Por volta do ano de 1938, São Lourenço possui uma importante frota mercantil lacustre, chegando a ser a maior de veleiros de carga do Rio Grande do Sul

(LUCKOW, 2010, p. 81).

A importância do porto ocorre a partir de dois empreendimentos: as casas comerciais, também chamadas de Exporthaus, e os estaleiros.

As casas comerciais, conforme já foi citado, atuavam na exportação e a na navegação, contando com armazéns, trapiches e iates próprios.

Os estaleiros, primeiramente, faziam apenas reparos nos iates e, em seguida, começaram também a sua fabricação.

Existem, ainda hoje, em São Lourenço, empresas que trabalham com a fábrica e a reforma de barcos nas margens do arroio e que ainda exercem suas atividades para os barcos dos pescadores e os de passeio, utilizados para o turismo na cidade.

O grande sucesso da navegação lacustre e da fabricação de barcos tem seu declínio a partir da década de 1950 (LUCKOW, 2010, p. 86). Nesse momento, a navegação dá lugar ao transporte rodoviário, principalmente devido ao incentivo do governo federal para a construção de rodovias, passando os produtos a serem transportados principalmente por caminhões. Juntamente com este fato, a cidade perde importância no contexto regional.

Atualmente, a navegação do arroio São Lourenço ocorre, basicamente, por pescadores e pelos iates que servem de lazer para seus proprietários. Além disso, como o turismo é uma das atividades econômicas mais importantes no município, tem-se também algumas escunas que proporcionam um passeio pela orla marítima da praia lourenciana, a partir do arroio.

Outra característica econômica importante que se inicia a partir dos anos 1920 e 1930 é a produção de arroz. A produção arroseira também leva a estabelecer, no porto, casas comerciais de compra e venda do produto e criam-se os engenhos de beneficiamento (LUCKOW, 2010).

O engenho localizado às margens do arroio São Lourenço encontra-se desativado, tendo sido afetado pela enchente de 2011, que destruiu grande parte de seus equipamentos de beneficiamento.

Além disso, a pesca continua sendo exercida por um grande número de trabalhadores que têm a atividade como sua principal renda familiar. Os seus pescados são comercializados pela COOPESCA (Cooperativa dos Pescadores de São Lourenço) que vende os produtos para a região, e pela indústria de propriedade particular, a JAPESCA, que comercializa o pescado industrializado para as diversas regiões do país.

### 3.2.3 Outros locais históricos de destaque

#### 3.2.3.1 A praça central e o seu entorno

A zona urbana lourenciana caracteriza-se por diversas praças já previstas na planta da cidade, desenhada pelo engenheiro alemão Carlos Othon Knüppeln, já em 1884, e que se mantém praticamente inalterada na projeção dos quarteirões e das ruas (HAMMES, 2010).

Entre estas praças, destaca-se a **Praça Dedê Serpa**, a praça central da cidade. Ela constitui-se de um amplo espaço arborizado, uma “pracinha” para diversão das crianças, um espaço aberto para a promoção de festas ou eventos e uma pista de *skate* muito aproveitada pelos jovens lourencianos.

**Figura 14 - Praça Dedê Serpa (praça central)**



**Fonte:** acervo da autora, 2014.

No entorno da praça, ainda preserva-se um prédio antigo, de dois pisos, que era a residência do engenheiro que projetou a cidade de São Lourenço, o Sr. Carlos Othon Knüppeln. Neste local, atualmente, funcionam a **Biblioteca Pública Municipal**,

um museu<sup>28</sup> e a Casa da Cultura.

Este prédio, além de ter uma arquitetura diferenciada, chama a atenção por ter tido várias funções ao longo da história. Ele já serviu de moradia, hospital, prefeitura, delegacia de polícia, sede da Brigada Militar, presídio, hospedaria e secretarias da administração municipal (HAMMES, 2010).

**Figura 15 - Prédio da Biblioteca Pública Municipal**



Fonte: acervo da autora, 2014.

### **3.2.4 Os museus**

#### **3.2.4.1 Museu Histórico de São Lourenço do Sul**

O Museu Histórico de São Lourenço do Sul foi fundado em 29 de maio de 1984, junto à Casa de Cultura, que funciona em um prédio construído em 1919, por imigrantes alemães, mantendo sua

---

<sup>28</sup> Os Museus e seu contexto histórico serão destacados em outro item.

arquitetura original. Vinculado à Coordenadoria de Cultura desenvolve diversas atividades, possui em torno de 300 peças em exposição e tem por objetivo maior a preservação da cultura local e da região. O arquivo histórico do museu está composto por documentos históricos, que mostram parte da história do município, dentre eles existem documentos oficiais da Prefeitura, documentos contábeis e atas de votação.

Além deste acervo de documentos, o arquivo possui um número significativo de fotos que retratam um pouco da história visual do município de São Lourenço do Sul. O acervo é oriundo de doações da comunidade, destacando-se as peças históricas e de mobiliário doadas por famílias tradicionais do município, instrumentos relacionados à tecnologia, ao trabalho e ao acervo pessoal do Dr. João Baptista Brauner, ex-prefeito, médico e militar que desempenhou importante papel no desenvolvimento do processo histórico do município. (informações: site da prefeitura municipal de São Lourenço do Sul).

#### **3.2.4.2 Museu Cultural Picada Pomerânia - Casa Hartmeister**

##### *Histórico do museu<sup>29</sup>:*

Em 1858, chegaram a Bom Jesus os primeiros agricultores pomeranos. Foi a partir deste ano que os imigrantes vindos da antiga Pomerânia (na Europa) começaram a povoar a região da Serra dos Tapes, no sul do Rio Grande do Sul. Muitos foram os desafios, todos encarados com muito trabalho e fé. Desbravaram o mato e construíram suas casas. Eram profundamente religiosos e trouxeram consigo a Bíblia, o Catecismo de Lutero, livros de orações e sermões e ainda o Hinário Bollhagen (pronuncia-se “ból-háguen”) – elaborado pelo teólogo pomerano Laurentius Bollhagen, que viveu entre os anos de 1683 e 1738 – com mil e quatrocentos hinos em língua alemã.

---

<sup>29</sup> As informações sobre o museu foram obtidas em conversas informais com as pessoas responsáveis pelo estabelecimento.

**Figura 16 - Fundação da Comunidade de Bom Jesus e Pomerânia**



**Fonte:** Acervo do museu Casa Hartmeister

Em 1868, foi fundada a comunidade “*Bom Jesus und Pommer Gemeine*” (Comunidade de Bom Jesus e Pomerânia). No mesmo ano, foi inaugurado o primeiro templo.

Como não havia pastores formados na região, o atendimento religioso passou a feito por professores e pastores leigos durante 33 anos. O primeiro pastor luterano ordenado, Johannes Hartmeister, vindo do Sínodo Missouri (EUA), foi instalado na congregação no dia 22 de dezembro de 1901.

**Figura 17 - Johannes Hartmeister e sua esposa Theodora**



**Fonte:** Acervo do Museu Casa Hartmeister

Em abril de 1903, seis pastores, reunidos numa Conferência Pastoral,

decidiram fundar um Instituto para a formação de pastores e professores. Este Instituto foi aberto em Bom Jesus, São Lourenço do Sul.

No dia 27 de outubro de 1903, começaram as aulas com uma matrícula inicial de três alunos, mas que logo subiu para cinco: Emílio Wille (Harmonia), Henrique Drews e Ewald Hirschmann (São Pedro), Frans Hoffmann (Santa Coleta) e Adolph Flor (Cruz Alta), que viajou dois meses para chegar em Bom Jesus.

O único professor do Instituto era o pastor local, Johannes Hartmeister, que também lecionava na escola paroquial no turno da manhã. O horário das aulas do Instituto era das 14h30min às 17 horas. Dois currículos diferentes foram elaborados. Um se destinava à formação de professores e o outro visava a formar pastores. Além de Bíblia, catecismo e hinário, os estudantes aprendiam alemão, história geral, aritmética, gramática, geografia, botânica, zoologia, latim e português.

Em junho de 1904, o Instituto de Bom Jesus foi reconhecido como uma instituição oficial do distrito brasileiro do Sínodo de Missouri na convenção fundadora desse distrito.

No início de 1905, Hartmeister viu-se obrigado a retornar aos Estados Unidos devido à doença de sua esposa, que ficara muito abalada pela morte de uma das filhas do casal, a menina Raquel. Consequentemente, o Instituto fechou as suas portas.

Em 1910, Emilio Wille e Adolph Flor se formaram pastores no Seminário Concórdia, de Springfield, nos Estados Unidos. Em 1912, Franz Hoffmann se formou professor e, em 1915, Ewald Hirschmann se formou pastor. Ambos concluíram seus estudos em Porto Alegre, onde o Instituto fora reaberto, em 1907, funcionando em duas casas alugadas. Em 1908, a escola recebeu o nome de Seminário Concórdia.

No ano de 1912, foi transferido para um prédio novo, de propriedade da Igreja, construído em terreno onde hoje se encontra o Colégio Concórdia de Porto Alegre. Em 1921, o Seminário Concórdia mudou-se para o hoje bairro Mont' Serrat, em Porto Alegre, onde ficou até ser transferido, em 1984, para São Leopoldo (RS).

**Figura 18 - Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) - atuais instalações em São Leopoldo – RS**



Fonte: Acervo do Museu Casa Hartmeister

**Figura 19 - Instalações da Comunidade Evangélica Luterana São João/Bom Jesus em 2008**



Fonte: Acervo do Museu, 2008.

O primeiro templo foi inaugurado em 1885 e a reforma com aumento do comprimento e torre com sino, em 25 de fevereiro de 1962.

### A Criação do Museu

Em 2008, em virtude da comemoração dos 105 anos do Seminário Concórdia, a Comunidade Evangélica Luterana São João foi desafiada a organizar um memorial e recebeu o incentivo do professor Paulo Wille Buss, nascido na localidade e doutor em Teologia. Assim, em 2 de novembro, após um culto campal, foi inaugurado o

Museu na Casa Hartmeister (antiga casa pastoral), reunindo a comunidade local, pessoas da região, líderes religiosos (pastor da Paróquia, Milton Vorpapel, o presidente da IELB, pastor Paulo Moisés Nerbas e o diretor do Seminário Concórdia, Gerson Linden) e políticos (Prefeito Municipal, José Sidnei Nunes Almeida; secretário de Turismo, Zelmute Oliveira). A organização do museu foi conduzida e realizada pelo presidente da Comunidade, Eduardo Thurow, e os casais Hedi-Renato Blank e Ileia-Rogério Krüger, que continuam com os trabalhos de administração e coordenação.

**Figura 20 - Peças em exposição no museu**



Fonte: Acervo do Museu, 2013.

É o único museu em atividade permanente no interior do município, atraindo muitos visitantes, atualmente. Na casa Hartmeister encontra-se uma diversidade de objetos pessoais, livros, documentos, instrumentos utilizados no atendimento médico, entre outros, permitindo a identificação de diversos aspectos históricos e culturais daquela região e do próprio município de São Lourenço do Sul.

#### **3.2.4.3 ICECI – Museu Casa da Imigração**

Está localizado no interior do município, na Coxilha do Barão, na casa construída por Jacob Rheingantz, para sua moradia, na ocasião da formação da

colônia de São Lourenço.

Para marcar os 150 anos da imigração alemã e pomerana em São Lourenço do Sul, em 2008, a comunidade Picada Moinhos, em parceria com a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio do município e uma equipe coordenada pela Fundação Simon Bolívar (FSB)<sup>30</sup>, trabalhou para dar forma ao projeto do Museu Casa da Imigração.

Nesse sentido, tem-se a intenção de criar um espaço para a preservação da memória histórica dos colonizadores, sua cultura, costumes e trajetória ao longo da história da imigração.

Parte importante do projeto foi a criação, em abril de 2008, do Instituto Cultural Educacional Casa da Imigração (ICECI) especificamente para responder pela gestão do futuro Museu a ser implantado naquela localidade.

Atualmente, a Casa da Imigração abre as suas portas para visitação somente na Festa Comemorativa da Chegada dos Primeiros Imigrantes Alemães-Pomeranos em São Lourenço do Sul (Janeiro) e na Festa do Colono (julho).

### **3.2.5 Os espaços de lazer**

Além dos locais apontados por terem a sua importância histórica na forma o e no desenvolvimento do município lourenciano, destacam-se também os espaços que têm significados especiais por serem utilizados ou valorizados por um certo grupo, fazendo parte, assim, do contexto cultural da popula o. Nesse sentido, são citados os seguintes:

#### **3.2.5.1 Os CTGs (Centro de Tradi es Gaúchas)**

Atualmente, existem dois CTGs em São Lourenço do Sul: o CTG Sep  Tiarajú e o CTG Galpão da Peonada.

- ✓ **CTG Sep  Tiarajú:**   fundado em 19 de abril de 1953, por um grupo de amigos ligados à pecuária do município. A princípio, funcionava num galpão junto à residência do tradicionalista Darci da Rosa. A sede própria do CTG,

---

<sup>30</sup> A funda o Simon Bolívar   uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com sede em Pelotas (RS), que possui projetos voltados para o desenvolvimento e a reafirma o da identidade histórico-cultural das comunidades da região em que está inserida.

onde se localiza até hoje, foi inaugurada em 1980, construída a partir de doações de materiais de construção por simpatizantes e associados do movimento tradicionalista. Neste local são realizados vários eventos, como fandangos, Semana Farroupilha, saraus, eventos sociais e apresentações da Invernada Artística.

- ✓ **CTG Galpão da Peonada:** Este segundo CTG foi fundado em 1986, por um grupo de amigos. Nos primeiros anos após a fundação, o grupo de amigos se reunia na Comunidade Católica Nossa Senhora Aparecida e suas atividades aconteciam nas dependências da própria comunidade. Quatro anos depois, eles conseguem construir a sua própria sede, onde está localizado até hoje.

Um fato interessante, segundo HAMMES (2010), é que “esse CTG, na realidade, foi criado com a intenção de proporcionar aos gaúchos mais simples e de menos recursos a possibilidade de poderem participar de uma sociedade não tão exigente como a outra mais antiga existente na cidade” (HAMMES, 2010, p. 194, v. 4). Hoje, ele é frequentado por toda a comunidade lourenciana que se identifica com as manifestações artísticas e culturais da cultura gaúcha.

É importante ressaltar também que, além dos CTGs que promovem as atividades ligadas à cultura gaúcha, é muito acentuada a presença dos chamados “piquetes”, que reúnem grupos de pessoas e se inserem nas atividades dos CTGs, principalmente, durante a Semana Farroupilha.

### 3.2.5.2 Galpão Crioulo

O Galpão Crioulo localiza-se no camping municipal de São Lourenço e foi inaugurado em 1996. Construído todo em madeira, possui uma ampla infraestrutura, podendo abrigar em torno de 4000 pessoas<sup>31</sup>.

Atualmente, por se tratar de um espaço bem amplo, vários eventos importantes do município são realizados no galpão, como o Reponte, a *Südoctoberfest*, shows, entre outros.

---

<sup>31</sup> Informações do site da prefeitura municipal [www.sãolourencosul.rs.gov.br](http://www.sãolourencosul.rs.gov.br). Acesso em 13/10/2014, às 14:05.

**Figura 21 - Galpão Crioulo**



Fonte: acervo da autora, 2014.

### **3.2.5.3 O *camping* municipal**

Localiza-se à margem direita do Arroio São Lourenço e às margens da Laguna dos Patos. O *camping* é mantido pela prefeitura municipal, possuindo uma área de 12 hectares, bastante arborizado e com uma infraestrutura para atender turistas que pretendem acampar à beira da praia<sup>32</sup>.

Neste local, está localizado o Galpão Crioulo, onde acontecem diversos eventos importantes, como os já citados anteriormente.

### **3.2.6 As festas e celebrações**

Da mesma forma em que se apontam características culturais já consagradas na história lourenciana, nos diversos itens desta pesquisa, as celebrações também possuem esta particularidade. São relatadas festas típicas e tradicionais ao mesmo

---

<sup>32</sup> Informações do site da prefeitura municipal [www.saolourencosul.rs.gov.br](http://www.saolourencosul.rs.gov.br). Acesso em 13/10/2014, às 14:35.

tempo em que são reconhecidas também as festas que são a identidade de determinado grupo, como pode ser observado nos próximos itens:

#### **3.2.6.1 Festa de São Lourenço**

A festa de São Lourenço, uma homenagem ao santo padroeiro da cidade, realiza-se anualmente no dia 10 de agosto, na Comunidade Católica São Lourenço, junto à Igreja Matriz, no centro da cidade.

As festividades são realizadas com as novenas, missas preparatórias e a festa comunitária no salão da comunidade. Geralmente são organizadas por casais festeiros e são eleitas rainhas e mini rainhas para representarem a festa.

#### **3.2.6.2 Festa dos Navegantes**

Realizada, anualmente, no dia 02 de fevereiro, possui sua ligação com o Arroio São Lourenço. Trata-se de uma festa tradicional, organizada pela Comunidade Católica Nossa Senhora dos Navegantes, nas proximidades do arroio. A culminância da festa se dá com a procissão lacustre em homenagem à santa padroeira, com a participação de um grande número de barcos de pescadores, reunindo um grande público, inclusive de pessoas que residem na zona rural do município. A referida festa foi apontada por um grande número de alunos como uma das mais importantes festividades do município.

#### **3.2.6.3 A Südoktoberfest**

A primeira edição da *Südoktoberfest* aconteceu em outubro de 1988, quando os integrantes do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein* chegaram à conclusão de que a dança era apenas uma das formas de resgatar os costumes e a cultura alemã no município de São Lourenço do Sul e arredores; que precisariam fazer mais, e foi a partir daí que surgiu a *Oktoberfest* do Sul do Estado, a *Südoktoberfest*, cujo nome significa Festa de Outubro do Sul. Neste ano de 2014, realizou-se a 27ª edição da festa.

Todo o reconhecimento adquirido através de cada uma das edições exigiu um aprimoramento da estrutura da festa. Inicialmente realizada na Sociedade Recreativa

Sete de Setembro, a festa teve de ser transferida na sua quarta edição para o Ginásio Municipal Nedilande Vargas Corrêa. O evento continuou a crescer e a partir disso o parque da *Südktoberfest*, dotado de uma estrutura física que compreende um ginásio e a sede social do *Sonnenschein*, ainda recebeu complementos, como praça de alimentação, copas e uma lona capaz de abrigar quatro mil pessoas. A partir de 2010, a festa realiza-se no Galpão Crioulo do *camping* municipal.

Além do trabalho dos integrantes do *Sonnenschein*, toda a estrutura, a organização e a realização da festa recebem o apoio de pais, amigos e familiares dos integrantes. No ano de 2009, criou-se a comissão organizadora da *Südktoberfest*, formada não mais apenas por integrantes, mas reaproximando ex-integrantes, amigos e pais, formando um grupo experiente, trabalhador, com ideias diferentes, e empenhado em realizar uma festa cada vez melhor para todos.

Tendo como objetivos principais a promoção, a preservação e a divulgação da tradição e das tradições alemãs/pomeranas, a *Südktoberfest* figura-se a cada ano como um local de encontro e confraternização entre famílias de descendentes de imigrantes e pessoas das mais diversas faixas etárias, moradores do interior e da cidade. Atividades como desfile de rua, apresentações folclóricas, jogos germânicos, comida e bailes típicos são desenvolvidas para que lourencianos e visitantes possam reviver a colonização de uma forma única e divertida, nos seus três dias de festa<sup>33</sup>.

#### **3.2.6.4 Festas do Colono**

Além da tradicional Festa do Colono e do Motorista, realizada anualmente na Coxilha do Barão, conforme já foi dito anteriormente, são realizadas inúmeras outras festas em homenagem ao colono no interior do município.

São festas realizadas por particulares, que possuem salões, ou até mesmo em comunidades religiosas, sempre em torno da data em que se comemora o Dia do Colono, 25 de julho.

É importante ressaltar que, atualmente, inclui-se, nas comemorações, a homenagem também aos motoristas, por serem estes os que transportam as mercadorias dos colonos.

---

<sup>33</sup> Informações do site oficial da festa [www.sudktoberfest.com.br](http://www.sudktoberfest.com.br). Acesso em 22/10/2014, às 17h.

### **3.2.6.5 Festas das comunidades**

Outra tradição bastante forte no município é a realização de festas conhecidas como “festas de comunidade”. Atualmente, grande parte das comunidades religiosas existentes no município, principalmente na zona rural, possuem grandes salões de festas. Desta maneira, tornou-se comum que a diversão e o lazer das pessoas, nos finais de semana, seja a visitação a estas festas realizadas nas comunidades.

As comunidades organizam-se e participam das festas “pagando” visitas. Estas festas têm uma programação variada, com cultos festivos, almoço, música típica, apresentações artísticas e baile. Em muitas festas ocorre a apresentação de corais<sup>34</sup> e de grupos de cantos, atividade também bastante tradicional nas comunidades.

### **3.2.6.6 Festa de Iemanjá**

A Festa de Iemanjá acontece na noite do dia 1º de fevereiro, na praia da Barrinha, em São Lourenço do Sul, tendo sido realizada a sua 35ª edição neste ano de 2014<sup>35</sup>.

A organização do evento é feita pela Associação dos Cultos Afros (ACA), de São Lourenço do Sul, com o apoio da Prefeitura Municipal, através da Coordenadoria da Cultura, visando à unificação dos centros de umbanda da região, contribuindo para a valorização dos cultos afro-brasileiros. São proporcionados espaços para a instalação das terreiras e dos diversos grupos religiosos e centros de umbanda que vêm de outros municípios para se acomodarem à beira da praia.

À noite, à beira da Laguna, são feitas cerimônias e rituais em homenagem à Iemanjá, considerada a Rainha dos Mares, pelas religiões da tradição afro, tendo como ponto culminante as oferendas dos fiéis que são conduzidas para a Laguna dos Patos.

É importante destacar que, além das pessoas que participam das religiões afro-brasileiras, uma boa parte da população lourenciana prestigia o evento.

---

<sup>34</sup> Ver Canto Coral.

<sup>35</sup> Informações no site da prefeitura municipal [www.saolourecodosul.rs.gov.br](http://www.saolourecodosul.rs.gov.br). Acesso em 25/10/2014, às 14:41.

### 3.2.6.7 Semana Farroupilha e Desfile Farroupilha

Durante os festejos da Semana Farroupilha, em setembro, os CTGs e os piquetes do município realizam atividades em comemoração à Revolução Farroupilha. São realizados fandangos, jantares típicos, rondas.

A culminância do evento é justamente o Desfile Farroupilha, realizado no dia 20 de setembro, em um percurso realizado por cavaleiros, no centro da cidade. O desfile se dá pela participação dos CTGs da cidade e visitantes, piquetes e participação de internadas e escolas.

**Figura 22 - Desfile da Semana Farroupilha**



Fonte: acervo da autora, 2014.

### 3.2.6.8 Carnaval

O carnaval lourenciano caracteriza-se pela realização de vários bailes em clubes sociais, mais o desfile de rua, realizado durante algumas noites nas ruas centrais da cidade. São realizados o desfile de blocos, de escolas de samba, de carros alegóricos e humorísticos e o desfile da corte do carnaval.

Existem registros sobre a realização de bailes de carnaval e desfiles de rua, em São Lourenço, a partir da década de 1920 (HAMMES, 2010).

Fato comum também era a realização de bailes de carnaval em salões da zona rural do município, algo que hoje já não ocorre.

### **3.2.6.9 Reveillon na praia**

O *reveillon* na praia é apontado como uma comemoração de destaque em São Lourenço, porque reúne grande parte da população à beira da praia, na madrugada das viradas de ano.

Além de ser um ponto de encontro entre famílias e amigos para comemorar a passagem do ano, o ponto alto é o *show* pirotécnico que ocorre. O *show* é organizado pela prefeitura municipal com o apoio de instituições privadas que colaboram no financiamento de recursos para o evento.

As famílias comemoram em suas casas, à meia noite, e vão “correndo” ver os fogos à beira da lagoa, que acontece uma hora depois da virada. A festa segue com shows musicais.

### **3.2.6.10 O Reponte**

O Reponte é um famoso festival de música nativista que reúne artistas do Rio Grande do Sul e de outras regiões do país e de países vizinhos.

Seu nome, inicialmente, era “Reponte da Canção Crioula”, com sua primeira edição em 1985. Acontece anualmente no Galpão Crioulo do *camping*, quando os músicos apresentam suas composições ao público e aos jurados, sendo os vencedores premiados em diversas categorias musicais.

Durante o festival, acontece também a Feira do Artesanato, uma mostra de produtos artesanais de artesãos locais, e *shows* nacionais, reunindo grandes públicos.

**Figura 23 - Reponte**



Fonte: Site da prefeitura municipal de São Lourenço do Sul, 2014.

### **3.2.6.11 O Moto Lagoa**

É um encontro de motociclistas de diversos lugares que se encontram na cidade de São Lourenço, à beira da praia.

Neste encontro, além do grande número de motos exuberantes, são realizadas várias outras atividades como *shows* e apresentações de motociclistas e desfile pelas ruas da cidade.

O encontro de motociclistas ocorre desde 1997 e no ano de 2000 passou a ser denominado de Moto Lagoa (HAMMES, 2010).

Até hoje, é um evento que reúne um grande público, movimentando o turismo da cidade, com presença de gaúchos, pessoas de outros estados e até mesmo de outros países, como o Uruguai, por exemplo.

### **3.2.6.12 A Feira do Livro**

A Feira do Livro Municipal é organizada pela Secretaria Municipal de Educação

e Cultura, sendo realizada, todos os anos, na praça central, com a exposição e venda de livros e outras atividades culturais. A feira do livro geralmente destaca escritores locais.

As escolas geralmente promovem visitas de seus alunos à feira, como forma de incentivo à leitura. Além disso, muitas escolas já promovem as suas feiras do livro internas, com produções dos próprios alunos.

### **3.2.6.13 As Festas e as celebrações da cultura local**

Abre-se este item com destaque especial para algumas festas ou celebrações relacionadas a determinado grupo cultural. Esta importância atribui-se às celebrações na medida em que significam momentos especiais nos quais os homens reafirmam laços de solidariedade, praticam a sociabilidade, harmonizando-se, se unem e, assim, constroem suas identidades sociais. Nessas ocasiões, as atividades humanas se voltam para a representação da existência de um grupo, revelando seus traços culturais (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008, p. 16).

As festas locais estão ligadas à valorização de manifestações populares que englobam traços e características particulares que distinguem cada região, tendo como base as suas raízes e tradições, recuperando, assim, o sentido de sua história.

Geralmente, estas celebrações estão ligadas a aspectos religiosos, relacionadas aos ciclos produtivos ou ainda podem ser formas de marcar momentos especiais da vida de uma pessoa junto à sua comunidade, como acontece, por exemplo, nos rituais de passagem para a vida adulta, como as festas de casamento e a Confirmação nas comunidades luteranas.

Como destaque, temos as seguintes:

#### **3.2.6.13.1 Festa da colheita**

Destaca-se por ser uma festa que comemora o sucesso do ciclo produtivo.

É tradição entre os membros das comunidades religiosas, de origem luterana, principalmente, na zona rural do município, a realização de um culto em agradecimento à colheita daquele ano. Para este culto, as pessoas levam e expõem, aos pés do altar das igrejas, alguns produtos que elas produzem em sua propriedade para serem abençoados.

É uma celebração tradicional que ainda ocorre anualmente nas comunidades

religiosas do interior do município e, inclusive, na comunidade do centro de São Lourenço, quando se realiza um almoço e uma festa comunitária em agradecimento às bênçãos daquele ano.

Até alguns anos, era tradição que o pastor da comunidade levasse os produtos ofertados pelas pessoas da comunidade para utilizá-los para consumo próprio. Hoje muitas comunidades passaram a doar estes produtos para instituições, como hospitais, escolas etc.

### **3.2.6.13.2 Casamento Pomerano**

Entre as festas tradicionais da cultura pomerana, presente em grande parte da população lourenciana, certamente o casamento merece destaque, pois mantém diversas características ao longo de várias gerações. Entre estas características peculiares estão vários costumes, como a organização da festa que fica a cargo dos pais dos noivos, na qual a família do noivo fica encarregada de arcar com as despesas das bebidas e da banda de músicas que irá animar a festa. A família da noiva, por sua vez, é responsável pela alimentação dos convidados e pela decoração da festa. Ainda é costume, em diversas regiões do interior de São Lourenço, que os vizinhos ajudem na organização da festa. Dessa maneira, os vizinhos costumam colaborar doando um frango para as comemorações, que é utilizado para a tradicional sopa de galinha.

Entre as diversas particularidades da festa ainda se preservam os aspectos relativos à culinária, como a sopa de galinha, já citada, e pelo “mocotó”, servidos logo na chegada dos convidados, seguido de churrasco e saladas e, no entardecer, o café colonial. Além disso, preserva-se a tradição das danças, como a dança do bolo e a dança da noiva. A primeira caracteriza-se pela dança dos casais, acompanhados pelos noivos, ao redor de um ou mais bolos que serão sorteados entre os participantes. A dança da noiva, por sua vez, caracteriza-se pela dança dos noivos com os convidados, tudo ao som de “bandinhas”, músicas típicas da cultura alemã e pomerana.

A festa começa pela manhã e só termina à noite, muitas vezes com doze horas de duração, regada por muito *chopp*, cerveja, refrigerantes e um cardápio muito farto.

### **3.2.6.13.3 A Confirmação**

A Confirmação, dentro da cultura pomerana, significa um rito de passagem dos jovens para a vida adulta, daí o seu destaque como bem cultural entre os jovens entrevistados.

O Ensino Confirmatório, dentro das religiões de origem luterana, equivale à Catequese da Igreja Católica, sendo que a Confirmação significa, no âmbito religioso, que o jovem confirma a sua própria fé perante a comunidade, através do ritual da Santa Ceia. Mas, por trás disso, culturalmente este rito tem um grande significado dentro da comunidade. O aprendizado adquirido através do Ensino Confirmatório, sob a autoridade do pastor, marca a passagem dos jovens para a vida adulta e para as escolhas que resultarão nas principais estratégias para o seu futuro, geralmente ligado ao mundo camponês. De acordo com a tradição, após a Confirmação, tanto meninas como meninos dominam o saber técnico para trabalhar na terra, podendo casar, ou optar pelo estudo, pois conhecem a lei da vida e seus valores, podendo então, a partir desse saber moral e técnico, traçar um dos vários caminhos que a vida proporciona (BAHIA, 2001; SCHNEID, 2012).

Dentre as diversas tradições que compõem as culturas lourencianas, estas se destacam. Mesmo estando ligado a uma etnia, grande parte dos grupos, que compõem a cultura local, percebem e reconhecem estas celebrações, identificando-se com elas.

### **3.2.7 As formas de expressão**

Como formas de expressão, foram identificadas algumas que expressam os modos pelos quais as comunidades ou grupos se expressam ou comunicam a sua cultura. Entre elas, destacam-se as danças, as músicas, a língua falada, os costumes, entre outros que serão abordados a seguir.

#### **3.2.7.1 Grupos de danças alemãs**

Os grupos de danças alemãs, em suas apresentações, caracterizam-se por danças típicas do folclore alemão e pelo traje que também remete à antiga tradição alemã.

Em São Lourenço do Sul, atualmente, há 3 grupos de danças desta categoria, sendo que o mais antigo e que serve de base para os outros dois é o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein*.

**Figura 24 - Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Sonnenschein**



Fonte: site oficial do grupo, 2013.

### 3.2.7.2 Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein*

Fundado em agosto de 1983, o G.D.F.A. *Sonnenschein*, em sua primeira apresentação, tinha apenas doze pessoas. Hoje, o grupo possui cerca de 130 integrantes, divididos em oito categorias: pré-mirim, mirim, infantil, infanto-juvenil, juvenil, adulta, livre e feminina, tendo sua sede localizada ao lado do ginásio municipal de esportes, no centro da cidade.

A partir do ano de 1988, o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein* cria a *Südktoberfest*, já relatada anteriormente, a qual é realizada até hoje, sendo a organização de responsabilidade dos integrantes do grupo de danças<sup>36</sup>.

Além deste, existem outros dois grupos no município: o *Lustige Freunde*, da Escola Municipal Francisco Frömming e o *Sternglanz*, das localidades de Santana e

---

<sup>36</sup> Informações do site oficial da festa [www.sudoktoberfest.com.br](http://www.sudoktoberfest.com.br). Acesso em 14/10/2014, às 17h.

Fortaleza, ambos do interior do município.

### **3.2.7.3 O grupo de danças folclóricas alemãs *Lustige Freunde***

Este é composto por alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Frömming. Com o objetivo de resgatar a cultura alemã, seus laços culturais, suas raízes, valorizando as origens e as tradições germânicas, o grupo tenta demonstrar, através das danças e de seus trajes típicos, alguns costumes trazidos por nossos antepassados.

O grupo surgiu no ano de 1998, sob coordenação da Prof<sup>a</sup> Janice Wetzel, composto por alunos das séries finais do ensino fundamental da Escola.

No ano de 2004, percebeu-se a necessidade de dar um nome para o grupo, passando a chamar-se *LUSTIGE FREUNDE* (Amigos Divertidos), denominação criada pelos componentes da época.

Em 2010, é criada uma nova categoria do grupo de danças, constituída por alunos das séries iniciais da escola, com idades de 7 a 10 anos.

Considera-se importante salientar que o grupo se renova a cada ano, quando outros alunos passam a integrar o grupo.

Desde o ano de 2000, o grupo tem como coordenadora a professora Márcia Bierhals<sup>37</sup>.

### **3.2.7.4 Grupo de Danças Folclóricas Alemãs e Pomeranas *Sternglanz***

Grupo de Danças Folclóricas Alemãs e Pomeranas *Sternglanz* é formado pelos jovens das Comunidades Evangélicas de Santana e Fortaleza. O mesmo foi fundado em 19 de agosto de 2009, a partir dos Grupos de Jovens destas comunidades. Desde então, encontram-se a cada quatorze dias, alternadamente, nas mesmas localidades. Recebem o apoio da comunidade e dos pais para a manutenção dos ensaios, assim como para a confecção dos trajes típicos. Todos os componentes são filhos de pequenos agricultores. O Grupo surgiu com a necessidade destes jovens em continuar suas atividades com a preservação e o resgate da cultura alemã com a qual tiveram contato na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Frömming, nas atividades culturais lá aprendidas em seu Grupo Folclórico de Dança Alemã.

---

<sup>37</sup> Informações coletadas em conversas informais com a equipe diretiva da Escola e da coordenação do grupo.

No passar dos anos, houve mudanças de componentes e uma renovação necessária devido à dedicação de muitos aos estudos e a outras atividades que não permitem a conciliação com os horários dos ensaios e apresentações. Conta hoje com oito pares e ainda mais dois meninos com traje. São sempre receptivos a novos integrantes em qualquer época do ano<sup>38</sup>.

**Figura 25 - Grupo de danças Sternklang**



Fonte: acervo do grupo de danças, 2012.

### 3.2.7.5 Invernadas gaúchas

As invernadas caracterizam-se por estarem ligadas à cultura gaúcha, geralmente relacionada aos Centros de Tradições Gaúchas, com a função de representar a cultura através de danças típicas. O município de São Lourenço do Sul possui algumas invernadas, principalmente ligadas aos CTGs já citados, em diversas categorias respectivas à sua faixa etária. Além disso, várias escolas possuem projetos ligados às danças folclóricas gaúchas, nos quais os alunos ensaiam e se apresentam em eventos a que são convidados.

---

<sup>38</sup> Informações coletadas em conversas informais com a coordenação do grupo de danças.

### 3.2.7.6 O hino do município

São Lourenço do Sul tem seu hino oficial a partir da Lei nº 2.794, de 25 de abril de 2006, sendo sua letra composta por Sergiomar Crespo Schild, música de Adão Quevedo, arranjos de Márcio Scher, tendo como intérprete Robledo Martins.

O hino destaca vários aspectos históricos e econômicos do município, sendo o refrão uma homenagem à beleza natural de São Lourenço, destacando a praia à beira da Laguna dos Patos.

#### Hino de São Lourenço do Sul

*Nossa terra desbravada  
Em Bravo ciclo colonial  
Emanada do labor viril  
Um povo forte surgiu.*

*Fértil o teu ventre solo  
É alento que sustenta,  
Ao transpor fronteiras  
É mão forte e atenta,  
Em pátria brasileira*

*Útil e seguro porto  
Aos Ideais Republicanos,  
Uma estrela cintilante  
É com brio que ufano  
Perfilando o Rio Grande.*

*Em tuas praias serenas  
Onde acenam coqueirais  
Meu brado forte ecoa:  
Te exalto cada vez mais,  
Minha “Pérola da Lagoa”!*

***A beleza natural  
Sob lindo céu azul,  
És a minha terra nata,  
Oh! São Lourenço do Sul***

**Fonte:** site da prefeitura municipal de São Lourenço do Sul- [www.saolourencodosul.rs.gov.br](http://www.saolourencodosul.rs.gov.br)

### 3.2.7.7 Língua pomerana e língua alemã

A língua é um fator determinante na identificação cultural de um grupo. Dessa maneira, como o município de São Lourenço do Sul tem em sua formação a participação de povos imigrantes, é natural que esta caracterização tenha destaque em seu panorama cultural.

Conforme já relatado neste trabalho, durante muito tempo os imigrantes originários da região da atual Alemanha eram considerados iguais, com as mesmas características culturais. Apesar disso, havia uma grande distinção entre as línguas

que falavam. Trata-se da diferenciação da língua alemã e da língua pomerana, pontos importantes para a diferenciação também de seus aspectos culturais.

Além da oralidade, que se caracteriza por uma grande diferença entre as duas línguas, sendo que os falantes de uma muitas vezes não compreendem a outra, tem-se também a questão da escrita. A língua alemã, obviamente, possui os seus signos e símbolos escritos, que já foram parte importante na história da formação de São Lourenço, na medida em que até os primórdios da década de 1940<sup>39</sup>, quando ocorre a Nacionalização do Ensino e a consequente proibição do ensino e da fala da língua alemã no país, atingindo também o município, o alemão era a língua falada e ensinada nas escolas, em várias regiões de São Lourenço.

Atualmente, o município adota uma política de reestruturação e revalorização desta língua, sendo ela uma das possibilidades de estudo de língua estrangeira para os alunos da rede municipal de ensino, além do inglês e do espanhol.

A Língua Pomerana, por sua vez, ainda falada por uma grande parte da população lourenciana, muito mais do que o alemão, é mantida somente pela oralidade, pois até então não tinha uma escrita.

Hoje, alguns pesquisadores de regiões brasileiras em que também existiu a colonização de povos pomeranos, tentam resgatar indícios da escrita pomerana, com o objetivo de que esta língua não se perca. O grande problema são as divergências entre estes pesquisadores sobre a sua forma de escrita, pois ainda não se chegou a um denominador comum sobre as formas utilizadas. Nesse sentido, há alguns anos foi lançado um dicionário e uma gramática de língua pomerana pelo linguista capixaba Dr. Ismael Tressmann, bastante utilizado, principalmente nas regiões pomeranas do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, outros pesquisadores não concordam com algumas orientações de Tressmann, surgindo daí as divergências.

Em algumas escolas do município, vem se fazendo trabalhos relacionados com a escrita pomerana, que esbarram na dificuldade de estabelecer um padrão para a sua escrita.

---

<sup>39</sup> A Nacionalização do Ensino ocorre no Brasil durante o governo do Estado Novo de Getúlio Vargas, em que há a proibição do uso de línguas que estivessem relacionadas aos países do Eixo na Segunda Guerra Mundial, inclusive, o alemão.

### **3.2.7 8 O Canto Coral**

[...] a oração e o canto eram as formas de expressão coletiva dos imigrantes, mesmo nos seus momentos mais tristes. Inicialmente sozinho, individualmente, ou em família, o canto constituía-se na maneira mais íntima de demonstrar saudade da pátria-mãe ou de tentar afastá-la, pois consta que na longa travessia do Atlântico, no século XIX, os viajantes encontravam forças para enfrentar o futuro, rezando e cantando (HAMMES, 2014, p. 429).

Nesta perspectiva, percebe-se a grande importância dada ao canto na cultura ligada aos imigrantes, preservada até hoje pelos seus descendentes.

Uma das tradições mais antigas relacionadas a isso é o Canto Coral, caracterizado por grupos de pessoas que se reúnem para cantar a 4 vozes. No princípio, os corais eram formados apenas por homens, constituindo os corais orfeônicos.

Hoje ainda existem os corais orfeônicos e outros corais com a participação de mulheres. As vozes femininas começaram a ser ouvidas a partir de 1978, criando-se os corais mistos (HAMMES, 2010).

O ponto alto deste aspecto cultural são os concursos de corais, nos quais os diferentes grupos dão o seu melhor, através de suas vozes, para ganhar o concurso. Para isso, ocorrem vários ensaios para a preparação, realizados principalmente à noite, depois que os agricultores concluíram sua jornada de trabalho e seus afazeres da vida rural, tornando-se um lazer para estas pessoas. Geralmente, tanto os cantores como os maestros que regem os corais são pessoas leigas em conhecimentos musicais, o que não diminui a qualidade ou o brilho do canto coral.

Os cantos apresentados são hinos religiosos, canções tradicionais da sua cultura ou música popular brasileira.

A primeira Sociedade Filarmônica ligada ao canto coral foi fundada no interior de São Lourenço, no ano de 1874, na localidade de Picada Moinhos, e até hoje se encontra em plena atividade. É a mais antiga do município, tendo suas atividades realizadas há mais de 140 anos (HAMMES, 2010).

### **3.2.7.9 A Capoeira**

A capoeira é uma expressão cultural brasileira que mistura arte marcial, esporte, cultura popular e música. Desenvolvida, no Brasil, principalmente por afrodescendentes, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando chutes e rasteiras, além de cabeçadas, joelhadas,

cotoveladas, acrobacias em solo ou aéreas.

Ao chegarem ao Brasil, os africanos perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e a repressão dos colonizadores brasileiros. Eram constantemente alvos de práticas violentas e castigos dos senhores de engenho. Quando fugiam das fazendas, eram perseguidos pelos capitães-do-mato, que tinham uma maneira de captura violenta. Os senhores de engenho proibiam os escravos de praticar qualquer tipo de luta. Logo, os escravos utilizaram o ritmo e os movimentos de suas danças africanas, adaptando-os a um tipo de luta. Surgia, assim, a capoeira, uma arte marcial disfarçada de dança. Foi um instrumento importante da resistência cultural e física dos escravos brasileiros.

Uma das suas principais características é a sua musicalidade. Os praticantes da capoeira aprendem não apenas a lutar e a jogar, mas também a tocar os instrumentos típicos e a cantar.

A capoeira também está presente entre os relatos dos alunos entrevistados para a pesquisa como forma de expressão cultural. Entre os grupos de capoeira existentes no município, o de maior destaque é o Grupo Filhos da Roda, que possui como coordenador, Daniel Soares, o Mestre Preto, o qual relata toda a parte histórica e cultural que envolve a prática da capoeira para as pessoas que praticam essa atividade.

Além disso, o Grupo Filhos da Roda compartilha sua forma de expressão, apresentando-se e oferecendo oficinas nos mais diversos locais, como Escolas, praças e outros locais públicos.

### **3.2.7.10 A religiosidade da cultura afro**

A religiosidade ligada à cultura afro-brasileira também está presente no município. Ligado a isto, tem-se o fato de que os rituais destas religiões são considerados bastante enraizados entre seus descendentes.

Durante a pesquisa, foram citados os terreiros e as casas de santos como locais que “guardam a história dos antepassados através dos orixás”<sup>40</sup> e que estão presentes entre os bens culturais de São Lourenço do Sul, sendo citados um pai de santo e duas

---

<sup>40</sup> Frase de Vanda, professora de história.

mães de santo<sup>41</sup> que praticam a umbanda no município.

### **3.2.8 Os saberes**

Os saberes, segundo o IPHAN, caracterizam-se por conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, constituindo-se de formas próprias de produção de algum bem ou realização de algum serviço.

Nesse sentido, os saberes apontados na coleta de dados estão relacionados aos modos de criar, fazer e viver das diversas comunidades que compõem a diversidade cultural do município de São Lourenço do Sul.

#### **3.2.8.1 A Pesca**

Além de ser caracterizada como um saber, a pesca, no contexto histórico e econômico de São Lourenço do Sul, está intimamente ligada à renda econômica do município. Devido à localização geográfica, a Laguna dos Patos proporciona o sustento de um grande número de famílias que vivem da pesca na lagoa. Da mesma forma, os pescadores necessitam conhecer o ofício para desfrutar de seus benefícios. A construção e a manutenção dos barcos, o preparo das redes de forma artesanal e dos demais equipamentos de pesca, o conhecimento dos ciclos adequados da pesca são alguns dos saberes necessários para o cotidiano do pescador. Estes saberes caracterizam-se muitas vezes pela tradição, passada para várias gerações.

#### **3.2.8.2 O Artesanato**

No município de São Lourenço do Sul, podem ser encontradas diversas atividades culturais ligadas ao artesanato.

O artesanato constitui-se como um patrimônio cultural imaterial, por meio de suas peças, artefatos e artigos de decoração, carregados de simbologia e identidade, traduzidas através de formas e estilos diversos, se manifestando como uma das formas artísticas mais importantes desse patrimônio, onde cada peça possui uma expressão própria de sentimentos e valores.

Dessa maneira, podem ser identificados diversos trabalhos artesanais importantes nas mais diversas comunidades lourencianas, que expressam, em sua

---

<sup>41</sup> Referindo-se ao pai de santo Jorge de Xangô, do Centro Ubirajara; à mãe de santo Clara de Oyá e à mãe de santo Zuleika Soares, todos atendendo no centro da cidade.

arte, o modo de ser e de organização muito representativa para aquele grupo de pessoas. O artesanato demonstra a cultura e a identidade de um povo, além de promover as características de cada grupo.

**Figura 26 - Modo artesanal de produzir balaios e cestos – Quilombo do Torrão – Faxinal – 2º distrito**





Fonte: Acervo da Autora, 2013.

**Figura 27 - A Estrela Pomerana – Santa Augusta - 2º distrito**





**Fonte:** Acervo da Escola Martinho Lutero, 2014.

A forma pela qual os artesãos criam e confeccionam as peças artesanais, os materiais e técnicas utilizados por eles retratam as particularidades e as características mais marcantes do grupo social, das tradições advindas de um conjunto cultural próprio e singular. É através desses elementos que o patrimônio cultural imaterial deve ser representado, apresentando o que há de mais identitário na cultura popular e no contexto social desses artesãos que emprestam suas marcas e sua visão do significado de “mundo”.

No caso de São Lourenço do Sul, citam-se como exemplos de artesanatos tradicionais a confecção da “estrela pomerana”<sup>42</sup>, dos “panos de parede”<sup>43</sup> e dos “balaios e cestas”<sup>44</sup>. É importante ressaltar que quaisquer desses exemplos citados passam pela mesma situação: não estão sendo praticados pelas novas gerações,

---

<sup>42</sup> A estrela pomerana era confeccionada pelas senhoras e moças da comunidade como forma de passatempo e lazer, usada para a decoração das casas. Feita com papelão e restos de tecidos que sobravam das costuras bastante comuns entre as famílias mais antigas. Sua confecção exige habilidade e tempo, razão pela qual está deixando de ser produzida, dando lugar às outras atividades diárias.

<sup>43</sup> Os panos de parede serviam para decorar as casas das famílias pomeranas, principalmente utilizados atrás do fogão à lenha. Eram bordados pelas mulheres com frases em alemão ou português, com temas de fé e esperança. Hoje são substituídas por outras peças decorativas.

<sup>44</sup> A arte de fazer balaios e cestas de cipós e outros materiais encontrados nas matas ainda se mantém em alguns locais do interior do município, ainda praticada por poucos artesãos. Na foto apresentada, a arte é mantida por um senhor que faz parte do Quilombo do Torrão, localizado no Faxinal, interior do município.

tendo como possível consequência a sua extinção. Ao mesmo tempo, percebe-se um interesse ou uma admiração a estes saberes, por terem sido citados na pesquisa realizada entre os jovens como patrimônio cultural do município.

### 3.2.8.3 A Culinária

A alimentação, para além de sua função biológica, cumpre papel essencial na constituição de identidades individuais e coletivas. Por meio da comida são transmitidos os valores, são rememoradas nossas raízes, reforçadas as relações afetivas, podendo haver vários significados, como comida da lembrança, do trabalho, da sobrevivência. No curso da história, notam-se as permanências e as mudanças nas práticas alimentares, ora como forma de preservar, ora como de criar relações e identidades estabelecidas pelos diversos grupos sociais. Desse modo, a culinária, o modo de produzir algum alimento, passa a ter importante papel nas comunidades em que se produzem.

Entre os apontamentos dos alunos sobre os saberes considerados importantes por eles, destacam-se principalmente os pratos típicos preparados geralmente pelas mães ou avós que remetem à tradição e à cultura pomerana ou alemã, e também à vida rural. Entre eles, destacam-se a *schimia*, a sopa de galinha, o bolinho de batata, o pão caseiro feito em forno de rua, os *waffles*, entre outros.

Estes pratos típicos, relatados pelos jovens, tanto da zona rural quanto da zona urbana, representam as memórias e as lembranças de momentos da infância ou de reunião de pessoas queridas, familiares. Em vários relatos, remete-se à cena em que a cozinha serve como ponto de encontro para estas lembranças. Ao redor da mesa, ao calor do fogão à lenha, sentindo o aroma da receita preparada pela mãe ou pela avó, entre o trabalho na roça e o “serviço da casa”. Cada prato é saboreado trazendo à memória as lembranças que marcaram a vida e lembram a história de cada um. Ainda hoje, continua-se preparando estas receitas, que passam de geração em geração, mantendo viva a cultura e a tradição.

A reflexão sobre estes apontamentos remete ao que já foi definido ao longo do texto como memória, lembranças, identidade. Nesse sentido, um prato da culinária pode representar, segundo as justificativas apontadas pelos alunos entrevistados, as boas lembranças da infância, de momentos de união entre as famílias.

**Figura 28 - “O fazer” pão colonial caseiro**



Fonte: Acervo da Escola Martinho Lutero, 2012.

**Figura 29 - Modo de fazer Schmier de melancia**



Fonte: Acervo da Escola Martinho Lutero, 2012.

**Figura 30 - Modo de fazer cuca colonial**

Fonte: Acervo da Escola Martinho Lutero, 2012

#### **3.2.8.4 A Agricultura**

A agricultura, no município de São Lourenço, a princípio era uma agricultura de subsistência, feita principalmente pelos colonizadores, com uma produção prioritariamente ao consumo na própria propriedade, sendo comercializado somente o excedente. Com o passar do tempo, esta produção aumentou e começou a ser exportada para várias regiões do estado, graças ao porto que existia às margens do Rio São Lourenço. A vila portuária adquiriu importância econômica, pois funcionava como entreposto comercial entre a colônia e as demais cidades lacustres do Rio Grande do Sul (HILSINGER, 2007).

Com a modernização da agricultura brasileira, houve a necessidade de buscar novas estratégias de reprodução social. Neste contexto, a fomicultura se afirmou como grande alternativa de renda para os pequenos agricultores do município.

Apesar destas mudanças no âmbito econômico da comunidade aqui estudada, as características culturais se mantêm entre estas gerações, principalmente no que se refere aos modos de viver, aos costumes, às festas, às tradições, entre outros.

A agricultura como forma de produção econômica (e principalmente o cultivo de tabaco - fumo) foi a atividade mais apontada pelos alunos da escola Martinho Lutero (rural) como um saber fazer de grande importância que, entre diversas justificativas, vale ressaltar a do aluno Anderson (8º ano) o qual diz que “o trabalho na agricultura, feito por minha família, é tão importante porque é um trabalho pesado e difícil, que muitas vezes não é valorizado, mas que nós temos orgulho de fazer”.

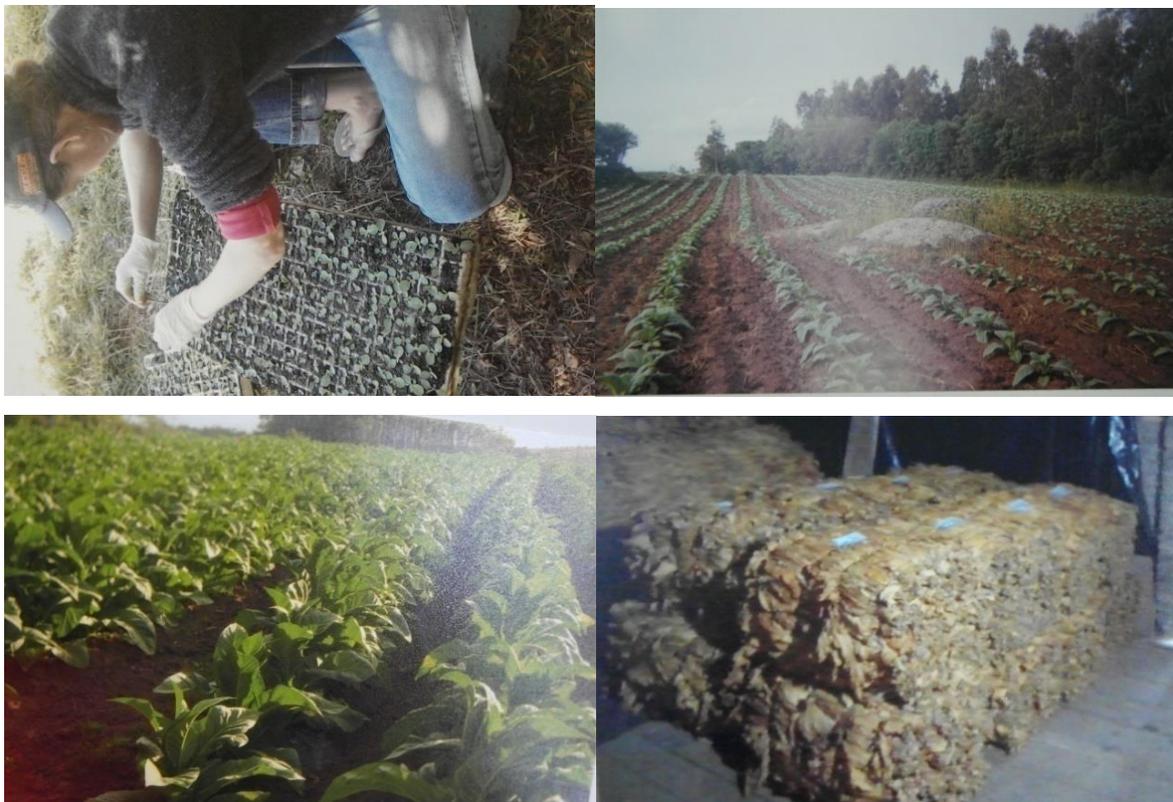
Além de ter a sua importância econômica, a agricultura representa uma ligação com a terra e a sua valorização, característica presente durante a história dos imigrantes da região e que ainda é bastante relevante para os jovens que vêm destas origens.

**Figura 31 - O trabalho na Agricultura**



Fonte: Acervo da Escola Martinho Lutero, 2013

**Figura 32 - Processo de produção do tabaco**



Fonte: Acervo da Escola Martinho Lutero.

### **3.2.8.5 Plantio de ervas e chás medicinais**

Sabe-se que diversos grupos ou povos carregam consigo a prática comum de seus antepassados com relação à utilização de plantas e chás como alternativa para a cura de enfermidades. Entre estes grupos destacam-se as comunidades quilombolas e as indígenas. Esta tradição também é bastante comum nas comunidades pomeranas.

Dessa maneira, esta prática foi apontada como de grande relevância para os aspectos da cultura local de São Lourenço do Sul, sendo ainda bastante praticada por grupos que possuem esta tradição na raiz de sua formação. O cultivo e a utilização das plantas medicinais é uma tradição que se mantém nestas comunidades. É uma tradição transmitida oralmente ao longo das gerações, na qual os indivíduos conhecem perfeitamente as plantas que utilizam, sabendo inclusive as enfermidades para as quais a planta é utilizada.

### 3.2.9 O patrimônio natural

De acordo com o IPHAN, a legislação estabelece que o patrimônio histórico e artístico nacional é constituído pelo conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja de interesse público, por sua vinculação aos fatos históricos memoráveis ou por apresentarem excepcional valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico.

De forma análoga a esses bens, aos quais são equiparados, são considerados os monumentos naturais, os sítios e as paisagens que importem conservar e proteger, pela feição notável com que foram dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana (IPHAN, 2004, p. 2).

Dessa forma, as paisagens naturais, embora não resultem da ação do homem sobre o ambiente natural, possuem significados que só o homem pode decifrar, visto sob a ótica cultural.

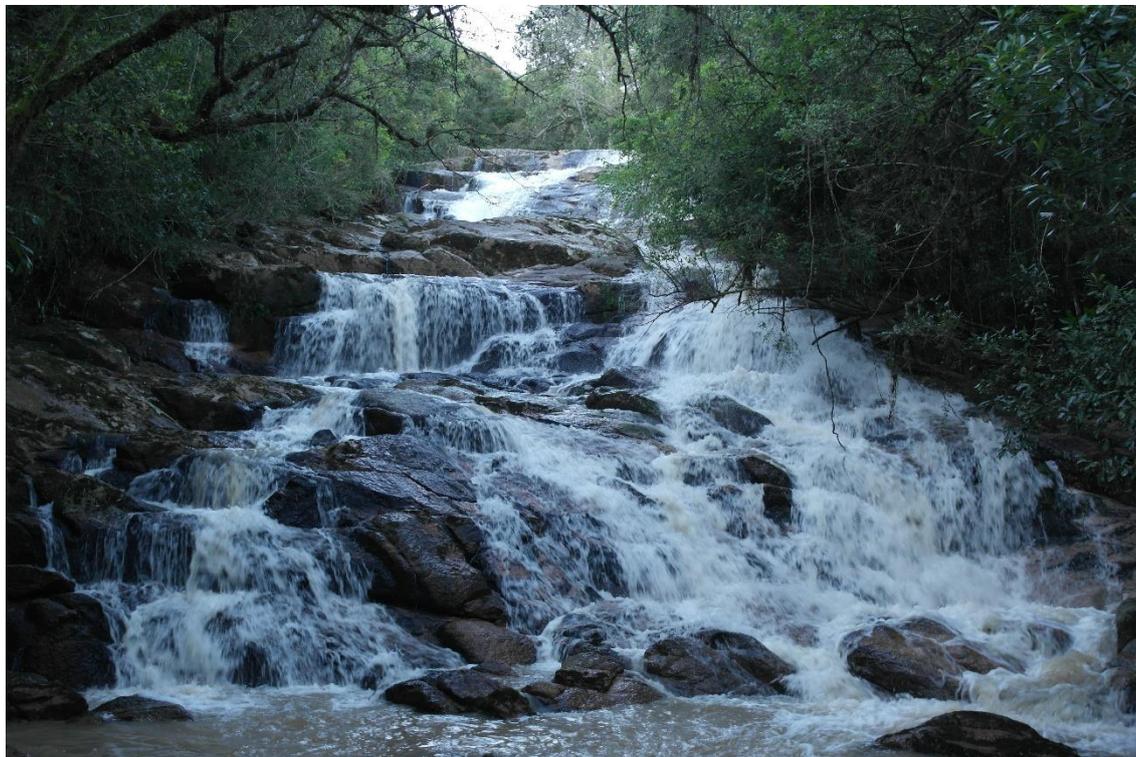
Por tudo isso, tem-se alguns registros de lugares/bens naturais identificados pelos jovens de São Lourenço do Sul. Geralmente, estes bens naturais representam também espaços de lazer e por isso têm essa representatividade e importância.

**Figura 33 - Pedra guardiã – na localidade de Sesmaria - 4º distrito**



**Fonte:** acervo da autora, 2014.

**Figura 34 - Cachoeira Salto Bonito – localidade de Sesmaria – 4º distrito**



Fonte: Acervo da autora, 2014.

**Figura 35 - A praia: bem natural, ponto de encontro e ponto de lazer**





Fonte: Acervo da autora, 2014.

### 3.3 Considerações importantes

Através da pesquisa e de todos os bens culturais identificados, foi possível perceber diversos olhares e assimilações acerca do patrimônio, tendo em vista que a cidade produz “inumeráveis interações e experiências do habitar e do narrar que expõem sutilmente os múltiplos traços de sua história, tornando paisagem urbana um documento a ser lido e decifrado pelos alunos” (FRAGA, 2010, p. 228).

Além disso, durante o processo de pesquisa, foi possível compreender a relevância da utilização da Educação Patrimonial na relação ensino/aprendizagem de História, já que esta permite a incorporação dos bens culturais no aprendizado histórico.

A participação dos alunos neste processo, através de seu olhar para a construção social do patrimônio, se tornou indispensável, pois não permite a imposição de pertencimento, mas sim uma percepção individual e/ou coletiva deles.

Neste sentido, criou-se a possibilidade de agregar bens culturais que fazem parte da história do município de São Lourenço do Sul, ao mesmo tempo em que se abre também a possibilidade de identificar bens culturais que contemplam ao máximo a diversidade dos grupos sociais que dela fazem parte.

Tem-se um resultado satisfatório na medida em que “a valorização dos bens já consagrados pela história oficial não seja reforçada, deixando de lado outras formas de expressão cultural existentes no espaço citadino” (FRAGA, 2010, p. 231).

Partindo do pressuposto de que patrimônio são elementos da cultura que ajudam a ligar uma comunidade ao seu passado, tanto do ponto de vista imaterial (costumes, festas, rituais) como do ponto de vista material (bens móveis ou imóveis), cria-se uma nova possibilidade, no município de São Lourenço, para que o local e

todos os seus aspectos culturais, nos mais diversos grupos, sejam valorizados, proporcionando ações que façam a população refletir acerca da importância de sua salvaguarda.

Por fim, acredita-se que a Cartilha<sup>45</sup>, que é fruto desta pesquisa, poderá proporcionar à rede de ensino do município de São Lourenço do Sul uma nova modalidade de ensino de História, amparada nos pressupostos da Educação Patrimonial que, até então, não era oficialmente conhecida no município.

---

<sup>45</sup>A Cartilha encontra-se na parte dos anexos desta Dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui desenvolvido é fruto de uma constante busca pela superação dos obstáculos que ainda são encontrados no cotidiano da sala de aula, com o objetivo de que a relação ensino-aprendizagem tenha como resultados o real entendimento do aluno sobre os processos que permeiam as relações humanas, com vistas para que este sujeito se torne um sujeito crítico, participativo, cujas ações estejam pautadas nas reflexões de suas ações e suas consequências para o mundo que o cerca.

Nessa constante busca na trajetória profissional ligada ao ensino, teve-se o primeiro contato com a Educação Patrimonial, cuja metodologia se mostra adequada à realidade em que se atua e para os objetivos que se buscavam. Foram percebidos indícios desta metodologia justamente no projeto já desenvolvido no processo de ensino/aprendizagem em que se atua, no qual se percebeu que esta ação prática tem o seu valor, tornando-se, ao longo de alguns anos, bastante representativa para a comunidade escolar onde está sendo desenvolvida.

Neste processo, detectou-se, então, a necessidade de ampliação e divulgação desta metodologia para um maior número de ações possíveis no município. Aliada a isso, tinha-se também a ideia de amparar o ensino da História local, do município, que carecia de recursos pedagógicos mais atualizados, problema este muito comentado entre os profissionais da educação que atuavam principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental.

Nesse sentido, buscou-se alternativas para contornar de alguma forma estes problemas. Tinha-se a ideia de que, além de um estudo teórico que resultaria na Dissertação, havia a necessidade de se propor algo a mais. Dessa forma, surgiu a ideia da criação de um material didático que pudesse ser utilizado no ensino de História local, tendo, como pano de fundo, a relação da população lourenciana com os bens culturais representativos para estas comunidades.

As incertezas quanto a esta possibilidade foram superadas a partir do momento em que surgiram os resultados da pesquisa, a qual proporcionava a passagem pelas etapas previstas pela Educação Patrimonial ao mesmo tempo em que fornecia os dados que seriam as fontes para o inventário de bens patrimoniais que (re)contariam a história de São Lourenço do Sul. E mais, com destaque para a diversidade cultural

bastante acentuada, percebida nos aspectos culturais apontados pelos alunos pesquisados, contemplando os mais diversos grupos culturais presentes na comunidade lourenciana, aspecto essencial para o ensino na atualidade.

Por outro lado, tinha-se bastante claro que, ao se trabalhar com a História local, era necessário estar atento ao fato de não reproduzir simplesmente a história do poder local e das classes dominantes ou limitando-se a conhecer apenas os personagens políticos de outras épocas, destacando somente a vida e a obra destes sujeitos. Além disso, a atenção para o cuidado de não se pautar na fragmentação dos espaços e dos temas estudados, impossibilitando que os alunos estabelecessem relações entre vários níveis e dimensões históricas, inviabilizando a construção de relações entre o contexto local, nacional e global.

Ao mesmo tempo, além dos aspectos econômicos e sociais importantes para a compreensão do processo histórico, era necessário que se encontrasse um caminho que fosse possível apreender o entorno do aluno, o meio social em que este se encontra inserido, por meio da percepção das permanências e das continuidades do passado no tempo presente; a história local. Esta possibilidade está prevista dentro da Educação Patrimonial de modo que suas fontes de estudo permitem a investigação da memória e da configuração das identidades, pautadas nos aspectos culturais presentes nestes espaços; em outras palavras, a ideia consistiria em trabalhar com a “história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado” (BITTENCOURT, 2009, p. 168).

Com base nesta percepção das relações sociais, foi que surgiram as diversas possibilidades de se compreender as experiências do vivido e do tempo presente e que se inscreve o valor do Patrimônio Cultural e, portanto, lugar comum dos elementos constituintes do discurso teórico-metodológico utilizado pela Educação Patrimonial.

Por fim, acredita-se que a relevância deste trabalho se encontra no lançamento da proposta da metodologia da Educação Patrimonial para o município, proporcionando meios de divulgação e ampliação desta proposta para os mais diversos espaços educativos, através da utilização da cartilha indicada e a sugestão de atividades propostas na mesma, amparadas na metodologia sugerida. Além disso, torna-se importante ressaltar a proposição de oficinas para a apresentação desta metodologia para os professores que atuam nestas áreas na rede de ensino. Destaca-

se que se pretende fazer isto durante a apresentação do livro didático aos profissionais de ensino, já que está confirmada a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Lourenço do Sul para a utilização efetiva deste material nas escolas do município.

Nesse sentido, dá-se um passo inicial, apresentando-se um novo campo de possibilidades de ensino de História local, em que as culturas populares, expressas nos bens materiais e imateriais, imprimem variados sentidos às identidades culturais, constituindo um aporte vivo e dinâmico do patrimônio cultural das mais distintas sociedades, representadas através de jogos, danças, rituais, sistemas culinários ou artesanais, entre outros. Enfim, a acepção da identidade cultural pressupõe a existência de relações estabelecidas entre o individual (eu) e o coletivo (outro).

Portanto, a Educação Patrimonial pode despertar o sentimento de salvaguarda do patrimônio cultural, possibilitando a identificação das relações de pertencimento de modo a auxiliar na preservação da memória e dos lugares de memória. Dito de outra forma, se permite, assim, que o aluno se torne um sujeito crítico, reflexivo e participativo, por meio da interação do aprendizado histórico, estimulando-o ao interesse pela História.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

BAHIA, Joana. **A “lei da vida”: confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos**. In: Educação e pesquisa. São Paulo: 2001.

BARBOSA, Vilma de Lourdes. **Ensino de história local: redescobrimos sentidos**. In: SAECULUM – Revista de História [15]. João Pessoa, jul/dez. 2006.

BARCELOS, Arthur; SCHIAVON, Carmem. **Patrimônio e ensino: experiências e investigações docentes. O desafio da Educação Patrimonial**. In: *Ensino de História no Conesul: Patrimônio Cultural, territórios e fronteiras*. Jaguarão: Evangraf/Unipampa, 2013.

BARROS, C. H. F. **Ensino de História, memória e história local**. Rev. Hist. UEG Porangatu, v.2, n.1, p.301-321, jan./jul. 2013.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BEZERRA, Holien Gonçalves. **Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos**. In: KARNAL, L. (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010, pp.37-48.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. Editora Cortez: São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2009. (Coleção Repensando o Ensino).

BOSENBECKER, Patrícia. **Uma colônia cercada por estâncias: imigrantes em São Lourenço do Sul/RS (1857-1877)**. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011, 170 pgs.

BRASIL, Lei nº 9.394/96 – **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 20 dez. 1996, Artigo 22.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos** – História. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 3º e 4º Ciclos** – História. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL/MEC/SEF. **Coleção explorando o ensino de história: Ensino Fundamental**. Volume 21, 2010.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1997.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008, pp. 78-84.

CAINELI, Marlene. **O que se ensina e o que se aprende em História**. In: OLIVEIRA, Margarida Dias. *História: ensino fundamental – Brasília: MEC*, 2010.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Vol.II.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas e instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CERRI, Luis Fernando. **Currículos de pedra, patrimônio histórico e ensino de história: notas para a pesquisa e o ensino**. In: Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR “Patrimônio Histórico do Século XXI”. Jacarezinho, 21 a 24 de maio de 2008.

CHARTIER, Roger. **A nova história cultural existe?** In: PESAVENTO, Sandra. **História e linguagens**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 39-40.

COARACY, Vivaldo. **A Colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz**. São Paulo: Saraiva S.A., 1957.

COSTA, Jairo Scholl. Origens históricas do município. In: COSTA, Jairo Scholl. et al. **São Lourenço do Sul 1884-1984**. São Lourenço do Sul: Corag, 1984.

\_\_\_\_\_. **Navegadores da Lagoa dos Patos: A saga náutica de São Lourenço do Sul**. São Lourenço do Sul: Hofstatter, 1999.

FERREIRA, Maria Letícia M. **Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado**. In: Revista Historiae, Rio Grande, publicado em 26/09/2012.

FRAGA, Hilda J. **A cidade como documento de ensino de história**. In: POSSAMAI, Zita Rosane (org.). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

\_\_\_\_\_. **Percursos docentes em lugares de memória**. In: *Ensino de História no Conesul: Patrimônio Cultural, territórios e fronteiras*. Jaguarão: Evangraf/Unipampa, 2013.

\_\_\_\_\_. **Educador@s sociais de rua: labirintos dos (res) sentimentos do visível e invisível da cidade de Porto Alegre**. 2010. Tese de Doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GILL, Carmem Zeli; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **A docência em História: reflexões e propostas para ações**. Erechim: Edelbra, 2012.

GRUNBERG, Evelina. **Educação Patrimonial: utilização dos bens como recursos educacionais. Cadernos do CEOM, Chapecó, SC, Argos, nº12, 2000, pp.159-180.**

\_\_\_\_\_. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial.** Brasília, DF: IPHAN, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMMES, Edilberto L. **A imigração para São Lourenço do Sul: da formação de sua colônia aos primeiros anos do Sesquicentenário.** São Leopoldo: Studio Zeus, 2014.

\_\_\_\_\_. **São Lourenço do Sul, radiografia de um município: das origens ao ano 2000.** São Leopoldo: Studio Zeus, 2010. Vol. 1, 2, 3 e 4.

HARTOG, François. **Tempo e patrimônio.** In: *Varia Historia*. BH: v. 22, n.36, jul./dez. 2006, pp. 261–273.

HILSINGER, Roni. **Os efeitos do PRONAF no setor primário de São Lourenço do Sul – RS – 1996-2006.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, 231 pgs.

HOLZ, Clarisse Rosa; KÖNZGEN, Lídia Lisboa. **São Lourenço do Sul na sala de aula: Geografia e História.** São Lourenço do Sul: 2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

IEPSEN, Eduardo. **Jacob Rheingantz e a colônia de São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história.** Dissertação (Mestrado em História). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008. 280 pgs.

IPHAN. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos.** Brasília, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=42406>>, acesso em 23/02/2014, às 14:40h.

KARNAL, Leonardo (org.). **História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas.** São Paulo: Contexto, 2010.

LIMA, Maria Imaculada Fonseca. **Paisagem, terror e sistemas agrários: um estudo em São Lourenço do Sul.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande

LUCKOW, Daniele Behling. **Arquitetura urbana e inventário: São Lourenço do Sul – RS.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010, 484 pgs.

MALTZAHN, Paulo César. **A construção da Identidade Étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais).** Tese (Doutorado em

História Cultural). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, 335 pgs.

MEDEIROS, Maria; WITT, Nara; POSSAMAI, Zita. **Leituras da Cidade: aprendendo a olhar Porto Alegre**. In: GIL, Carmem Z.; TRINDADE, Rhuan Targino (orgs.). Patrimônio Cultural e Ensino de História. Porto Alegre: Edelbra, 2014.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Margarida Dias de. **A História nas salas de aulas brasileiras**. In: *Coleção explorando o ensino: História – ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. pp. 9-16.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanesi. **O que e como ensinar? Por uma história prazerosa e consequente**. In: KARNAL, Leandro (Org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010, pp.17-36.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Leituras da cidade: educação para o patrimônio**. In: III encontro nacional de estudos da imagem, 03 a 06 de maio de 2011, Londrina.

POSSAMAI, Zita. **Cidade: escritas da memória, leituras da História**. In: POSSAMAI, Zita. *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

PROST, Antoine. **Social e cultural indissociavelmente**. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (org). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 134-137.

RHEINGANTZ, Carlos G. Jacob Rheingantz (1817- 1877). **Fundador da Colônia de São Lourenço. Seus ascendentes e descendentes**. Separata da Revista Genealógica Brasileira. São Paulo, II Ano, nº 4, 1941.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Ed. Globo, 1969, 2v.

SALOMONI, Giancarla (Org.). **Os Pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul**. Ed. Universitária: Pelotas, 1995.

SCHIAVON, Carmem G. Burgert. **Patrimônio e desenvolvimento em debate: as atividades do programa de educação patrimonial da FURG**. In: MAGALHÃES, Leandro Henrique; MORAES, Vanda (Org). *A construção das políticas patrimoniais das cidades novas*. Londrina: Ed. da UNIFIL, 2011.

SCHNEID, Carla R. **Ensino Confirmatório: aspectos locais da educação de jovens pomeranos**. Trabalho de conclusão da Especialização de Jovens e Adultos. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. 48 pgs.

THUM, Carmo. **Educação, História e Memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes**. 2009. Tese de Doutorado, UNISINOS, São Leopoldo, 2009.

## **FONTES**

Projeto Pomervida desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero – São Lourenço do Sul

## **ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:**

<http://www.saolourencodosul.rs.gov.br>

<http://www.sudoktoberfest.com.br>.

[http:// www.ag21pddis.cjb.net](http://www.ag21pddis.cjb.net)

[http://pt.wikipédia.org/wiki/ficheiro:RioGrandedoSul\\_Municip\\_saolourencodosul.svg](http://pt.wikipédia.org/wiki/ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_saolourencodosul.svg)>

<http://www.cidades.ibge.gov.br/>

[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso\\_maiseducacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf)

## **ANEXOS**

## ANEXO 01: material para pesquisa dos bens culturais

### PATRIMÔNIO CULTURAL

O patrimônio cultural pode ser conceituado como o conjunto de bens culturais presente na história do grupo, que foram transmitidos entre várias gerações. Ou seja, são os bens culturais que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e aqueles que viveram muito tempo antes delas. São bens que se quer transmitir às próximas gerações.

De acordo com a Constituição de 1988:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV- as obras, os objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Ministério da Cultura, Brasília, 2000).

Os bens patrimoniais podem ser classificados em: celebrações, saberes, formas de expressão, lugares e objetos, entre outros.

**LUGARES:** são espaços que têm significados especiais por serem utilizados ou valorizados por um certo grupo. Pode ser, por exemplo, uma construção, um rio, um bosque, uma praça, etc.

**OBJETOS:** São bens móveis de uso cotidiano e podem estar em nossas casas, nas ruas, na escola, nos locais de culto, etc. Podem ser objetos que foram importantes em determinada época para uma comunidade.

**CELEBRAÇÕES:** são momentos em que as pessoas se reúnem para fazer uma celebração, e esta pode ter diferentes motivações: religiosas, lazer, para comemorar datas especiais para o local, cidade, estado ou país.

**FORMAS DE EXPRESSÃO:** são maneiras pelas quais uma comunidade expressa ou comunica sua cultura. Pode ser a língua falada, artesanato, fotografias, pinturas, dança, teatro, lendas, mitos, contos, cânticos, orações, costumes, hinos religiosos, músicas, etc.

**SABERES:** são formas próprias de produção de algum bem ou realização de algum serviço. Podem ser receitas de comida, modos de produção de algum objeto, modos de plantar, etc.

Com base nestas informações, identifique quais são os bens patrimoniais que você considera mais representativos na sua comunidade ou no seu município.

*Sua colaboração é muito importante! Desde já, agradeço!*

#### DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO:

Nome: .....

Cidade onde reside: .....

Data: .....

Escola: .....

Turma: .....

**DADOS PARA O INVENTÁRIO PATRIMONIAL EM SÃO LOURENÇO DO**  
**SUL**

**RESPONDA ÀS SEGUINTESS QUESTÕES:**

**1) LUGARES:**

a) Um lugar que você considera importante:

--

b) Onde fica localizado?


c) Por que este lugar é importante?


**2) OBJETOS:**

a) Um objeto que você considera importante:

--

b) Onde este objeto está localizado?


d) Por que ele (objeto) é importante?


**3) CELEBRAÇÕES OU FESTAS:**

a) Uma celebração que você considera importante:

--

b) Onde esta celebração é realizada?


c) Por que você a considera importante?


**4) FORMAS DE EXPRESSÃO:**

a) Uma interessante forma que você considera de um determinado grupo se expressar:

--

--

b) Onde ou por quem esta expressão é falada?


c) Na sua opinião, por que esta expressão é importante?


**5) SABERES:**

a) Indique algum modo de fazer algo que você considera interessante:


b) Onde e por quem é feito:


c) Por que você considera este fazer importante?

**Muito Obrigada!**

**Anexo 02:**

Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero  
**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, VOZ, OBJETOS, HISTÓRIAS**

Autorizo por meio deste termo o direito de divulgar, utilizar e dispor, na íntegra ou em partes para fins institucionais, educativos, informativos, técnicos e culturais, os materiais por mim e minha família disponibilizados, as histórias narradas e/ou escritas, as fotografias e as imagens de vídeos e sons de voz relativos às pesquisas e trabalhos realizados na escola e comunidade.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

**ANEXO 3:**

Rio Grande, 24 de junho de 2014.

## CARTA DE APRESENTAÇÃO

Por meio desta, apresento a mestrandia Carla Redmer, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), a qual se encontra em fase de levantamento de dados (pesquisa) para a conclusão da sua Dissertação de Mestrado intitulada “Educação Patrimonial: projetos de ensino por meio de bens patrimoniais do Município de São Lourenço do Sul”.

*Carmem G. B. Schiavon*  
Profa. Dra. Carmem G. Burgert Schiavon  
Orientadora